

MIGUEL NUNO MERCÊS DE MELLO DE ALARCÃO E SILVA

EDWARD QUILLINAN E PORTUGAL

Dissertação de Mestrado em Estudos
Anglo-Portugueses apresentada à Fa-
culdade de Ciências Sociais e Huma-
nas da Universidade Nova de Lisboa



L I S B O A

1 9 8 6

- 26438

A G R A D E C I M E N T O

À Senhora Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa, desejaríamos poder expressar o mais vivo obrigado pelas inúmeras sugestões, pelo apoio indefectível e pela total disponibilidade que sempre nos dispensou.

Sentimo-nos também particularmente gratos à Dra. Sharon Ann Jaeger, antiga leitora do Departamento de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa. Ao seu empenhamento e à sua generosa colaboração, ficamos a dever, nomeadamente, o acesso, através de microfilme, à primeira obra de Edward Quillinan: *Ball Room Votaries*. Trata-se de um texto de grande raridade que não foi possível localizar sequer nas bibliotecas britânicas onde tivemos ensejo de trabalhar.

Agradecemos também ao Dr. Pere Ferré toda a pesquisa que pronta e entusiasticamente empreendeu, bem como as preciosas indicações respeitantes à balada portuguesa "O Duque de Alba". Com a sua preparação de doutoramento em fase final, só a grande afabilidade e solicitude do Dr. Pere Ferré nos poderia, de facto, ter encorajado a acrescentar aos seus afazeres as interrogações e perplexidades próprias de quem começa.

À Dra. Maria João da Rocha Afonso, compete-nos agradecer a espontaneidade com que se prontificou a rever as pro

vas tipográficas e, bem assim, a atenção e a minúcia que revelou no decurso de tão fatigante tarefa.

Uma palavra ainda para a Sra. D. Maria de La-Salette, pela perfeição e rapidez com que dactilografou um manuscrito sempre sujeito a eventuais alterações e quebras de ritmo.

E, se mais razões não houvesse, teríamos afinal que agradecer aos nossos Pais, lembrando Virginia Woolf, essa condição imprescindível ao exercício de escrita, que é *A Room of My Own*.

S U M Á R I O

Até ao século XIX, o conhecimento de Portugal na Europa é essencialmente veiculado por relatos de viajantes que privilegiam os aspectos pitorescos, históricos e políticos.

A LITERATURA PORTUGUESA NO ESTRANGEIRO procura destacar a divulgação do nosso património literário em Inglaterra, tanto através desses relatos como de traduções.

Viajante e tradutor foi Edward Quillinan. O HOMEM E O ESCRITOR estuda a sua vida e actividade literária em geral. Por sua vez, LEMBRANÇAS DE PORTUGAL isola a parte da sua obra que, de alguma maneira, incide sobre aspectos da nossa cultura.

UMA VISÃO DE ROMANCE analisa em pormenor a narrativa *The Sisters of the Douro*, onde a literatura portuguesa é pela primeira vez sistematizada por um autor britânico e de forma um tanto inesperada.

EM JEITO DE CONCLUSÃO deixa a imagem de Quillinan como lusofilo a quem um melhor conhecimento do país permitiu transmitir uma visão mais fiel, objectiva e completa da realidade e da cultura portuguesas.

Um trabalho desta natureza - dissertação de Mestrado - teria forçosamente de reflectir, de alguma maneira, todos os conhecimentos adquiridos e todas as leituras e investigações efectuadas durante os dois anos do Curso, que decorreu sob orientação da Prof. Doutora Maria Leonor Machado de Sousa.

Tomando como objectivo principal a descoberta e o estudo interpretativo de relações inter-actuates entre dois domínios sô aparentemente estanques e autônomos (os Estudos Portugueses, de um lado, e os Estudos Ingleses, de outro), o tópico valorizado terá sido certamente a análise da imagem de Portugal, tal qual a formaram e difundiram posteriormente os viajantes e autores ingleses que nos visitaram entre os finais do século XVIII e os princípios do século XIX. Praticamente comum a todos eles era, sem dúvida, o modo como essa difusão se processara: através de relatos de experiências reais do autor, prontamente convertido em narrador, e que, por qualquer motivo, o tivessem impressionado (pela surpresa, agradável ou desagradável, pela novidade ou pelo anacronismo, etc.). Na base da selecção das experiências e afinal da própria necessidade de contar, esconde-se o sentimento, talvez inconsciente, da diferença, que se traduz na estranheza perante o "Outro", que se distingue do "Eu" ou que se lhe opõe por vezes. A complementar a inevitável pessoalidade deste tipo de textos, foi, porém, pos

sível encontrar informações mais neutrais, designadamente de carácter político, histórico e, embora em grau menor, também literário.

Foi precisamente a existência de uma visão predominantemente literária de Portugal em *The Sisters of the Douro* que começou por nos despertar a atenção para esta obra praticamente desconhecida e inexplorada, cujo autor, Edward Quillinan, só de longe em longe é tirado do esquecimento, mesmo no domínio em que a sua actividade, como procuraremos justificar, assume proporções de alguma importância - a divulgação em Inglaterra de literatura portuguesa -, tornando-o merecedor de justos elogios.

Um segundo aspecto, igualmente intrínseco à obra citada, prende-se com o seu género. Não se trata de um relato ou diário de viagens, mas sim de uma narrativa inteiramente ficcional, que integra um capítulo (o quinto) no qual são evocados numerosos autores portugueses, muitos dos quais certamente desconhecidos do grande público inglês, e respectivas obras. Por conseguinte, existe uma intenção didáctica subjacente que não deverá ser esquecida nem menosprezada.

À medida que a nossa pesquisa se foi alargando e desenvolvendo, verificámos, com alguma surpresa, a existência de um *corpus* de textos de origem, género e temática vários, porém unidos pela circunstância de todos eles se relacionarem com Portugal, em termos gerais, e com a nossa literatura em particular.

Para além do natural despertar da curiosidade, a permanência e a nitidez deste cordão umbilical levaram-nos a formular as seguintes questões: como e porque terá surgido o inte-
resse de Edward Quillinan por Portugal e pela cultura portu-
guesa? Qual a sua contribuição e importância no quadro das relações culturais luso-britânicas?

Temos para nós que todo e qualquer património assenta em sucessivas heranças. No caso da literatura portuguesa, ha-
veria pois que começar por procurar quais as fontes que Quil-
linan poderia eventualmente conhecer e utilizar, por lhe te-
rem despertado o interesse, solidificado conhecimentos ou es-
timulado o estudo e a reflexão. O nosso primeiro passo foi,
pois, a procura e ordenação de materiais preferencialmente in
gleses (mas não apenas, por razões que serão explicadas mais
tarde) de que o público pudesse ter conhecimento até 1841, ano
de publicação de *The Conspirators*, obra que inclui *The Sisters*
of the Douro.



Até à data atrás citada, existem já alguns estudos que
permitem documentar o interesse e a curiosidade que as litera
turas meridionais, designadamente a portuguesa, suscitam por
parte dos eruditos, fenómeno para o qual convergem dois moti-
vos de base: por um lado, a preocupação do enciclopedismo e
do universalismo que de algum modo assinalaram a actividade

intelectual durante a segunda metade do século XVIII; por outro, e posteriormente, o conceito de exotismo, tão ao gosto romântico e fundamental para o enquadramento do fascínio pelos países do Sul da Europa em todas as suas manifestações (história, literatura, arte, *modus vivendi*...) e que o fenómeno da viagem, demanda da expressão cultural e civilizacional que recobre o desconhecido ou o diferente, permitiu alargar e objectivar em determinados países.

Um factor determinante do gosto pelo exótico terá sido a divulgação na Europa de *As mil e uma noites*, traduzidas para francês por Antoine Galland em 1704 e logo para inglês, numa versão anónima com base na francesa, com o título de *Arabian nights entertainment*, publicada em 1706.

Ao olhar encantado do europeu revelou-se então um universo de magia e de mistério, pleno de colorido, sensualidade e fantasia. A moda do orientalismo, ponto directo desse encantamento, manifestar-se-ia numa autêntica febre de reconstituição ou sugestão desse mundo aliciante recém-descoberto, vindo a marcar todas as artes.

Tendo em linha de conta estas circunstâncias, não será de estranhar a enorme afluência de viajantes ingleses a Portugal e a Espanha, países inicialmente excluídos da *Grand Tour*¹, na medida em que a permanência árabe fora neles particularmente duradoura e, portanto, mais visível e profunda a sua influência, designadamente no domínio da arquitectura civil e militar.

No que diz respeito à literatura, um primeiro sinal deste rasgar de horizontes é dado pelo aparecimento, um pouco por toda a parte, de "quadros" ou "tâbuas cronológicas" que possibilitam uma leitura, se bem que demasiado simplista e linear, do património literário europeu, ordenado sincrónica e diacronicamente. Sonhava-se com a *Weltliteratur* pressentida por Goethe...

No início do século XIX, começam a surgir algumas obras que pretendem transpor esse seco esquematismo no sentido de um contacto mais directo, vasto e aprofundado com as épocas, autores e textos literários.

Dentro desta perspectiva, importa sublinhar que os estudos pioneiros resultam da acção de literatos e estudiosos estrangeiros; e isto independentemente de se tratar de obras de carácter geral ou de simples artigos ou recensões críticas, quase sempre circunscritos a um único autor. Em qualquer dos casos, há, como seria de esperar, um peso excessivo da notícia biográfica e do pormenor anedótico ou incidental, tomado como facto científico-literário e que, por conseguinte, merece as honras de inclusão.

Já na Alemanha, e ainda no século XVIII, surgira o primeiro resumo da literatura portuguesa: a *Portugiesische Grammatik* de Junk², obra superficial resultante de uma visão claramente deturpada, como nota Marion Ehrhardt³. A primeira hisis

tória propriamente dita deve-se a Bouterwek⁴, de cujo trabalho Quillinan teve conhecimento, como veremos adiante.

Esta obra foi traduzida para inglês, tendo sido publicada em 1823⁵. Quanto a Bouterwek, faleceu em Göttingen⁶, em cuja Universidade havia leccionado, no ano de 1828.

Um dos mais importantes relatos de viagens setecentistas a Portugal, o do alemão Link⁷, inclui também uma parte consagrada à nossa literatura e conheceu igualmente tradução inglesa⁸. Trata-se de uma obra cuja referência nos parece essencial, não apenas por ser um clássico do género, frequentemente citado pelos posteriores viajantes, mas também, como salienta Castelo Branco Chaves, "[...] pela objectividade das apreciações, pela observação tanto quanto possível cuidadosa, pela simpatia e pelo esforço de compreensão"⁹.

Em língua alemã, são ainda dignos de registo os trabalhos dos irmãos Schlegel¹⁰ e de Bellermann¹¹, que entre 1818 e 1825 desempenhou as funções de pastor da Igreja Evangélica alemã em Lisboa.

Em França, a divulgação da nossa literatura antes do século XIX limita-se praticamente ao conhecimento da vida e obra épica de Camões. Nos finais do século XVII, *Le Grand Dictionnaire Historique* de Louis Moreri¹² inclui já um artigo sobre o poeta, tal como sucede mais tarde com o *Nouveau dictionnaire* de Chauffepié¹³. Este último é relativamente extenso e circunstanciado, encontrando-se enriquecido por numerosas notas explicativas. É igualmente importante a referência à ne-

cessidade de uma nova tradução inglesa de *Os Lusíadas*, implicando assim a falta da única existente e que ele cita: a de Sir Richard Fanshawe.

Lembraríamos ainda que Camões volta a ser referido no artigo "Lisbonne" da *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert¹⁴, a propósito da questão controversa da naturalidade do poeta. A sua grandeza universal é realçada pelo autor do artigo, que denota, face a *Os Lusíadas*, uma abertura de espírito e uma capacidade de apreciar e elogiar o poema, com tudo o que comporta de heterodoxo, completamente diferentes das reveladas por Voltaire.

De facto, entre os dois primeiros artigos a que aludimos, tinha sido difundida a apreciação algo azeda de Voltaire sobre o nosso épico¹⁵, na qual este é duramente criticado pela fusão (inovadora) do ideário religioso cristão com a mitologia pagã. Apesar de ser este um argumento repetidamente invocado pelos puristas em nome da preservação das regras clássicas do modelo épico, o facto é que está hoje generalizada a tese que apresenta Voltaire como um leitor apressado e superficial do texto camoniano; e nessa medida pouco qualificado para emitir sobre ele um juízo com real conhecimento de causa.

Depois de Voltaire, os testemunhos sobre a vida e obra épica de Luís de Camões aumentam em número e em importância, quer se trate de estudos expressamente dedicados ao tema, quer de comentários de maior ou menor extensão inseridos em obras de vária natureza. No primeiro caso, e dentro de uma perspec-

tiva biográfica, destacaremos o romance de *Mme Gautier*¹⁶ e, no segundo, as apreciações de Chateaubriand¹⁷ e de *Mme de Staël*¹⁸. Diferente, mas igualmente relevante, é a apreciação de Quinet expressa num estudo centrado sobre a evolução histórico-literária do género¹⁹.

Ainda desta época são dois trabalhos que procuraram transmitir uma panorâmica global, mais ou menos circunstanciada, da nossa literatura. O principal é, sem dúvida, o do suíço Sismondi sobre as literaturas latino-mediterrânicas²⁰. Este e a obra de Bouterwek foram, durante a primeira metade do século XIX, as autoridades a que recorreram os estudiosos europeus.

A parte dedicada à literatura portuguesa preenche quinze capítulos do quarto e último volume²¹. Trata-se de um trabalho de indiscutível importância por vários motivos: primeiro, pela sua considerável extensão, dedicando exclusivamente dois capítulos a *Os Lusíadas*²²; segundo, pelo contributo dado, juntamente com a citada obra de Bouterwek, para a divulgação e projecção da nossa literatura no estrangeiro²³; terceiro, pelo conhecimento que Quillinan teve de ambas, como confessa no seu artigo sobre Gil Vicente²⁴ e como, de resto, se depreende da leitura do Capítulo V de *The Sisters of the Douro*; e quarto, pelo conhecimento da ignorância generalizada dos leitores franceses relativamente à literatura portuguesa, excepção feita a Camões²⁵. Este facto é igualmente válido, no seu entender, para boa parte do público português²⁶.

A segunda obra que entendemos dever destacar é o *Essai*

Statistique de Balbi²⁷. Como o próprio título indica, o objectivo do seu autor era essencialmente o de fornecer ao público um quadro geral da realidade portuguesa da altura, de uma maneira tão exacta quanto possível. O adjectivo que utilizámos reveste-se, a nosso ver, de um duplo significado: exacta, porque apoiada na fria objectividade do dado estatístico; exacta ainda, porque Balbi denuncia a frequente existência de uma nítida má vontade nos depoimentos dos viajantes estrangeiros em Portugal.

A secção dedicada à nossa literatura, não sendo obviamente a predominante, apresenta ainda assim um indiscutível interesse para o âmbito e propósitos desta "Introdução". Ela encontra-se no segundo volume, abrindo com uma "Géographie Littéraire" na qual a língua portuguesa é definida como bonita e polida e o século XVI como a sua Idade de Ouro. Acrescenta-se também uma listagem pormenorizada de estabelecimentos de instrução pública, tanto oficiais como particulares.

À "Géographie Littéraire" segue-se um Apêndice, que, por seu turno, sofre nova subdivisão. A primeira tem por objectivo documentar a evolução da língua portuguesa através da transcrição de alguns textos escolhidos, desde duas cantigas primitivas ("Finearedes bos em hora" e "Tinhe rabos, non tinhe rabos", da autoria de Egas Moniz Coelho e Gonçalo Hermiguez, respectivamente)²⁸.

A segunda subdivisão tem por título "Coup d'oeil sur l'état actuel des sciences et des arts parmi les Portugais,

avec l'indication des personages qui s'y distinguent le plus". Os nomes escolhidos são apresentados consoante as respectivas especialidades e acompanhados de uma brevíssima nota biográfica.

Ao "Coup d'oeil" segue-se uma relação dos principais jornais políticos e literários portugueses; uma outra, das obras publicadas em Portugal entre 1800 e 1820, abrangendo originais e traduções; e uma terceira, das obras publicadas pela Academia Real das Ciências desde a data da sua fundação até 1819. Finalmente, reproduz-se um artigo do Abade Correia da Serra, no qual é dada uma panorâmica geral do estado das letras e das ciências portuguesas na segunda metade do século XVIII²⁹.

O principal mérito de Balbi parece-nos ser o de ter reunido e apresentado um vasto conjunto de elementos e informações relativos à nossa literatura, alguns dos quais extremamente actualizados à data da publicação. Verifica-se que Balbi desaparece por completo por detrás dos dados que transmite, atitude que, se por um lado é garantia de objectividade, por outro nos impede de conhecer de facto quais as suas opiniões e preferências literárias. Pelo seu carácter rigoroso, conciso (senão mesmo lacónico por vezes) mas simultaneamente exaustivo, o *Essai Statistique* assemelha-se àquilo a que chamaríamos hoje um *Companion* ou um *Who's who*.

Mas em língua francesa e até 1841, data da publicação de *The Conspirators*, os principais trabalhos, pela sua espe-

cialização são, sem dúvida, os de Ferdinand Denis, esse prolífico estudioso das literaturas portuguesa, espanhola e brasileira. Recordemos apenas os títulos mais significativos, todos eles editados em Paris: *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. 1826; *Atlas de la littérature portugaise*. 1831³⁰; *Luiz de Sousa*. 1835³¹; *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du Tisserand de Ségorie, drame du XVII^e siècle* [de J. Ruiz de Alarcon], 1839-1840, 2 vols.; e *Camoens et ses contemporains*, 1841.

Para além destes trabalhos publicados individualmente, há que salientar que a atenção que Denis consagrou à nossa literatura se encontra igualmente espelhada na sua colaboração em obras de carácter enciclopédico e na publicação de artigos em revistas periódicas e de estudos biográficos, geralmente apensos a edições de textos literários portugueses cujo tradutor é não raro o próprio Ferdinand Denis³².

No caso inglês, até ao século XIX a investigação cingia-se praticamente ao estudo da vida e obra de Camões que William Julius Mickle apresentou como prefácio à sua tradução de *Os Lusíadas*, em 1776. Até então, Camões épico fora traduzido sem repercussão por Fanshawe em 1655 e referido por Hayley³³ e Blair³⁴, para além do facto de ter sido em inglês, como vimos, que Voltaire publicou o seu estudo sobre a poesia épica, onde, apesar das deficiências apontadas, é sem dúvida grande o relevo dado a Camões.

De Camões lírico tinha sido traduzido um soneto em 1687³⁵, e Hayley, seguindo Faria e Sousa, declara pela primeira vez fora da Península que a qualidade da obra lírica não é inferior à da epopeia; consequentemente, publica três sonetos, um dos quais traduzido por ele próprio³⁶.

A Hayley seguir-se-á Thomas Russell, autor de duas imitações de outros tantos sonetos camonianos³⁷, um dos quais, inspirado em "A fermosura desta fresca serra", foi também publicado, juntamente com o original português, em *The Annual Register*³⁸.

Sobre a actividade de Robert Southey como tradutor de Camões, remetemos para o estudo de Adolfo Cabral³⁹, no qual se transcrevem três versões inglesas, até então inéditas, de sonetos camonianos ou como tal considerados pela crítica da época⁴⁰. Cabral reproduz ainda cinco outras traduções, publicadas pela primeira vez numa recensão crítica de Southey⁴¹ a uma obra recém-aparecida: os *Poems from the Portuguese*, de Strangford⁴².

É geralmente reconhecido a Strangford o grande mérito de, reforçando na prática a opinião anteriormente expressa por Hayley, ter aumentado significativamente o número de textos líricos camonianos conhecidos em Inglaterra. Para além deste aspecto, já de si importante, Strangford faz anteceder as suas traduções de um novo estudo sobre a vida e obra do poeta, estudo esse que contribuiu decisivamente para a formação e difusão em Inglaterra da imagem romântica de Camões. Limitar-nos-

-emos apenas aos sonetos pois parecem ter sido estas as únicas composições líricas do poeta português que interessaram a Quillinan.

Alguns anos mais tarde, em 1818, surge uma obra na qual, a par de poemas originais, figuram algumas traduções de textos líricos camonianos. Então apresentada como anónima, o seu autor está hoje claramente identificado: trata-se de uma mulher, Mrs Felicia Hemans⁴³.

Falaremos agora daquele que consideramos ser o primeiro grande camonista inglês: John Adamson, um estudioso cuja importância não será demais recordar, através das palavras de Carlos Estorninho:

Graças a Adamson, a Inglaterra passou a dispor de um trabalho douto e exaustivo, feito metodicamente, sobre todos os aspectos biográficos, críticos e bibliográficos de Camões, valorizado com a inclusão das traduções inglesas das *Rimas* até então publicadas, e de valiosas informações sobre os seus tradutores, comentadores e apologistas⁴⁴.

O trabalho a que Estorninho se refere é, concretamente, as *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens*. Nesta obra, Adamson reúne traduções quer da sua própria autoria, quer alheias (designadamente de Hayley, Mrs Cockle⁴⁵, Southey e Felicia Hemans), quer ainda algumas anónimas.

Contudo, importa dizer que Adamson comete vários erros ou omissões. É o que sucede, por exemplo, quando se refere em nota de rodapé à tradução de um soneto (por Russell), sem indicar porém o nome do tradutor, ou quando apresenta como anónima a obra de Mrs Hemans atrás citada.

A actividade de Adamson como tradutor de Camões é retomada com *Lusitania Illustrata*⁴⁶, obra que inclui nove das dez versões já publicadas nas *Memoirs*. Da notória predilecção de Adamson por esta forma poética são ainda expressão os *Sonnets*, que editou separadamente⁴⁷.

Quase simultaneamente (1844-45), no círculo da colónia inglesa no Porto, foram publicados seis números de um jornal intitulado *The Lusitanian* onde, entre outros trechos camonianos, aparecem quatro sonetos. Deles voltaremos a falar a propósito da obra lusófila de Quillinan.

Pouco tempo depois, surgem mais duas traduções por Edward Quillinan⁴⁸. Porém, a primeira edição completa em inglês da lírica camoniana só viria a aparecer em 1884⁴⁹, três anos passados sobre a publicação dos setenta sonetos traduzidos por Aubertin⁵⁰.

Este período de aproximadamente cem anos, cuja evolução se procurou traçar, é marcado pela descoberta e valorização da lírica camoniana, o que não implica obviamente um decréscimo de interesse na obra épica. Comprovam-no as cinco traduções integrais de *Os Lusíadas*: a de Musgrave⁵¹, Mitchell⁵², Aubertin⁵³, Burton⁵⁴ e Duff⁵⁵, para além da tradução parcial de

Quillinan⁵⁶, anotada pelo infatigável John Adamson.

Outros autores portugueses tinham entretanto sido apresentados ao público inglês. Southey, que poderemos considerar o pai dos lusófilos ingleses, tinha efectivamente alargado as áreas de pesquisa, dispersando contudo a sua actividade por artigos e recensões críticas avulsas que se acham distribuídos por diferentes periódicos da época.

Dentro do período em que nos temos vindo a situar, não existe praticamente qualquer história (ou mesmo manual) de literatura portuguesa escrita por um autor inglês, mas apenas listagens, mais ou menos pormenorizadas, dos principais escritores portugueses. É o que nos oferecem, por exemplo, os relatos de Halliday⁵⁷ e Kinsey⁵⁸ das suas viagens a Portugal. Em ambos os casos, qualquer perspectiva evolutiva da nossa literatura cede lugar a um simples inventário onomástico, um pouco à maneira de Balbi.

No entanto, e já que falámos de Southey, citaremos um artigo seu⁵⁹, no qual traça uma breve panorâmica da literatura portuguesa, evidenciando um bom conhecimento do tema, pese embora o carácter compreensivelmente sintético da exposição. Este artigo foi publicado em resposta a um opúsculo anónimo⁶⁰ e, certamente pelo seu interesse, mereceu tradução portuguesa⁶¹.

Embora de natureza diferente, acrescentaremos por fim o bem organizado catálogo da biblioteca de John Adamson⁶² por duas razões principais: por se tratar de um lusófilo de gran-

de prestígio e por ter sido Adamson o editor literário da tradução incompleta de *Os Lusíadas* feita por Edward Quillinan e publicada já postumamente.

Entre nós, e para além do *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro⁶³, cuja parte referente à literatura portuguesa se resume igualmente a uma listagem de autores agrupados segundo os géneros cultivados, o único trabalho publicado anterior a 1841 deve-se a um homem com profundas afinidades culturais e ideológicas com a Inglaterra. Referimo-nos ao "Bosquejo de Historia de Poesia e Lingua Portuguesa" de Almeida Garrett, publicado em 1826.

Do prefácio ao "Bosquejo" reproduzimos o seguinte extracto, onde Garrett se refere às obras citadas de Bouterwek e Sismondi, sublinhando ainda o carácter pioneiro do seu próprio trabalho, cujos critérios e objectivos explicita:

Julgo haver prestado algum serviço à litteratura nacional em offerecer aos estudiosos da sua lingua e poesia um rapido bosquejo da historia de ambas. Quem sabe que tive de encetar materia nova, que portuguez nenhum d'ella escreveu, e os dous estrangeiros Bouterweck [sic] e Sismondi incorrectissimamente e de tal modo que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da historia litteraria de Portugal; avaliara decerto o grande e quasi indizivel trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dá-lo por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia se-lo⁶⁴.

Com todos estes exemplos, pretendemos apenas mostrar que a atenção que Quillinan dispensa à literatura portuguesa não é um caso isolado na Europa (nem sequer na Inglaterra) do seu tempo. Há, contudo, que reconhecer-lhe um mérito assinalável: o da originalidade com que vai transmitir ao público inglês seu contemporâneo uma visão panorâmica da nossa literatura.

N O T A S

- ¹ Conforme nos lembra Christopher Hibbert, numa obra em que dá conta dos objectivos e condições que rodeavam as viagens no Continente, os países tradicionalmente visitados eram a França, a Itália, a Suíça, a Alemanha, a Áustria e os Países Baixos (*The Grand Tour*. London, Hamlyn, 1974) (1.^a ed. 1969).
- ² Johann Andreas von Junk , *Portugiesische Grammatik. Nebst einigen Nachrichten von der Portugiesischen Litteratur, und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind*. Frankfurt an der Oder, bei Carl Gottlieb Strauss, 1778.
- ³ "As primeiras notícias alemãs acerca da cultura portuguesa" in M. Ehrhardt *et al*, *Portugal-Alemanha*. Coimbra, Livraria Almedina, 1980, p. 28.
- ⁴ Friedrich Bouterwek, *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts*. In *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*. Göttingen, 1805, vol. IV.
- ⁵ *History of Spanish and Portuguese Literature*, translated from the original German by Thomasina Ross. London, Boosey and Sons, 1823, 2 vols. Nesta altura, existia já uma tradução francesa, datada de 1812, mas que não inclui a parte relativa à nossa literatura.
- ⁶ É indispensável frisar a importância de Göttingen na projecção e desenvolvimento dos estudos de literatura portuguesa. Foi nomeadamente na biblioteca da Universidade local que Barreto Felo e Gomes Monteiro descobriram um exemplar da primeira edição das obras completas de Gil Vicen-

te que, antecederias de um estudo biobibliográfico, reeditaram em 1834. Este trabalho suscitou a Quillinan um longo ensaio, do qual voltaremos a falar.

- ⁷ Heinrich Friedrich Link, *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*. Kiel, 1801-1804, 3 vols.
- ⁸ *Travels in Portugal and through France and Spain. With a dissertation on the Literature of Portugal and the Spanish and Portuguese languages*. Translated from the German by John Hinckley, Esq., with notes by the translator. London, 1801.
- ⁹ *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, col. "Biblioteca Breve", 1977, p. 22.
- ¹⁰ August Wilhelm von Schlegel, *Blumensträuße Italiänischer, Spanischer, und Portugiesischer Poesie*. Berlin, in der Realschulbuchhandlung, 1804.
Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel, *Geschichte der alten und neuen Litteratur*. Vorlesungen, gehalten zu Wien im Jahre 1812 [...] . Wien, K. Schaumburg, 1815, 2 vols.
Esta última obra foi traduzida para francês por William Duckett com o título de *Histoire de la littérature ancienne et moderne*. Paris, Th. Ballimore, 1829, 2 vols.
- ¹¹ Christian Friedrich Bellermand, *Die alten Liederbücher der Portugiesen, oder Beiträge zur Geschichte der Portugiesischen Poesie, vom dreizehnten bis zum Anfang des sechzehnten Jahrhunderts*. Berlin, F. Dümmler, 1840.
- ¹² *Le Grand Dictionnaire Historique, ou le mélange curieux de l'histoire sacrée et profane* [...]. 8^e édition, Amsterdam, chez George Gallet, MDCXCVIII, vol. II, p. 31 (1^a ed., 1674).

- ¹³ Jacques George de Chauffepié, *Nouveau dictionnaire historique pour servir de supplément au Dictionnaire historique et critique de M. Pierre Bayle [...]*. Amsterdam, Z. Chatelain, 1750, vol. II, pp. 18-24.
- ¹⁴ *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par une société de gens de lettres [...]* A Neufchâtel, chez Samuel Faulche & Compagnie, Libraires & Imprimeurs, MDCCLXV, vol. IX, pp. 572-573.
- ¹⁵ *An Essay upon the Civil Wars of France, extracted from curious manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European nations from Homer down to Milton.* London, Samuel Jallasson, 1727.
A tradução francesa, da autoria do Abade Des Fontaines, só foi publicada em 1743 sob o título de *Essai sur la poésie épique*.
- ¹⁶ Mme H. Gautier, *Les amours de Camoens et de Catherine d'Athaide*. Paris, Trouvé/Ponthieu et Cie., 1827, 2 vols.
Existe uma tradução portuguesa, levada a cabo por Maria Emília de Macedo: *Os Amores de Camões e de Catharina d'Athaide [...]*. Lisboa, Typ. de L.C. da Cunha, 1844, 2 vols.
- ¹⁷ René Auguste Chateaubriand, *Le Génie du Christianisme, ou Beautés de la religion chrétienne*. Paris, Migneret, 1802, 5 vols.
- ¹⁸ A. Chardin, *Histoire des établissements européens aux Indes orientales, suivie [...]* d'une notice sur le Camoens par Mme de Staël. Paris, 1832. O interesse de Mme de Staël por Camões terá sido certamente despertado pela estreita convivência que manteve com D. Pedro de Sousa Holstein, futuro Duque de Palmela, ele próprio autor de uma tradução de *Os Lusíadas* para francês.
- ¹⁹ Edgar Quinet, *Du Génie des Religions*. Paris, Charpentier, 1842, republicado como *Le Génie des Religions in Oeuvres Complètes [...]*. Paris, Pagnerre, 1857, vol. I.

- ²⁰ Jean Charles Leonard Simonde de Sismondi, *De la Littérature du Midi de l'Europe*. Paris, Treuttel et Würtz, 1813, 4 vols.

A referência bibliográfica da tradução inglesa é a seguinte: *Historical View of the Literature of the South of Europe* [...]. Translated from the original, with notes and a life of the author, by Thomas Roscoe. London, 1823, 4 vols.

- ²¹ *Ibidem*, vol. IV, pp. 260-562.
- ²² *Ibidem*, caps. XXXVII-XXXVIII, pp. 322-423.
- ²³ Sismondi reconhece expressamente o enorme auxílio que apresentou a leitura da obra de Bouterwek cuja seriedade e profundidade enaltece a propósito (*Ibidem*, vol. I, nota de rodapé à página 13).
- ²⁴ "The Theatre of Gil Vicente" in *The Quarterly Review*. London, John Murray, vol. LXXIX (December 1846/March 1847), 1847, pp. 168-202.
- ²⁵ Sismondi, *op. cit.*, vol. I, pp. 11-12.
- ²⁶ *Ibidem*, vol. IV, pp. 424-425.
- ²⁷ Adrien Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, [...]. Paris, Grey et Ravier, 1822, 2 vols.
- ²⁸ Destacamos aqui estes dois autores, já que deles teve conhecimento Edward Quillinan, como veremos no capítulo dedicado ao estudo de *The Sisters of The Douro*.
- ²⁹ "Coup d'oeil sur l'état des sciences et des lettres parmi les Portugais pendant la seconde moitié du siècle dernier [...]" in Balbi, *op. cit.*, vol. II, pp. cccxxxiii-ccclviii.
- ³⁰ Este Atlas sobre a nossa literatura faz parte do *Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des arts* [...] par A. Jarry de Mancy. Paris, J. Renouard, 1831-1835.

- ³¹ Esta obra é duplamente importante, não só pela escolha de uma personagem histórica portuguesa para protagonista mas também por ter inspirado a Garrett o seu *Frei Luís de Sousa*, que ocupa um lugar de destaque no ressurgimento da criação dramática nacional.
- ³² No primeiro caso que enunciámos, a sua actividade como especialista foi dirigida fundamentalmente para a *Nouvelle Biographie Générale*, como é, aliás, reconhecido no artigo que nesta mesma obra lhe é dedicado (T. XIII, cols. 638-641). É ainda através dele que ficamos a conhecer alguns periódicos nos quais Denis participou, como, por exemplo, a *Revue des Deux Mondes*, *Revue de Paris*, *Revue Européenne*, *L'Artiste*, *Journal des Voyages* e *Magazin Pittoresque*. Quanto aos estudos de carácter biográfico e/ou introdutório, refira-se em primeiro lugar aquele que antecede a tradução francesa de *Os Lusíadas* por Ortaire, Fournier e Desaules, publicado em 1841. Este estudo foi editado separadamente sob o título citado de *Camoens et ses contemporains*, que, aliás, mantém na tradução do poema épico. Ainda sobre Camões, cite-se a "Vie de Camoëns" in *Camoens dans l'"Almanach des Muses"*, *recueil des poésies contenues dans les "Almanachs des Muses" sur Camoëns et son oeuvre [...]*. Paris, S. Pitrat, 1891, pp. 11-40.
- Ferdinand Denis é também o autor de uma nota biográfica sobre António Diniz da Cruz e Silva que vem incluída na 2.^a edição da versão francesa de *O Hissope*, assinada por Boissonade e de um breve juízo crítico sobre Tomás António Gonzaga publicado in *Marília de Dirceu*. Lyras [...]. Rio de Janeiro, Livraria de B.L. Garnier, 1862, t. I, pp. 19-21. Porém, é a nível da literatura dramática que a acção de Denis como tradutor se faz sentir de um modo especial. Começaremos por lembrar que é ele o responsável pela selecção, tradução e apresentação, com prefácios e notas, de alguns textos dramáticos inseridos num volume inteiramente dedicado ao teatro português. Referimo-nos ao tomo XIV, e-

ditado em 1823, de uma colecção que tem por título *Chefs-d'oeuvres des théâtres étrangers*.

As peças traduzidas e respectivos autores são: "La nouvelle Inez de Castro" de João Baptista Gomes; "La conquête du Perou" e "Le caractère des Lusitaniens" de Manuel Caetano Pimenta de Aguiar; e "La vie du grand Don Quichotte de la Mancha et du gros Sancho Pança" de Antônio José da Silva. Este volume é definitivamente importantíssimo para a divulgação em França de alguns dos nossos dramaturgos, tanto mais que os textos citados são precedidos de um estudo intitulado "Notice sur le théâtre portugais" (pp. 3-28), que transcende contudo o âmbito estritamente teatral pelas numerosas referências a poetas portugueses desde os primórdios da nossa literatura.

Na mesma linha de acção, acrescentem-se por último as traduções de dois dramas de Antônio Ferreira (*Castro e Cioso*, que têm respectivamente os títulos "Inez de Castro" e "Le Jaloux"), publicadas in *Théâtre Européen*. Paris, Guérin et Cie., 1835, t. XVI.

- ³³ William Hayley, *An Essay on Epic Poetry; in five epistles to the Rev'd Mr. Mason, with notes*. London, J. Dodsley, 1782.
- ³⁴ Hugh Blair, *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres*. Dublin, Whitestone, Colles, 1783, 3 vols.
- ³⁵ Philip Ayres, *Lyric Poems made in Imitation of the Italians. Of which, many are translations from other languages*. London, J.M. for J. Knight & F. Saunders, 1687, p. 67. O soneto escolhido foi "Verdade, Amor, Razão, Merecimento", cujo título em inglês é "The Vanity of Unwarrantable Notions".
- ³⁶ *Op. cit.*, Ep. III, v. 259-274 e nota XI ao verso 280. O soneto traduzido por Hayley foi "Quando de minhas mágoas a comprida", permanecendo anónimas as traduções de "Alma minha gentil, que te partiste" e "Enquanto quis Fortuna que tivesse".

- ³⁷ *Sonnets and Miscellaneous Poems*. Oxford, 1789.
- ³⁸ *The Annual Register, or a View of the History, Politics, and Literature for the year 1789*. London, Printed for J. Dodsley, 1792, pp. 166-167. O outro original foi "Chorai, ninfas, os Fados poderosos".
- ³⁹ *Southey e Portugal - 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, Papelaria Fernandes, 1959.
- ⁴⁰ É o caso do soneto "Eu me parto de vós, campos ninfas do Tejo", cuja atribuição a Camões está hoje completamente posta de parte, em favor de Diogo Bernardes.
- ⁴¹ "Poems from the Portuguese of Luis de Camões" in *Annual Review*, 1803, vol. II, pp. 569-577.
- ⁴² *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings*. London: Printed for J. Carpenter, 1803.
- ⁴³ *Translations from Camoens, and other Poets, with original poetry, by the author of 'Modern Greece', and the 'Restoration of the works of Art to Italy' [Felicia Dorothea Brown, depois Hemans]*. Oxford: Printed by S. and J. Collingwood; for J. Murray, London; and J. Parker, Oxford, 1818.
- Da mesma autora apareceria posteriormente a tradução do episódio do Adamastor in *The sceptic. A Tale of the Secret Tribunal. The Siege of Valencia. And other Poems*. Edinburgh, William Blackwood & Sons; London, Thomas Cadell, MDCCCXL.
- ⁴⁴ "O culto de Camões em Inglaterra" in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, Ano VI, n.ºs. 23-24, 1961, p. 156.
- ⁴⁵ Autora esquecida, a quem têm sido atribuídos os poemas "Lines addressed to Lady Byron" e "Reply to Lord Byron's Fare thee well", ambos publicados em 1817.

- ⁴⁶ *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature & c., of Portugal. Library Department. Part I. Selection of Sonnets with biographical sketches of the authors [...].* Newcastle-upon-Tyne: Printed by T. and J. Hodgson, MDCCCXLII; *Part II. Minstrelsy [...].* Newcastle-upon-Tyne: Printed by M.A. Richardson, MDCCCXLVI.
- ⁴⁷ *Sonnets, from the Portuguese of Luis de Camoens.* Newcastle, 1810.
Sonnets, by John Adamson. Newcastle-upon-Tyne: Imprinted by M.A. Richardson, MDCCCXLV. Algumas das versões contidas nesta última obra foram publicadas em Portugal como *Seis Sonetos Camonianos*. Reimpressão precedida de uma notícia e retrato do autor. Em Lisboa, Manoel Gomes, 1886.
- ⁴⁸ *Poems*, by Edward Quillinan. With a memoir by William Johnston. London, Edward Moxon, 1853, pp. 60-62.
- ⁴⁹ *Camoens. The Lyrics (Sonnets, Canzons, Odes and Sextines).* Englished by Sir Richard Francis Burton. London, Bernard Quaritch, 1884, 2 vols.
- ⁵⁰ *Seventy Sonnets of Camoens.* Portuguese text and translation with original poems by J.J. Aubertin. London, C. Kegan Paul, 1881.
- ⁵¹ *The Lusiad, an epic poem, by Luis de Camoens.* Translated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave. London, John Murray, 1826.
- ⁵² *The Lusiad of Luis de Camoens*, closely translated by Lt. Col. Sir T. Livingston Mitchell. London, T. & W. Boone, 1854.
- ⁵³ *The Lusiads of Camoens.* Translated into English Verse by J.J. Aubertin. London, C. Kegan Paul, 1878, 2 vols.
- ⁵⁴ *Os Lusíadas (The Lusiads).* Englished by Richard Francis Burton (Edited by his wife, Isabel Burton). London, Bernard Quaritch, 1880, 2 vols.

- ⁵⁵ *The Lusiad of Camoens*. Translated into English Spenserian Verse by Robert French Duff. Lisbon, National Printing Office, 1880.
- ⁵⁶ *The Lusiad of Luís de Camoens*. Books I to V. Translated by Edward Quillinan. With notes by John Adamson. London, Edward Moxon, 1853.
- ⁵⁷ De Andrew Halliday apenas interessa a segunda edição, cujo título é: *The present state of Portugal, and of the Portuguese Army. With an epitome of the ancient history of that Kingdom, a sketch of the campaigns of the marquis of Wellington for the last four years; and observations on the manners and customs of the People, agriculture, commerce, arts, science and literature*. Edinburgh, G.R. Clarke, 1812. A primeira edição apresentava um título diferente: *Observations on the present state of the Portuguese Army, as organised by lieutenant general W. Carr Beresford*. London, John Murray, 1811.
- ⁵⁸ De William Morgan Kinsey também só interessa a segunda edição: *Portugal Illustrated: in a series of letters*. London, Treuttel and Würtz, Treuttel Jun. and Richter, 1829 (1.^a ed., 1828).
A parte relativa à literatura portuguesa preenche a "Second Supplementary Letter". O título é: "Brief review of the literary history of Portugal", e o texto ocupa as pp. 525-564.
- ⁵⁹ "On Portuguese Literature" in *The Quarterly Review*, vol. I, nº 2, May 1809, pp. 268-292.
- ⁶⁰ *Extractos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente accentuadas, para facilitar o Estudo d'aquella Lingoa*. London, Wingrave, 1808.
- ⁶¹ "Memoria sobre a litteratura portugueza. Traduzida do inglez. Com notas illustradoras do texto por J.G.C.M." [João Guilherme Christiano Muller]. S.l., s. ed., s.d.

- ⁶² "*Bibliotheca Lusitana; or, Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Literature and Poetry of Portugal; forming part of the library of John Adamson*". Newcastle-on-Tyne, privately printed, 1836.
- ⁶³ *Mappa de Portugal antigo, e moderno*. Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luis Ameno, MDCCLXIII. Ver t.II, Parte IV, Cap. II, "De alguns famosos Escritores Portugueses, que florecerão em varios generos de literatura", pp. 270-368 (1.^a ed., 1749).
- ⁶⁴ "Bosquejo [...]" in *O Retrato de Venus e Estudos de Historia Litteraria*. 3.^a ed., Porto, Ernesto Chardron, 1884, p. 171. O "Bosquejo" apareceu publicado pela primeira vez in *Parnaso Lusitano*. Paris, em casa de J.P. Aillaud, MDCCCXXVI, vol. I, pp. i-lxvii.

Edward Quillinan nasceu no Porto em 12 de Agosto de 1791, filho de um irlandês que ali se havia estabelecido e prosperado no comércio de vinhos e de Mary Ryan, igualmente de origem irlandesa.

Verifica-se existir alguma divergência relativamente ao nome próprio do pai de Quillinan. A indicação de ser também *Edward* encontra-se quer no artigo da autoria de Richard Garnett,¹ quer ainda num outro, este anônimo². Por sua vez, Christopher Wordsworth afirma tratar-se de *John*.³

Em 1798, Edward, ainda criança, embarca com destino a Inglaterra, onde será educado em dois colégios católicos: o de Sedgley Park, Staffordshire, e Bornheim House, Carshalton, próximo de Londres. A sua pouca idade e o longo período que passou fora do meio social e familiar onde nascera poderiam de algum modo ter determinado uma ruptura com esse meio. No entanto, o regresso parece ter despertado nele um certo entusiasmo, que justificaria a nitidez com que, anos mais tarde, evocará as sensações sempre inebriantes de quem volta:

The yells of the Portuguese pilot and sailors, the roaring of the surge on the bar, the dashing of the waves on the sand, the foam and the dark rocks, the horrible creaking of the carts on the shore, astonished me; and might have

given me the idea of a descent into Tartarus but that the scene was so fair, the river so gracious, the riverbanks so rich with woods and white buildings, the city on both sides climbing up so stately [...] ⁴.

Estamos em 1805. Então com catorze anos, Edward emprega-se na loja do pai, tarefa que não lhe suscita qualquer interesse. Porém, a primeira invasão francesa (1807) vai obrigar a família a refugiar-se em Inglaterra.

Em 1808, por sugestão paterna, Edward alista-se como corneteiro num regimento de cavalaria: os 2nd Dragoon Guards (Queen's Boys). Após ter cumprido serviço em Hastings e Canterbury e participado numa expedição a Walcheren (1809), é transferido no ano seguinte, já no posto de Tenente, para os 23rd Light Dragoons, sitos em Canterbury.

Que o exército não era de modo algum incompatível com o gosto pela leitura, prova-o o testemunho de Johnson:

By profession a soldier, the passion of his life was literature [...] ⁵.

corroborado, de resto, pelo próprio Quillinan:

The life suited me extremely well and I had plenty of time to read ⁶.

Data também desta época a estreia do jovem oficial como autor. Com efeito, em 1810 aparece publicado um panfleto satírico em verso, *Ball Room Votaries*⁷, no qual se ridicularizam algumas figuras do meio social de Canterbury. Talvez pela sua virulência, este panfleto foi na altura intensamente procurado, disfrutando de imediata, ainda que breve, fortuna editorial:

I had just very indescreeetly, published "The Ball Room Votaries", a poem by no means flattering to several of the gentry in the neighbourhood. It ran through two editions in a month. The first was exhausted in a week⁸.

O único exemplar conhecido desta obra existe na biblioteca da Universidade de Illinois, onde foi possível obtê-lo em microfilme. Globalmente considerado, o seu valor é para nós bastante escasso, pelo carácter circunstancial e pela especificidade das figuras visadas. Uma recensão crítica contemporânea reconhece, porém, aspectos promissores que a obra posterior não confirmou inteiramente:

This poem is of so local a nature that much of its merit must remain unperceived by those who are strangers to Canterbury and its vicinity. Yet there is enough in it to prove to any person that the author is a man of no mean talents. His descriptions are generally well-drawn; his

strokes of genius are pointed, and his language is poetical. He does not deal only in satire. He gives much praise, and it is given in an elegant manner. His versification is sometimes, though not frequently, faulty, but this arises evidently from carelessness⁹.

Esta obra foi publicada anonimamente, por certo como medida de precaução contra eventuais represálias; mas a identificação do seu autor é hoje um problema ultrapassado. No entanto, existe uma opinião discordante (a única, ao que parece), dada precisamente num dicionário de obras anônimas¹⁰, o que não deixa de ser irônico.

Sensivelmente desta altura data ainda a participação de Quillinan, juntamente com outros companheiros, na edição de *The Whim*¹¹, um periódico do qual saem apenas doze números, entre 31 de Dezembro de 1810 e 3 de Junho de 1811. A verdadeira identidade dos seus colaboradores aparece escondida sob pseudónimo (*Christopher Hopeful, Dick Freak, Ned Airbrain e Jack Medley*), decisão que perdura até final, apesar da enorme curiosidade do público e das especulações e hipóteses então aventadas¹². Impedidos, por conseguinte, de identificar com absoluta certeza a colaboração do nosso autor, pensamos todavia que *Christopher Hopeful* poderá ter sido o pseudónimo adoptado por Quillinan, pelos motivos que passamos a expor:

- No Prefácio ao primeiro número, é explicado ao leitor que o projecto de publicação se deveu, entre outros casos, a *Ball Room Votaries* (definido como "[...] a hum drum scandalous collection of rhymes") cujo autor foi um tal *Christopher*¹³.

- No mesmo número, inteiramente subscrito em nome do grupo por *Christopher Hopeful*, alguns apontamentos autobiográficos apresentam singulares semelhanças com factos da vida de Quillinan:

The first thing that I can recollect is the anxious desire of my father, who superintended the early part of my education, previously to my being sent to a public school, to instil into me his own principles, and adorn me with his own attainments; - what those principles and attainments were, [...] they were everything that could grace the Christian, ornament the scholar, and stamp the gentleman (p. 4).

At the age of 17, instead of being in the high road to all the dignity and honours of a learned profession, he [o pai] found me fit for nothing but - *The Army* (p. 5).

- Um outro indício porventura significativo reside no depoimento de *Christopher Hopeful* (p. 6) sobre o grande entusiasmo que lhe suscita a leitura de Pope. De facto, a propósito de *The Sacrifice of Isabel*, poema publicado em 1816, Johnston aponta a influência de Pope (autor que Quillinan mui

to admirava) na metrificação utilizada¹⁴. Esta indicação parece, aliás, estar explicada pelo próprio Quillinan em carta dirigida a Henry Crabb Robinson em 25 de Agosto de 1843, ao referir-se a Pope como o seu grande mestre de leituras¹⁵.

- No número 3, surge um texto intitulado "Tempora Mutandur!!! A Contrast to the Sixteenth Satire of Juvenal, written to a Friend by Christopher Hopeful, when his Regiment was ordered to Portugal. C —, Sept. 10, 1808"¹⁶. Muito embora todos os dados que conseguimos reunir apontem para que Quillinan nunca tenha vindo a Portugal na qualidade de militar, a identidade temática leva-nos necessariamente a manter a hipótese.

No entanto, e regressando ao número 1, há um passo que não podemos deixar de referir como obstáculo às nossas conjecturas. Trata-se da declaração de *Airbrain* de se ter juntado ao seu regimento na véspera do embarque para Portugal, país onde o seduziram especialmente os olhos negros e dentes alvos das jovens morenas (p. 13). Este último apontamento é quase obsessivo em *The Sisters of the Douro*, o que tem que provocar hesitações. Considerando importantes as alegações a favor de *Hopeful* ser Quillinan, três hipóteses nos parecem legítimas, mas terão de permanecer apenas como hipóteses: ou se trata de um amigo de Quillinan que esteve de facto em Portugal e fez a mesma apreciação, ou exprime apenas uma opinião de Quillinan, mais conhecedor da chamada "cor local" que o gosto pelo pitoresco exigia, ou, como acontecia frequentemente, Quillinan colaborou sob dois pseudónimos.

Após um primeiro balanço, verifica-se que a estreia literária do jovem Quillinan se caracteriza essencialmente pelo polemismo e pela ironia, que originaram, aliás, vários duelos que Edward aceitou. A par do natural receio de ver interpretada como cobardia uma eventual recusa, a verdade é que a perspectiva de uma luta teria forçosamente de aliciar um jovem impetuoso, irreverente e temperamental como era Quillinan.

Não há concordância relativamente aos textos que estiveram na origem dos desafios que referimos. Richard Garnett aponta *Ball Room Votaries*¹⁷, enquanto que Allibone¹⁸ e Knight¹⁹ os atribuem a *The Whim*. Em qualquer dos casos, sabe-se que estes incidentes terão determinado a transferência de Quillinan para os 3rd Dragoon Guards (1813), regimento no qual serviu durante a fase final da Guerra Peninsular (1813-1814).

É neste último ano que Edward Quillinan publica *Dunluce Castle*²⁰. Para o facto, foi determinante o seu convívio com Sir Samuel Egerton Brydges²¹, um bibliófilo apaixonado por genealogia que possuía uma tipografia privada em Kent (a Lee Priory Press), fundada um ano antes por Johnson e Warwick²².

A circunstância que proporcionou o encontro entre os dois homens terá sido, segundo se crê, a actividade literária de Quillinan, iniciada nos moldes que atrás descrevemos²³. Em 1814, devia já ser grande a amizade que os unia, porquanto na dedicatória de *Dunluce Castle* a Frederick Goulburn, datada de 25 de Maio, Brydges refere-se a Quillinan como "[...] a young companion, whose genius he [Brydges] generously admires", o que

permite compreender que, apesar da extrema juventude do seu autor, esta tenha sido a quinta obra a ser publicada pela Lee Priory Press. Em *Occasional Poems*²⁴, obra anónima mas atribuída a Brydges²⁵, a dedicatória é desta vez feita directamente ao próprio Quillinan, "as a sincere but unworthy tribute to his pure genius, his brilliant wit, and noble disposition".

Dunluce Castle é um poema épico, cuja acção decorre na Irlanda. É provável, conforme foi já sugerido²⁶, que a ideia tenha nascido de um hipotético parentesco entre autor (Quillinan) e personagem (McQuillan) [sic]. Relata o amor entre Owen McQuillan, irlandês, e Marion McDonnell, escocesa, amor esse que é desfeito de forma trágica pela traição e sede de vingança.

Este poema reúne diversos elementos característicos do período algo equivocadamente conhecido por Pré-romantismo, como a noite, o silêncio, a solidão e a lua, à preocupação de escolha de um ambiente medievalista, envolvendo-os numa atmosfera elegíaca e fatalista - sem falar na temática insistentemente recuperada nesta época, por influência sobretudo das baladas de fronteira. Referimo-nos ao ódio entre famílias, que acaba por provocar a destruição de inocentes.

Sem se tratar obviamente de uma composição inovadora sob qualquer aspecto, o facto é que viu as suas qualidades reconhecidas pela crítica da época. Recordemos, por exemplo, um passo de uma recensão publicada em dois números de *The Man of Kent*:

Dunluce Castle is a work of romance and genius, and its author, Mr. Quillinan, if not possessed of the rarest powers of invention, unites taste to elegance - selects with judgement his imagery -and always gratifies by the accuracy of his descriptions²⁷.

Esta obra alcançaria uma certa notoriedade, não tanto pelo seu mérito próprio como pela polémica a que viria dar origem e cujos lances principais passamos a recordar.

Nos princípios de 1819, aparece publicado em *Blackwood's Magazine* um artigo não assinado, que tem por título "Poems by a Heavy Dragoon"²⁸. O articulista não poupa críticas a *Dunluce Castle*, mas curiosamente não tanto pelos seus defeitos intrínsecos como pelo facto de Quillinan ter ousado, sendo um militar, invadir abusivamente uma actividade que lhe é estranha:

It was, indeed, as astonishing to us to find lieutenant Quillinan attempting the character of an epic poet, as it would be to encounter Mr. Wordsworth or Mr. Coleridge tricked out in the helmet, the jack-boots, and other elegant appurtenances of the Third Dragoon Guards.

On the whole, we fear we cannot congratulate our gallant defenders on their success in the field of literature. They may, indeed, be poets among soldiers, we apprehend they must still continue mere soldiers among poets(p. 576).

Por outras palavras: os militares poderão, se assim entenderem, praticar a poesia, mas não deverão atrever-se a oferecê-la ao grande público, conhecedor da literatura e de quem a cultiva por profissão. Desenvolvendo este princípio, o autor sublinha, com grande ênfase, a divisão que existe entre poetas e militares:

For though we have no objection to a small ode on a victory, or a few laudatory stanzas on a favourite commander, yet we protest more strongly against all and every other soldier, whether horse, foot or dragoon who shall presume, like Mr. Quillinan, to write, print and disseminate an heroic poem, on four cantos [...]. It is the duty of some men to fight battles, and the pleasure of others to sing them(p.577).

Após estas reflexões de natureza ético-profissional, o articulista procede então à análise do poema, cuja qualidade enaltece ironicamente até ao exagero, justificando os seus comentários com diversos excertos da obra.

Sobre este artigo escreve Johnston:

The magazine article had the taking title of "Poems by a Heavy Dragoon", and it expounded with great gravity and force, the reasons why the heavy dragoon

was not likely to be a good poet;as,for example,that he had to ride in the rear of a troop, to visit stables, peep into camp kettles, and to take care that a certain number of men should periodically parade in clean-shirts and pipe-dayed breeches,all of which occupations were rather the reverse of favourable to the development of the poetic faculty. It then proceeded to ridicule certain passages of the poem,which were certainly open enough to that sort of treatment²⁹.

Quillinan não tomou logo conhecimento do referido artigo, como explica no prefácio a *Woodcuts and Verses*:

I did not see it for some months after its appearance, and I have since thought it unnecessary to make any reply, though I believe myself to be in possession of the name and character to whom belongs the honour of that elaborate performance³⁰.

Em resposta directa às críticas do articulista, Quillinan traça então o elogio do soldado e da actividade militar, que, em sua opinião, nada têm de incompatível com a poesia;antes pelo contrário, se se considerar o grande número de países visitados, alguns dos quais dotados de paisagens exóticas de extraordinária beleza. Assim, se os seus poemas não merecem qualquer referência elogiosa, tal não se deve à profissão do

seu autor mas a uma falta de qualidade intrínseca.

Porém, a verdadeira resposta será dada com a publicação de *The Report Courteous*³¹, poema dedicado aos editores de *Blackwood's Magazine* que nos revela as suspeitas (ou melhor : as certezas) de Quillinan relativamente à verdadeira identidade do autor de "Poems by a Heavy Dragoon".

Assim, no "Advertisement" datado de 17 de Fevereiro de 1821, pode ler-se:

For it was there [*Peter's Letters to his kinsfolk*] distinctly given out, that Messrs. Lockhart and Wilson were principal supporters of the new and audaciously original Magazine. I was assured also, from other quarters, that the criticism with which the "Heavy Dragoon" had been honoured was the production of Mr. Lockhart (p. v).

Consciente de que é Lockhart o verdadeiro autor de *Peter's Letters*³², Quillinan começa precisamente por apresentar esta obra como "A venture from the Blackwood Firm below / of Wilson, Lockhart, Diffidence and Co." (p. 10). Satiriza igualmente o edifício onde funciona o periódico e que fora em tempos uma padaria; circunstância que lhe sugere, em dado momento, um trocadilho entre "puffs of paper" e "puffs of paste" (p. v).

No plano individual, ataca Blackwood, Lockhart (elogi-

ando-o até ao exagero com qualificativos extraídos de uma auto-descrição)³³ e, por último, Wilson utilizando igualmente uma descrição, seja ela ou não um auto-retrato³⁴. Ao terminar, agradece sarcasticamente a atenção prestada a *Dunluce Castle*:

Go, waft my thanks where all my thanks should fly
 Though most unworthy to ascend so high;
 Go, bear my love, ye clouds of incense, go,
 To Wilson, Lockhart, Diffidence, and Co. (p. 27).

Hã, contudo, que dizer que a resposta (aliás brilhante) de Edward Quillinan falhara redondamente o alvo, uma vez que "Poems by a Heavy Dragoon" não fora obra de Wilson e Lockhart, mas sim de Thomas Hamilton, um outro colaborador de *Blackwood's Magazine*, onde assinava sob o pseudónimo de *Morgan O'Doherty*. O mal entendido viria a ser desfeito pela acção conciliadora de Robert Pearse Gillies que assim o recorda:

[...] finding on the table a poetical publication of recent date by Mr. Quillinan, the editor of O'Doherty [Thomas Hamilton] wrote a ludicrous review of it under the title of "Poems by a Heavy Dragoon" [...]. Not long afterwards, by an odd coincidence, the said "heavy dragoon" found himself quartered on duty with his regiment in Scotland, where returning in kind the compliments paid to him by O'Doherty, he wrote

and published a poem consisting of sarcasm not less humorous than *tranchant* armed against Blackwood, and his magazine, the modern Athens, the unknown reviewer, indeed against all Scotland. During my long life, I cannot recollect having met a satire more clever and appropriate than this. It was bitter as the north-east wind in March, and yet very witty and laughable. Immediately on his arrival at Edinburgh, the author sent two copies to Mr. Blackwood, accompanied by his compliments and card of address, at Shaw's Hotel, within two doors of the publisher; an act of courtesy the more marked and significant, inasmuch as Mr. Quillinan had not always been contented with a single antagonist at a time, but when quartered at Canterbury had sent divers challenges, and knocked off two or three hostile encounters on one and the same morning.

It so happened, however, that Captain Hamilton was then in a distant part of the country, and no one at first responded to the call but my insignificant self. The paternity of the obnoxious review had been erroneously ascribed to Mr. Lockhart, and right glad was I when he met Mr. and Mrs. Quillinan at dinner, *chez nous*, within two days afterwards, when the real authorship of the *badinage* was in the course of the evening freely disclosed, and all animosity forgotten. Indeed the balance between poet

and reviewer [...] had been sufficiently adjusted,
 for if Mr. Quillinan felt mettled by the critique,
 he had already used scorpions in retaliation³⁵.

Foi longa a transcrição mas talvez não inútil, pois permite, a nosso ver, uma leitura mais circunstanciada de toda a polémica, acrescentando inclusivamente novos dados aos já apresentados.

Entretanto, gostaríamos de notar que a nossa decisão de estudar todo este episódio desde o seu início (1814) até ao final (1821) implicou, ainda que temporariamente, a omissão de todos os outros factos intercalares relativos à vida pessoal, profissional e literária de Quillinan. Deles procuraremos seguidamente dar conta, regressando a 1814.

Ainda neste ano, foi publicada *Stanzas*³⁶, uma colectânea de poemas, alguns dos quais produzidos com intenções estritamente circunstanciais ("Lines written on the Baptismal Day of Jane Grey Brydges", "To Miss Charlotte N..."). O primeiro que citámos encontra-se recheado de pormenores histórico-genealógicos, sendo perfeitamente exemplificativo de um tipo de texto poético que Quillinan irá cultivar nos anos seguintes: laudatório ou elegíaco, centrado sobre diferentes membros da família Brydges.

É o que nos oferece, por exemplo, *Consolation*³⁷, publicado em 1815. Trata-se de uma elegia à memória de Grey Matthew Brydges, um dos filhos de Sir Egerton, que havia falecido ain

da muito jovem. Este poema aparece também incluído em *Elegiac Verses*, outra obra de Quillinan publicada anos mais tarde, achando-se em ambas transcrita uma curta notícia biográfica extraída de *Gentleman's Magazine*, Abril de 1812.

Igualmente de 1815, mas apresentando já características bem distintas, é *Monthermer*, a primeira obra de Quillinan a não ser publicada pela Lee Priory Press³⁸. É um poema épico em seis cantos, de medíocre qualidade literária, que narra a história dos amores e peripécias de um jovem nobre que abraça a carreira das armas. Sobre este poema, existe uma recensão crítica francamente elogiosa, conquanto fundamente tal opinião pela juventude e pela profissão do autor e pelo facto de ser um militar³⁹.

Outras impressões sobre *Monthermer* aparecem também publicadas por esta altura:

On the whole, this poem has afforded us considerable pleasure; and it may be safely recommended as of a very superior character, both with respect to its composition and its moral tendency⁴⁰.

Mais objectiva nos parece, porém, a seguinte:

We cannot, indeed, think that the martial author before us is likely to be raised many steps higher on his profession by this performance; nor do we concei-

ve that it will be of more service to him in the
fields of love (should he wish it so to be) than in
the fields of war⁴¹ .

Entre os defeitos apontados na recensão publicada em *The Tradesman*, contam-se a irregularidade métrica e a construção algo frouxa da intriga, nomeadamente numa parte tão importante como é a catástrofe, que, segundo o crítico, funciona a penas parcialmente. Sintetizando:

We do not, however, hesitate to say, that the work
as it now appears will be perused with satisfaction,
but it will please more from its simplicity than
from any dignity of poetic genius⁴² .

Em 1816, aparece *The Sacrifice of Isabel*⁴³, um poema de dedicado a Sir Egerton Brydges. A razão apresentada reside no facto de ter sido escrito na biblioteca de Lee Priory, "[...] a place endeared to me by many associations, and where, through your friendship, some of the happiest hours of my life have been passed"⁴⁴ . No dizer do autor, constitui "[...] an endeavour to describe, with energy and simplicity, natural feelings on trying situations" (p. 4).

The Sacrifice of Isabel narra uma história de amor e morte que tem lugar em 1814 numa ilha do Mediterrâneo. O seu principal mérito verifica-se a nível de descrição de ambientes

naturais; mas, para além deste aspecto, importa destacar a referência a Napoleão como centro de interesse, na medida em que Quillinan se virá posteriormente a interessar por um episódio verídico que lhe está associado e do qual falaremos mais adiante: a Conspiração de Filadélfia.

Este poema mereceu também a atenção da crítica⁴⁵. A título de exemplo, destacamos alguns passos de uma recensão que sobressai pela sua extensão e pela objectividade e relevância dos argumentos apresentados:

The poem before us deserves considerable praise, and though not of the highest order in its kind, it gives evident proofs of talent. The name of the author is perhaps not unknown to many of our readers, — not, indeed as a writer merely, but as a young officer of a dragoon regiment, who, in consequence of his propensity for the Muse, was involved in some disputes in an eastern country of the Kingdom, where his regiment was quartered⁴⁶.

Depreende-se portanto, por um lado, que o melhor "cartão de visita" de Quillinan junto do grande público continuava a ser o seu agitado princípio da vida pública; e, por outro, vemos assim retomada uma opinião já expressa que sublinha o talento e o bom gosto do autor, claramente superiores ao génio propriamente dito.

Alguns dos aspectos criticados são a escolha de um contexto temporal recente, a inadequação histórica e a inverosimilhança:

It is evident, that much of this narrative must be invention; and why Mr. Quillinan should have fixed its date in our own day, we know not, when he might have avoided all the inconveniences arising from that circumstance, by carrying it back to times when the events would not only have been more probable in themselves, but not inconsistent with our positive knowledge of facts (pp. 391-392).

Contudo, o propósito da isenção leva o crítico a sublinhar um aspecto que lhe parece amplamente positivo e que é a caracterização psicológica das personagens:

[...] although we cannot applaud Mr. Quillinan for the choice of the story [...], yet we may congratulate him upon having introduced characters, not only with the external shape of human beings, but with the internal form and frame of the human mind; (p. 391).

Conclui até com uma palavra de apreço e de estímulo:

[...] it is, however, the lowest and the last duty of criticism, to point out such defects as will be corrected by the improving taste of a young man, especially where they are compensated by beauties of no ordinary or vulgar kind (p. 395).

O regresso de Quillinan à elegia verifica-se com *Verses, addressed to Lady Brydges*⁴⁷. O autor exorta-a à resignação, confortada pela certeza de uma vida eterna, realçando a inocência de todos aqueles prematuramente roubados aos carinhos maternos. Após evocar os últimos momentos do jovem Edward Brydges, falecido em 13 de Junho de 1816, renova a sua fé num reencontro futuro:

In your sepulchral chamber, corse to corse,
Ye still shall meet, in spite of this divorce;
In the eternal kingdom, soul to soul,
Ye still may live, when planets cease to roll (p. 8).

Em 1817, aparece *Elegiac Verses*⁴⁸, obra que reúne *Verses, addressed to Lady Brydges, in memory of her son Grey Matthew Brydges*, que já conhecemos sob o título de *Consolation*⁴⁹, e *Verses, addressed to Lady Brydges, in memory of her son Edward William George Brydges*, de que havíamos acabado de falar.

1817 é ainda a data do casamento de Edward Quillinan

com Jemima A.D. Brydges, filha de Sir Egerton. A actividade militar de Edward obriga entretanto o novo casal a partir para a Irlanda, onde em 9 de Outubro de 1819 nasce a primeira filha, Jemima K. Quillinan⁵⁰.

Em 1820, é publicada *Woodcuts and Verses*⁵¹, obra que reúne poemas de Quillinan (odes, hinos, canções, sonetos, etc.), ilustrada com vinhetas impressas pela Lee Priory Press. O prefácio, da autoria do próprio Quillinan, é particularmente importante, nele se tecendo considerações sobre o elevado valor artístico das mesmas, decerto superior ao dos próprios textos, sobre a vaidade dos escritores, e sobre outras publicações do autor, designadamente *Monthermer* e *The Sacrifice of Isabel*:

By the publication of *Monthermer* and *The Sacrifice of Isabel*, I long since have laid myself open to the charge of being a vain author, and what is still worse, an author in vain. I can only plead in extenuation of the confidence in my own abilities implied by the publication of the first of those poems, that youth is the season of rashness, and that it was published when I was very young. I can already see how much I might have improved my chance of future reputation (for I once thought I had a chance) by laying aside these works till time should open my eyes to their faults, and enable me to correct them. *Monthermer*, more especially, was sent to the press too precipitately (pp. 4-5).

Quillinan atribui assim os defeitos das referidas obras à sua juventude e imaturidade extremas, factores que, em seu entender, deverão refrear qualquer juízo porventura demasiado severo:

So, I would say, at the bar of literature, juvenile of fences against taste should be mildly judged; and their occurrence would be more effectually checked by temperate remonstrance, than by malicious severity or outrageous reproach: and so too, would I hope, the extravagancies of thought and diction in the composition of a young author should not subject him to be dogged by the common bailiffs of criticism, or to have his faculties imprisoned, with Ridicule for their jailor (pp.6-7).

Existe, evidentemente, uma base pessoal para esta atitude:

I owe but few thanks to reviewers, and have long ceased to look to them for anything but censure (p.8).

Este desabafo constitui a deixa para a evocação do artigo "Poems by a Heavy Dragoon", assunto que foi já tratado na devida altura⁵². Limitemo-nos, pois, a constatar a determinação de Quillinan em prosseguir a sua actividade, mau grado a existência de críticas adversas:

Criticism can indeed convince me that my powers are very limited, and can repress all idle aspirations after fame; but it cannot subdue the enthusiastic fondness with which from my childhood I have cultivated poetry (pp. 7-8).

Este período (1820-1821) é marcado pela prestação de serviço na Escócia, onde, como se disse, viria a terminar a polémica em torno de *Dunluce Castle*; e por um facto que se viria a revelar determinante na evolução da vida afectiva, social e literária de Edward Quillinan, a apresentação a William Wordsworth:

In 1820-21 he [Quillinan] was at Penrith; and there, for the first time, he met the poet, whose works had delighted him during his years of army service. It is rather curious that, having got an introduction to Wordsworth from an Edinburgh friend, who had spoken of himself [Quillinan] rather highly, as he got near Rydal he felt ashamed of presenting it, and rode back to Penrith, the object of his journey unfilled. He returned, however, afterwards, without the letter, and introduced himself⁵³.

Em 1821, Quillinan retira-se do exército, instalando-se com a família em Spring Cottage, entre Rydal e Ambleside,

"his chief motive for settling in the district being the opportunity it would give him of intercourse with the poet"⁵⁴.

Aí virá a nascer, em 1822, a segunda filha do casal, baptizada com o nome de Rotha, em homenagem ao rio Rothay, que atravessa Grasmere. O seu padrinho foi precisamente Wordsworth, que lhe dedicou um soneto⁵⁵.

1822 é um ano tragicamente assinalado pela morte de Mrs Quillinan (25 de Maio), provocada por intensas queimaduras a que viria a sucumbir e cujo epitáfio seria escrito pelo próprio Wordsworth. A irmã e a filha⁵⁶ do poeta⁵⁷ dedicam-se às duas meninas com desvelo verdadeiramente notável, atitude que, no caso de Dora⁵⁸, terá por certo influido no pedido de casamento que Edward lhe fará, alguns anos mais tarde.

Para compreender a evolução das relações entre Quillinan e os Wordsworth, é indispensável a consulta de *Letters of the Wordsworth family*⁵⁹. Através delas, procuraremos em seguida reconstituir essa evolução até 1841, data do casamento de Edward e Dora.

O estabelecimento dos Quillinan em Spring Cottage é participado pelo próprio Wordsworth a Walter Savage Landor, em carta datada de 20 de Abril de 1822. Wordsworth não faz qualquer apreciação de natureza pessoal sobre Quillinan, mas apenas sobre as filhas e, ainda assim, muito de passagem, ao referir-se-lhes como "two nice children"⁶⁰.

Esta carta faria pensar numa relação de pura cortesia entre vizinhos; o que, contudo, parece não corresponder inteiramente.

ramente à verdade. De facto, existem em *Letters* alguns indícios de uma atenção prestada já nesta altura por Mary e Dorothy Wordsworth aos Quillinan e, muito particularmente, a Jemima.

Um confronto de datas permite-nos constatar que a carta que citámos foi escrita aproximadamente um mês antes da morte de Mrs Quillinan. Porém, existe outra que lhe é anterior (24 de Novembro de 1821), escrita por Dorothy Wordsworth a Henry Crabb Robinson, na qual se alude a qualquer perturbação mental de Jemima, anterior ao seu internamento em Lancaster⁶¹, que teria sido acompanhada de perto por Mary Wordsworth. Nada mais encontrámos no decurso da investigação que permita confirmar ou esclarecer este facto.

Parece-nos, todavia, um tanto estranho que Mrs Quillinan só volte a ser mencionada em 1 de Dezembro de 1824, novamente em carta de Dorothy a Henry Crabb Robinson⁶². Se é certo que o texto não nos deixa quaisquer dúvidas quanto ao conhecimento que Robinson teria já da morte de Jemima Quillinan, não é menos verdade que haviam entretanto decorrido mais de dois anos e meio sobre a trágica ocorrência.

Seja como for, o facto é que ela veio determinar um compreensível estreitamento das relações. Para além da natural solidariedade, os próprios contactos sociais ter-se-ão eventualmente multiplicado (há, por exemplo, uma carta de Mary Wordsworth a Quillinan, marcando um encontro entre as duas famílias⁶³). No que se refere estritamente às filhas de Quillinan, falou-se

já do papel e das funções desempenhadas por Dora⁶⁴, e o próprio Wordsworth se ocupa de Rotha, a sua afillhada, cuja companhia e qualidades aprecia visivelmente:

As to Rotha, she is a sweet, clever child, and we were the best companions in the world [...] we must take care not to spoil her; she is wonderfully intelligent⁶⁵.

A afeição de Wordsworth estende-se também ao nosso autor, como o comprovam duas cartas publicadas na obra a que temos vindo a recorrer. Na primeira, dirigida a Alaric Watts e datada de 5 de Setembro de 1825, Quillinan é apresentado e recomendado como "[...]"a particular friend of ours, who is just leaving us. He is merely passing through Manchester, but I think you will be pleased with each other, however short the interview"⁶⁶.

A segunda, dirigida a George Huntly Gordon em 6 de Abril de 1830, contém um elogio mais directo e expressivo, respondendo, ao que parece, a qualquer comentário de Gordon:

I am not surprised that you are so well pleased with Mr. Quillinan. The more you see of him the better you will like him⁶⁷.

Perante tal opinião, é de facto dificilmente compreensível e explicável a tenaz relutância de Wordsworth ao casamen

to de Dora (apesar da acção exercida por *Miss Fenwick*), a não ser pela extrema possessividade do seu amor paternal⁶⁸.

Existe, porém, outra leitura possível ou, se quisermos, complementar, que assenta num argumento apresentado por Wordsworth: o da pouco sólida condição financeira de Edward Quillinan. Mary Moorman refere que já em 1825 Dora Wordsworth teria confessado a Jane Jewsbury a sua grande simpatia por Quillinan⁶⁹. Porém, o amor filial e o respeito pela memória de Jemima, cuja morte trágica a havia impressionado fortemente, terão determinado que só em 1837 Dora peça autorização ao pai para casar com Quillinan. Por sua vez, a situação deste era então mais favorável, quer pela idade das filhas, quer ainda pela morte de *Sir Egerton*, ocorrida nesse mesmo ano. Terá sido, pois, nesta altura que Wordsworth invocou o argumento que referimos, acabando finalmente por ceder, em Junho de 1838, muito embora, como se sabe, o casamento só venha a realizar-se quase três anos mais tarde, em 11 de Maio de 1841.

Esta análise dos factos por Mary Moorman faz, sem dúvida, sentido em si mesma, mas, quando fixa em 1838 o consentimento paternal, parece desconhecer, ou não tomar em consideração, uma carta do poeta a sua mulher e filha, escrita dez anos antes, na qual a autorização se acha já presente. Dela transcrevemos a parte que ora nos interessa:

Sunday morning, 9 o'clock

My dearest Dora,

I am looking for Mr. Quillinan every moment. I hope to revive the conversation of yesterday.

The sum is: I make no opposition to this marriage. I have no resentment connected with it toward any one; you know how much friendship I have always felt towards Mr. Q., and how much I respect him. I do not doubt the strength of his love and affection towards you; this, as far as I am concerned, is the fair side of the case.

On the other hand, I cannot think of parting with you with that complacency, that satisfaction, that hopefulness which I could wish to feel; there is too much of necessity in the case for my wishes. But I must submit, and do submit; and God Almighty bless you, my dear child, and him who is the object of your long and long-tried preference and choice.

Ever your affectionate father,

70
Wm. Wordsworth .

Em acrescentamento à mesma carta, Wordsworth reitera a excelente opinião que forma de Quillinan, concluindo com a sua bênção:

I have only to add that I believe Mr. Q. to be a most honourable and upright man, and further, that he is most strongly and faithfully attached to you; this I must solemnly declare in justice to you both; and to this I add *my blessing upon you and him;*⁷¹

Seja como for, o facto é que a posição de Wordsworth originaria entretanto na vida de Quillinan um lance menos feliz. Recorrendo a Henry Crabb Robinson, somos informados de que Quillinan participou numa espécie de sociedade bancária concebida por um seu cunhado, com vista à realização de operações financeiras fraudulentas⁷². Robinson afirma que, se acaso Quillinan conseguisse atrair alguns investidores poderosos, seria reservado um lugar certamente estável e compensador, tornando-se assim possível pôr termo de uma vez por todas à relutância de Wordsworth e desposar Dora.

Como consequência última deste episódio, Quillinan seria julgado em Março de 1842⁷³. Embora não tenha sido condenado por fraude, Quillinan ficou, porém, obrigado a repor larga parte da quantia investida na sociedade. E, se é certo que nesta altura o casamento já tinha sido celebrado, parece legítimo pensar que o envolvimento de Quillinan não se terá nunca revelado proveitoso e que Wordsworth estaria ao corrente; caso contrário, as palavras de Donald Reiman não teriam qualquer sentido:

Thus what Moorman sees as Wordsworth's magnanimity in not castigating Quillinan or Dora for the sad outcome of their attempt [...] may, rather, reflect the poet's recognition that his insistence on Quillinan's seeking a better fortune had led to this personal disaster, which (so far as I can tell) is the only blot on Quillinan's honour⁷⁴.

Após esta digressão, que pensamos ser justificável, regressemos a 1822, precisamente o ano da publicação de *Carmina Burgesiana*⁷⁵. Para além dos já nossos conhecidos poemas *Consolation* e *Stanzas in memory of Edward William George Brydges*, esta obra integra alguns outros relacionados com esta família e o seu alegado parentesco com os Duques de Chandos. Nele se acham ainda transcritos diversos epitáfios de antepassados, acompanhados de nótulas de carácter biográfico e genealógico. Como se poderã adivinhar, o seu valor é, sob o ponto de vista literário, praticamente nulo.

Durante os anos seguintes, a actividade de Quillinan sofre uma pausa considerável. Tendo-se entretanto desvinculado do exército, conforme foi já dito, Edward muda-se para Lee Priory, a convite de um seu cunhado e aproveitando a ausência da família Brydges, em viagem pelo continente. O regresso desta vai determinar a sua vinda a Portugal, em visita ao pai. De novo em Inglaterra, instala-se em casa dos Brydges, desta feita em Londres, recebendo aí a visita dos Wordsworth⁷⁶, à semelhan

ça do que havia aliás sucedido em Lee Priory⁷⁷. Em 1832, e durante três anos, vive em França (Paris e Bolonha), deslocando-se a Portugal em 1834, em visita ao irmão, que tinha sucedido ao pai nos negócios da firma⁷⁸. Em 1836, regressa a Portugal, agora acompanhado pela filha mais velha, Jemima, demorando-se um ano entre nós. Finalmente, reside em Canterbury entre 1837 e 1841.

Uma leitura de todos estes anos assim sumariamente revistos permite-nos extrair duas conclusões: em primeiro lugar, a profunda ânsia de fuga a uma região tão repleta de recordações simultaneamente queridas e dolorosas; e, em segundo lugar, a preservação dos contactos de Quillinan com Portugal, aspecto de que a última fase da sua produção literária constitui, a vários títulos, o melhor e mais expressivo testemunho.

Data de 1841 a publicação de *The Conspirators*⁷⁹, obra na qual se integra, como dissemos, *The Sisters of the Douro*. A dedicatória, de 13 de Maio de 1839, Canterbury, é dirigida a Robert Southey, pela dívida que Quillinan sente ter para com ele, após a leitura de *History of the Spanish War* [sic]⁸⁰.

O episódio que despertou concretamente a curiosidade de Quillinan foi a chamada "Conspiração de Filadélfia", um movimento nascido no seio dos exércitos bonapartistas envolvendo oficiais de alta patente e que tinha por objectivo último derubar o jugo napoleónico e, posteriormente, fazer da França uma república.

Foi já dito que *The Conspirators* - a primeira tentativa

de Quillinan no domínio da prosa - tem como ponto de partida, segundo Garnett, as recordações e experiências do autor relativas à sua participação na Guerra Peninsular⁸¹. Pensamos que esta afirmação é um tanto enganadora, como procuraremos justificar no capítulo dedicado a *The Sisters of the Douro*.

Em 1843, eis de novo Edward Quillinan envolvido noutra polémica, desta feita desencadeada por um tenaz ataque de Walter Savage Landor a William Wordsworth. Tudo começa, porém, alguns anos antes, com a publicação de um artigo de Landor, denegrindo não só a produção e originalidade poética de Wordsworth mas principalmente o seu carácter. Henry Crabb Robinson, em 8 de Dezembro de 1836, regista o incidente nestes termos:

I finished and sent off a Letter to Landor respecting a most unwarrantable publication sent to me by him, and entitled "A Satire on Satirists and Admonition to Detractors". The greater part is an attack on Blackwood, and other satirists; but the detractor admonished is Wordsworth, who is represented as an envious and selfish poet⁸².

Na referida carta, escrita a Landor na véspera, Henry Crabb Robinson verbera-lhe tal procedimento, que diz estranhar por três motivos: primeiro, porque foi o próprio Wordsworth quem lhe apresentou Landor; segundo, pela grande cordialidade que caracterizou sempre os encontros entre os três homens; ter

ceiro, porque Landor recorre a opiniões proferidas descompro-
metidamente por Wordsworth no decurso dessas reuniões⁸³.

Uma outra face da polémica reside na tentativa, por parte de Landor, de criar um diferendo entre Wordsworth e Southey. O argumento invocado terá sido uma pretensa crítica de Wordsworth ao merecimento poético de Southey. Paralelamente, Landor acusa Wordsworth de plágio. Trata-se de uma questão algo intrincada mas cujos contornos se definem mais nitidamente no seguinte passo de uma carta escrita por Wordsworth a Southey em 18 de Março de 1837:

I will now transcribe a few words from a letter of Mr. Quillinan addressed to Dora, upon which for Landor's sake I shall make no comment. I received the letter this morning, and never heard a word on the subject the passage treats of.

"What has Mr. Wordsworth done to that Welsh furious, that Landor the Savage, to excite his madness to such ludicrous malignity and grandiloquent vituperation? Madmen are sometimes very subtle in malice. What of his trying to blow up a flame of discord between your father and Mr. Southey! as if two such long-tried friends could quarrel at this time of day about the opinion that one or the other might or might not entertain as to the value of the other's poetry. Byron or Landor might give up an old friend for such a cau-

se, but Southey is too loyal-minded to believe that Wordsworth ever seriously disparaged his talents, or to be very irate if he really had had the bad taste to do so. I am sorry for Mr. Southey, for Landor is also a very old and prized friend of his [...] His wrath at Mr. Wordsworth for having plagiarized his lines about the shell is capital fun".

Thus for Mr. Quillinan, and not a word of all this did I ever see or hear of before⁸⁴.

Contudo, a verdadeira resposta de Quillinan só será dada após nova provocação de Walter Savage Landor, que, como lembra Johnston, consistia numa "[...] imaginary conversation between Porson and Southey, in which the poetry of Wordsworth was handled in a way that could not be but very annoying to his admirers and friends"⁸⁵. O texto foi publicado em *Blackwood's Edinburgh Magazine* em Dezembro de 1842.

Um estudo da participação de Quillinan neste episódio deverá necessariamente tomar em atenção algumas cartas por ele dirigidas a Henry Crabb Robinson, pois acrescentam dados novos para a configuração da polémica. Assim, em 7 de Fevereiro de 1843, o nosso autor manifesta a intenção de publicar a resposta a Landor, descrevendo o respectivo conteúdo⁸⁶; e em 15 de Fevereiro pede a Robinson que não revele a ninguém o modo como tomou conhecimento da sátira⁸⁷.

A prometida resposta data de Abril do mesmo ano com a

publicação de "Imaginary Conversation, between Mr. Walter Savage Landor and the editor of Blackwood's Magazine"⁸⁸. O texto propriamente dito é precedido de uma carta de Quillinan a Christopher North, editor do periódico e interlocutor fictício de Landor.

Uma descrição sumária do seu conteúdo e estrutura é-nos dada por Edith J. Morley na sua introdução a *The Correspondence of Henry Crabb Robinson* [...]⁸⁹. Sobre este assunto, veja-se também o artigo de Richard Garnett⁹⁰ e a "Memoir" de Johnson⁹¹.

Landor não chegou verdadeiramente a contra-atacar, limitando-se a qualificar as afirmações de Quillinan de "Quillinities". Porém, este trocadilho não é sequer original, como explica o próprio visado em carta a Henry Crabb Robinson, datada de 1 de Junho de 1843⁹².

No meio de todas estas peripécias, é legítimo indagar qual terá sido afinal a atitude de Wordsworth perante a resposta do genro.

Vimos como o poeta só tomou conhecimento do primeiro ataque de Landor através de Quillinan, então em Portugal, como refere Henry Crabb Robinson⁹³. Nessa altura, não só se recusa a "terçar armas" contra Landor ou comentar sequer o assunto (assumindo deste modo uma posição de digna superioridade moral), como não terá inclusivamente aprovado mais tarde a intervenção ardorosa de Quillinan. Esta atitude de Wordsworth acha-se documentada na carta que escreveu a William Rowan Hamilton, datada de Abril de 1843⁹⁴.

De toda esta polêmica, terá sido afinal o próprio Landor a sair desprestigiado, tanto pela virulência e baixeza dos seus ataques a Wordsworth como pela retaliação de Quillinan, por todos reconhecida como justa:

[...] he [Quillinan] took up the quill against Mr. Walter Savage Landor, in *Blackwood*, by way of answer to one of these pieces of severity in which that Archimede among paradoxical poet has, from time to time, delighted to play at pulling down the world's idols, and impugning his own critical taste⁹⁵.

Mr. Landor however deserved the use which had been made of the most ill-natured parts of his critical commentaries, for the attack on Wordsworth was a piece of wanton mischief on his part, and grossly inconsistent with the praise which on other occasions he had bestowed⁹⁶.

Dos anos subsequentes, julgamos dever destacar 1847 e isto por dois motivos: se, por um lado, ele é tristemente assinalado pelo falecimento de Dora, por outro, em termos estritamente literários, podemos considerá-lo, com inteira justiça, o ano lusófilo da produção de Edward Quillinan. Dada, porém a existência de um capítulo dedicado aos textos que se relacionam com Portugal, abordaremos por enquanto somente o primeiro aspecto.

Ainda que relativamente breve (seis anos), o segundo casamento de Quillinan caracteriza-se por uma quase permanente alternância de felicidade e de apreensão até à morte de Dora, altura em que a dor, a amargura e a saudade convergem no espírito de Edward, apagando qualquer sentimento positivo.

Após o matrimónio (1841), Edward e Dora empreendem uma curta viagem em Inglaterra na companhia dos Wordsworth, partindo depois para Rydal Mount. De Rydal seguem para Lee Priory e daí para Londres, onde permanecem durante um ano.

No Inverno de 1842-43, instalam-se em Ambleside, talvez em virtude de a saúde de Dora se achar algo debilitada, para além, logicamente, do factor familiar. Os verões seguintes (1843 e 1844) são passados numa casa cedida pela família Curwen e situada numa ilha próximo de Windermere, onde o estado de Dora conhece uma sensível, se bem que breve, melhoria.

Na verdade, o Inverno de 1844 e a Primavera seguinte testemunham uma recaída, tendo Dora sido aconselhada a mudar-se temporariamente para um clima mais ameno. A escolha recai, como era usual em casos idênticos, em Portugal⁹⁷. A estada na região do Douro, claramente benéfica para a saúde de Dora, seguir-se-ia uma curta passagem pelo Sul de Espanha. Das impressões por ela colhidas nos dá conta o seu relato de viagem, publicado em 1847⁹⁸.

O regresso a Inglaterra dá-se em Julho de 1846, instalando-se o casal em Loughrigg Holme, perto de Rydal Mount. Porém, a melhoria visível seria sol de pouca dura... Em Dezem-

bro do mesmo ano, Dora vai a Carlisle por motivos familiares. No percurso ou durante a sua permanência naquela cidade, sofre uma constipação que se viria a provar fatal. A sua saúde cedo inspira tais cuidados que William e Mary Wordsworth, então em Londres, regressam de imediato para junto da filha.

Em Abril de 1847 desfazem-se as últimas esperanças no restabelecimento de Dora, cuja morte ocorre três meses mais tarde, em 9 de Julho⁹⁹. Edward sobrevive-lhe por quatro anos, vindo a falecer em 8 de Julho de 1851.

O período que decorre entre ambas as datas evidencia uma intensificação da actividade lusófila do nosso autor, como se verá em pormenor no capítulo seguinte. Verifica-se também um natural estreitamento dos laços afectivos entre Wordsworth e Quillinan, mais do que nunca unidos por uma perda comum. Dora constitui um tópico frequente de conversa, como o próprio Quillinan observa em carta a Henry Crabb Robinson, datada de 1 de Fevereiro de 1848:

Mr. Wordsworth & I walk about together a good deal
now, & he seems to seek & to take pleasure in my
company. He talks constantly of my beloved Wife, &
this suits my feelings, though it is so sad a the-
me¹⁰⁰ .

Parece não haver dúvidas de que as convicções religiosas terão amenizado a amargura de Edward, transmitindo-lhe a

mesma resignação que em tempos aconselhara a *Lady Brydges*. Quase todos os textos que abordam este aspecto da personalidade de Quillinan mencionam o seu catolicismo, muito embora, como nota William Angus Knight¹⁰¹, a formação católica não o tenha impedido de frequentar a Igreja Anglicana. A sua liberdade de espírito fê-lo inclusivamente educar as filhas no Protestantismo, cumprindo assim um acordo feito quando do seu primeiro casamento¹⁰²; e ainda, em determinado momento, criticar o Papa do num poema praticamente desconhecido do qual existe um exemplar na Universidade de Cornell¹⁰³.

Em 1848, Quillinan publica anonimamente um artigo cujo título é "Laurels and Laureates"¹⁰⁴. Segundo o próprio Quillinan, terá sido escrito ainda antes da sua viagem com Dora a Portugal e publicado, após ligeira revisão, a conselho de William e Mary Wordsworth e Kate Southey¹⁰⁵. Este artigo viria a merecer, poucos anos volvidos, o elogio de Christopher Wordsworth:

Mr. Wordsworth's appointment gave occasion to a very interesting Literary Essay on The Laureates of England by Mr. Quillinan, the perusal of which will excite a hope that the office of Laureate may never be abolished¹⁰⁶.

Após uma alusão à origem da coroa de louros como símbolo da excelência poética, procede-se à nomeação, por ordem cro

nológica, dos poetas que lhe estão associados, com particular destaque para os laureados ingleses. Esta incidência especial explica-se, evidentemente, pelo facto de a distinção ter sido atribuída pela última vez a William Wordsworth.

Vem a propósito lembrar aqui o único poema que lhe foi encomendado: *Ode on the Installation*¹⁰⁷. Como o próprio título indica, o texto teria por objectivo um louvor poético à tomada de posse do Príncipe Alberto como Chanceler da Universidade de Cambridge. Porém, crê-se que a preocupação com Dora, já então comprometida, e as divergências de Wordsworth relativamente às ideias reformistas do Príncipe Consorte no campo do ensino, terão levado o poeta a pedir, por sua vez, a Quillinan que escrevesse a ode, prestando-se todavia a efectuar as correcções finais¹⁰⁸.

Sobre o conteúdo e significado subjacente do texto final, escreve Donald Reiman:

That Ode [...], after recalling England's role in rescuing the continental states during the Napoleonic Wars, the dying in childbirth of Princess Charlotte (the last legitimate English heir to the throne) in 1817, and the birth of Victoria, then praises the ancient traditions of Cambridge - thus implicitly counselling the new Chancellor not to change a winning game. The words may be largely Quillinan's; the sentiment is certainly Wordsworth's¹⁰⁹.

Encerraremos este capítulo com algumas palavras sobre a edição póstuma dos poemas de Quillinan¹¹⁰. É esta obra que integra, como foi já dito, a "Memoir" de William Johnston, um dos principais contributos para o estudo da vida particular e literária de Edward Quillinan.

Dos poemas incluídos, gostaríamos de salientar a existência de três grupos particularmente importantes: 1) os inspirados em paisagens do nosso país; 2) aqueles que são traduções ou adaptações de poesias portuguesas ou brasileiras; e 3) os dedicados a Jemima e Dora Quillinan, que se caracterizam pela sua pungência.

Sabe-se que, alguns anos antes do casamento com Dora, um poema de Quillinan tinha já sido objecto de um juízo claramente positivo por parte de Wordsworth:

This very day Dora has read to me your poem again; it convinces me, along with your other writings, that it is in your power to attain a permanent place among the poets of England. Your thoughts, feelings, knowledge, judgement in style, and skill in metre entitle you to it; and if you have not succeeded in gaining it, the cause appears to me merely to lie in the subjects which you have chosen [...]. I ought, however, in justice to you, to add that one cause of your failure appears to have been in thinking too humbly of yourself, so that you have reckoned it worth while to look suf-

ficiently round you for the best subjects, or to employ as much time in reflecting, condensing, bringing out, and placing your thoughts and feeling in the best point of view as is necessary¹¹¹.

Numa outra carta cuja data se desconhece (provavelmente 1841, sugere o editor), a crítica de Wordsworth incide, porém, em aspectos de natureza formal:

We have read your verses with much pleasure ; they want neither eye nor feeling, and are upon the whole -which is saying a great deal - worthy of the subject. But the expression is here and there faulty, as I am pretty sure you must be yourself aware¹¹².

Seguem-se algumas alterações propostas por Wordsworth, quer por razões semânticas ou estilísticas, quer simplesmente métricas. Em nota de rodapé à mesma página, o editor esclarece que os versos reproduzidos pertencem ao poema "Interior of Canterbury Cathedral, as seen by moonlight, September 30, 1841"¹¹³, tendo sido de facto modificados por Quillinan, após a recepção desta carta.

Em carta escrita a Edward Moxon em 27 de Janeiro de 1845, Wordsworth mostra-se convicto do pouco sucesso que a obra de Quillinan poderá encontrar junto do meio literário. Esta opinião que, aparentemente, contradiz os juízos anteriormente e-

mitidos por Wordsworth, deverá, contudo, ser tomada como elogiosa, em face da sua visão do panorama literário da época:

Speaking of Mr. Quillinan, as to an literary work of his own, I am sure that it would never sell, unless he condescended—which he will never do – to traffic in the trade of praise, with London authorlings who write in newspapers, magazines, and reviews [...]¹¹⁴.

Recordemos em seguida alguns depoimentos sobre os textos poéticos de Quillinan:

They will be found of varying literary merit; but they are true records of the man in his different moods of mind, sometimes lighted up by joy and a playful fancy, more frequently showing him plunged in the deepest glooms of grief, but always giving evidence of kindness of heart, or of strong and tender affections¹¹⁵.

He had a genuine enthusiasm for literature; but in poetry he achieved nothing more than light and graceful verses, chiefly suggested by persons and places which would have no interest for our readers¹¹⁶.

Because he had no burning message to convey, many of his poems [...] were written to order rather

than out of a deep need to express himself¹¹⁷ .

Estas opiniões vêm assim reforçar uma ideia já por nós formada a propósito das anteriores publicações de Edward Quillinan: a sua notória sensibilidade e bom gosto, francamente sobreponíveis à originalidade ou merecimento literários. No entanto, Quillinan foi, em certa medida, um escritor privilegiado, desde o seu parentesco com Wordsworth, que lhe facultara o acesso ao convívio com os chamados *Lake Poets*. Talvez resida sobretudo aí o seu grande mérito:

On the whole, this volume must be considered as a contribution to the history of a group of remarkable poets rather than as possessing any substantive literary interest of his own¹¹⁸ .

No entanto, entendemos dever frisar, por parte de Quillinan, a consciência de faltas eventuais, a capacidade de autocrítica e, sobretudo, o constante desejo de aperfeiçoamento que o caracterizavam, como se depreende de uma carta escrita a Robinson em 22 de Outubro de 1849, na qual, após expressar o propósito de reunir os vinte ou trinta sonetos já escritos (Quillinan não diz se se tratam de originais, de traduções ou ambos), acrescenta:

[...] my object in collecting them is to revise them strictly & mend them where I can, or destroy those that are, in my judgement, incorrigible - for I do not like the notion of preserving common-place sonnets which any versifier can write - for the great difficulty of this sort of measure is not in the construction, which is easy enough to any wishy-washy rhymer, who will allow his sense or nonsense, to be pliable to the exigencies of the Sonnet-law of *form*, or evade that law, & thus avoid even the mechanical ¹¹⁹difficulty .

Ressalve-se o facto de, ao longo deste capítulo, nos termos ocupado somente das obras sem qualquer interesse para a abordagem da faceta lusófila de Edward Quillinan. Estudá-la-emos em seguida, excluindo, porém, *The Sisters of the Douro*, cuja análise preencherá a parte final do presente trabalho.

N O T A S

- ¹ Trata-se do artigo dedicado a Edward Quillinan in *Dictionary of National Biography*. London, Smith, Elder & Co., 1909, vol. XVI, pp. 546-547.
 Não deixa de ser curioso notar que Garnett se acha associado à projecção de Camões em Inglaterra, ao traduzir quarenta sonetos in *Dante, Petrarch, Camoens*. CXXIV Sonnets translated by Richard Garnett. London, John Lane, 1896.
- ² *Modern English Biography, containing many thousand concise memoirs of persons who have died between the years 1851-1900 with an index of the most interesting matter*, edit. by Frederic Boase, London, Frank Cass & Co., Ltd., s.d., vol. II, cols. 1689-1690.
- ³ *Memoirs of William Wordsworth*. London, Edward Moxon, 1851, vol. II, p. 378.
- ⁴ Citado por Johnston, "Memoir", in Edward Quillinan, *Poems*. London, Edward Moxon, 1853, p. xvii. Esta "Memoir", que antecede a publicação dos textos poéticos escritos e traduzidos por Quillinan, constitui uma das principais fontes para o conhecimento da vida e obra do nosso autor.
 Acrescente-se ainda que o facto de Johnston aparecer aqui a transcrever Quillinan se deve à existência de uma autobiografia incompleta deste último, que termina em 1810 (*ibidem*, p. xv).
- ⁵ *Ibidem*, p. xii.
- ⁶ Citado por Johnston, *ibidem*, p. xviii.
- ⁷ *Ball Room Votaries; or, Canterbury and its Vicinity*. London: Printed for H. Colburn, 1810.

- ⁸ Quillinan citado por Johnston ("Memoir", p. xix). Muitos anos mais tarde, o autor voltaria a referir-se ao assunto, parecendo desculpar-se pela sua extrema juventude, numa carta publicada in *The Correspondence of Henry Crabb Robinson with the Wordsworth Circle - 1808-1866*, edit. by Edith J. Morley. Oxford, at the Clarendon Press, 1927, vol. I, 330, p. 500.

Henry Crabb Robinson é uma figura de certa importância no meio literário oitocentista inglês, pelas relações de amizade que manteve com Wordsworth, Coleridge, Southey e Charles Lamb, entre outros. Robinson foi também o primeiro correspondente de *The Times* na Península Ibérica durante o período de resistência ao expansionismo napoleônico. Sobre esta personalidade, veja-se artigo que lhe é dedicado in *Dictionary of National Biography*, vol. XVII, pp.15-17.

- ⁹ *The Poetical Register, and repository of fugitive poetry for 1810-1811*. London. Printed for F.C. and J. Rivington, 1814, p. 583.
- ¹⁰ Em *Anonyms: A Dictionary of revealed authorship*. Cambridge, published by William Cushing, 1889, p. 55, a obra é atribuída a um tal Hunter, do Queen's Bays Regiment.
- ¹¹ *The Whim, a Periodical paper, by a society of gentlemen*. Canterbury, printed by Rouse, Kirkby, and Lawrence, 1810-1811.
- ¹² Nº 12 (3.6.1811), pp. 166-167.
- ¹³ Nº 1 (31.12.1810), p. 4.
- ¹⁴ *Op. cit.*, p. xxv.
- ¹⁵ *Letters of the Wordsworth family from 1787 to 1855*, edit. by William Knight. Boston & London, Ginn and Co. Publishers, 1907, vol. III, DCCXCII, pp. 275-280.
- ¹⁶ Nº 3 (28.1.1811), pp. 27-28.

- 17 "A satirical pamphlet in verse, entitled *The Ball Room Voluntaries*, involved him in a series of duels [...]"(*op. cit.*, p. 546).
- 18 "[...] and Quillinan contributed other satirical effusions (which resulted on his undertaking three duels) to a periodical called *The Whim*;"(S. Austin Allibone, *A Critical Dictionary of English Literature*, Philadelphia, J. B. Liffincott & Co., vol. II, p. 1717).
- 19 "Another publication, jointly contributed to by himself and other officers, got him into trouble, and several duels followed" (William Angus Knight, *The Life of William Wordsworth*. Edinburgh, William Paterson, 1889, vol. III, p.381).
- 20 *Dunluce Castle: a Poem*. Printed at the private press of Lee Priory; by Johnson and Warwick, 1814.
- 21 No artigo de Henry Crabb Robinson publicado propositadamente para noticiar o falecimento de Quillinan, Sir Samuel Brydges é apresentado como "a literary amateur, who wasted a large estate, partly in the indulgence of the expensive luxury of a private press (at Lee Priory), from which he issued his own poems and numerous reprints of old English literature, and still more by a ruinous and unsuccessful attempt to prove his title to the Dukedom of Chandos"(*The Christian Reformer, or, Unitarian Magazine and Review*. New Series, vol. VII, from January to December, 1851, London, Edward T. Whitfield, 1851, p. 512.
- 22 Sobre o estabelecimento de Lee Priory Press e condições do seu funcionamento, recordemos alguns factos:
 "In 1813 a private printing press had been established at Lee Priory by a compositor and a pressman (Johnson and Warwick). Brydges engaged to provide 'copy' gratuitously, and the printer undertook to pay all expenses, making what profits they could. The editions of the various works issued from the press were purposely limited to a small number of copies, and were sold by the printers to book-col-

lectors at high prices. In spite of these arrangements, considerable expenses were incurred by Brydges and his son, though the press was not finally given up till about December 1822" (artigo sobre Brydges in *Dictionary of National Biography*, vol. III, p. 165).

Sobre as obras publicadas pela Lee Priory Press, veja-se William Thomas Lowndes, *The Bibliographer's Manual of English literature containing an account of rare, curious, and useful books, published in or relating to Great Britain and Ireland, from the invention of Printing; with bibliographical and critical notices, collations of the rarer articles, and the prizes at which they have been sold*. London, Henry G. Bohn, 1864, vol. VI (Apêndice) pp. 218-225. A lista inclui alguns dos títulos publicados da autoria de Quillinan, apesar da existência de uma entrada onomástica que lhe é específica (*Ibidem*, vol. IV, p. 2025).

Sugere-se também a consulta de *A Catalogue of all the Works printed at the private press at Lee Priory in Kent: from its commencement in July 1813, till its termination in Jan. 1823* [with a Ms letter from Geneva by Sir E. Brydges, dated March 29, 1824, respecting the difficulty of transmitting books to England]. Geneva, 1824.

- ²³ Pelo menos, é esta a convicção do autor de um artigo necrológico sobre Quillinan, ao afirmar que "His poetic talents introduced him to the friendship of Sir Egerton Brydges, then residing at Lee Priory [...]" (*The Gentleman's Magazine*. By Sylvanus Urban, Gent. Volume XXXVI. New Series. MDCCCLI, July to December Inclusive. London, John Bowyer Nichols and Son. 1851, p. 438).
- ²⁴ *Occasional poems* written in the year MDCCCXI. Kent; Printed at the private press of Lee Priory; By Johnson and Warwick, 1814.
- ²⁵ Lowndes, *op. cit.*, vol. VI (Apêndice), p. 218.

- ²⁶ *The Irish Monthly. A Magazine of General Literature.* Dublin, M.H. Gill & Son; London, Burns & Oates, Simpkin, Marshall & Co., fifteenth yearly volume, 1887, p. 286.
- ²⁷ *The Man of Kent, or Canterbury Political and Literary Weekly Miscellany.* By a society of Gentlemen, vol. I, nº 13 (12.12.1818), col. 198. A recensão seria completada no número seguinte (19.12.1818), col. 213.
- ²⁸ In *Blackwood's Edinburgh Magazine.* Edinburgh, William Blackwood; London, T. Cadell and W. Davies, vol. IV, nº XXIII, February 1819, pp. 574-579.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. xxvi.
- ³⁰ *Woodcuts and Verses.* Kent; Printed at the private Press of Lee Priory; by John Warwick, 1820, p. 9 (nota de rodapé).
- ³¹ *The Retort Courteous.* Edinburgh, John Robertson, 1821.
- ³² Assim era, de facto, sob o pseudônimo de *Peter Morris*. Trata-se de uma obra publicada em 1819, descrevendo a sociedade de Edinburgh do seu tempo.
- ³³ *Peter's Letters*, vol. III, pp. 134-137.
- ³⁴ *Ibidem*, vol. I, pp. 126-127.
- ³⁵ *Memoirs of a Literary Veteran; including Sketches and Anecdotes of the Most Distinguished Literary Characters from 1794 to 1849.* London, Richard Bentley, 1851, vol. II, pp. 267-268.
- ³⁶ *Stanzas, by the author of Dunluce Castle.* Kent; Printed at the private press of Lee Priory; by Johnson and Warwick, 1814.
- ³⁷ *Consolation: a Poem addressed to Lady Brydges.* Kent: Printed at the private press of Lee Priory; by Johnson and Warwick, 1815.
- ³⁸ *Monthermer: a Poem.* London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1815.

³⁹ *London Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*. By Sylvanus Urban, Gent. London, printed by Nichols, Son & Bentley, vol. LXXXV (being the Eighth of the New Series), Part the Second (July/December), 1815. A crítica surge in cluída no mês de Agosto, pp. 149-152, sendo completada em Novembro, pp. 430-434. Note-se que esta numeração de páginas diz respeito a todo o semestre.

⁴⁰ *The New Monthly Magazine and Universal Register*, vol. IV (July/December), 1815. A recenção aparece no nº 20 (September), p. 154.

⁴¹ *The Monthly Review; or Literary Journal*. London, vol. LXXX (January/April), 1816, p. 99.

Na linha desta apreciação, recordaremos ainda as seguintes:

"[...] as our readers perceive, it manifests also some command of the language and versification, though not under the controul of the purest taste" (*Ibidem*, p. 100).

"The author evidently possesses considerable poetical talents, but he is unequal in the exercise of them; his fancy is rich, sometimes even to exuberance, but it must be brought under a proper and judicious restraint, before he can attain to any degree of poetical excellence;" (*The Tradesman; or Commercial Magazine* [...]. London, published by Sherwood, Neely & Jones, vol. XV (July/December), 1815). A recenção aparece no nº 3 (September), pp. 231-236.

⁴² *Ibidem*, p. 236.

⁴³ *The Sacrifice of Isabel*. London: Printed by Bensley & Son; for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1816.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 3. É curioso confrontar este depoimento com um outro em que Lee Priory é apresentado como "a place I love and hate". Trata-se de uma carta de Quillinan a Henry Crabb Robinson datada de 20.6.1849 e publicada in *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. II, 508, p. 694.

- ⁴⁵ *London Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*, vol. LXXXVI (Being the Ninth of a New Series), Part the First (January/June), 1816. A recensão vem publicada no nº de Junho, pp. 527-531.
The Monthly Review; or Literary Journal, Enlarged. London, vol. LXXXII (January/April), 1817. Recensão no nº de Abril, pp. 433-434.
- ⁴⁶ *The Critical Review; or, Annals of Literature*. London, W. Simpkin and R. Marshall, Series The Fifth, vol. IV, nº 4 (October), 1816, p. 390.
- ⁴⁷ *Verses, addressed to Lady Brydges, in memory of her son Edward William George Brydges* [Lee Priory, 1816].
- ⁴⁸ *Elegiac Verses, addressed to a Lady*. Kent: Printed at the private press of Lee Priory; by John Warwick, 1817.
- ⁴⁹ Ver pp.48-49. Antecedendo os textos, pode ler-se que:
" A few copies of the first of these poems [dedicado a Grey Matthew Brydges] have been before printed at this Press ; and distributed to the private friends of the family to whom it relates".
- ⁵⁰ Em Rydal Mount, hoje Casa-Museu de Wordsworth, existe um retrato de Jemima da autoria de F. Stone, que inspirou ao poeta o texto "Lines suggested by a Portrait from the Pencil of F. Stone", escrito em 1834 (William Wordsworth, *The Poems*, edited by John O. Hayden. Harmondsworth, Penguin Books. 1977, vol.II, pp. 790-794 e respectiva nota, p. 1051).
- ⁵¹ *Woodcuts and Verses*. Kent: Printed at the private press of Lee Priory; by John Warwick, 1820.
- ⁵² Ver pp. 42-48.
- ⁵³ William Angus Knight, *op. cit.*, vol. III, p. 381.
Relativamente às circunstâncias em que se processou o primeiro contacto entre Quillinan e Wordsworth, existe um testemunho discordante mas que não corresponde manifestamente à verdade:

" About the year 1823, the poet Wordsworth visited Sir Egerton Brydges, which led to an acquaintance between the two families [...]" (*The Gentleman's Magazine*. By Sylvanus Urban, Gent. London: John Bowyer Nichols and Son, vol. XXXVI, New Series (July/December), 1851. A notícia biográfica sobre Quillinan, de onde extraímos este passo, aparece no nº de Outubro, p. 438.

- ⁵⁴ *Ibidem*, p. 381,
- ⁵⁵ "To Rotha Q — " (William Wordsworth, *op. cit.*, vol. II, pp. 509-510 e respectiva nota, p. 1017).
- ⁵⁶ "Epitaph [In Grasmere Church]". *Ibidem*, vol. II, p. 509 e respectiva nota, p. 1017).
- ⁵⁷ O facto de ambas terem como nome próprio *Dorothy* explica o generalizado tratamento de *Dora* concedido à filha de Wordsworth.
- ⁵⁸ " [...] after her death [Jemima's] a very close tie sprang up between the Rydal household and the two motherless children. Dora, the poet's daughter, then eighteen years of age, became to them, as the years advanced, a sort of second mother" (William Angus Knight, *op. cit.*, vol. III, p. 382).
- ⁵⁹ *Letters of the Wordsworth family from 1787 to 1855*, edit. by William Knight. Boston & London, Ginn & Co., 1907, 3 vols.
- ⁶⁰ *Ibidem*, vol. II, CCCLXIX, pp. 179-180.
- ⁶¹ *Ibidem*, CCCLVIII, pp. 158-162.
- ⁶² *Ibidem*, CCCXCIX, pp. 231-232.
- ⁶³ Datado de 5 de Maio de 1823 (*Ibidem*, CCCLXXXIV, pp. 203-204).
- ⁶⁴ Em carta a Edward Quillinan, datada do Natal de 1834 (*Ibidem*, vol. III, DCXVI, p. 64), Dora refere o oferecimento dos seus pais, no sentido de tomar conta de Rotha durante dois ou três meses, dada a ausência de Quillinan. O *post-*

-scriptum espelha afinal as boas relações existentes entre ambos:

"I may teach Rotha to ride and to drive, and she may teach me to walk, and to talk (French); and I am sure we shall teach each other to be very happy".

- ⁶⁵ Carta de Wordsworth a Quillinan, datada de 29 de Abril de 1841 (*Ibidem*, DCCXLII, p. 226).
- ⁶⁶ *Ibidem*, vol. II, CCCCXIX, p. 266.
- ⁶⁷ *Ibidem*, DVI, p. 411. O passo que citámos encontra-se também reproduzido in Christopher Wordsworth, *op. cit.*, vol. II, p. 224.
- ⁶⁸ É esta a opinião geralmente adiantada por quantos se têm referido a este assunto. Sugerimos a consulta de Sir Henry Taylor, *Autobiography*. London, Harrison & Sons, 1874, vol. I, pp. 215-216; William Angus Knight, *op. cit.*, vol. III, pp. 382-383; e Edith J. Morley (ed.), *op. cit.*, vol. I, p. 2.
- ⁶⁹ *William Wordsworth*, 1965, vol. II, p. 428.
- ⁷⁰ William Knight (ed.), *op. cit.*, vol. II, CCCCLIII, pp. 321-322.
- ⁷¹ *Ibidem*, p. 322.
- ⁷² *On Books and other writers*, edit. by Edith J. Morley, 1938, vol. II, p. 573.
- ⁷³ *Romantic Context: Poetry - Significant Minor Poetry 1789-1830*: Edward Quillinan. Selected and arranged by Donald H. Reiman, New York & London, Garland Publishing, Inc., 1978, p. viii. Este volume reúne os seguintes textos de Quillinan: *Consolation*, *Elegiac Verses*, *Monthermer*, *The Sacrifice of Isabel*, *Woodcuts and Verses* e *Carmina Burgensiana* [sic]. Reiman afirma que o filho mais velho de Sir Egerton, o Coronel Thomas Barrett Brydges, estaria implicado neste incidente. Porém, através do artigo dedicado a Sir Egerton (in *Dictionary of National Biography*, vol. III, p. 166), so

mos informados de que o Coronel Brydges faleceu ainda antes de seu pai (e assim a data-limite seria quando muito 1837). É possível que se trate do segundo filho, John William Egerton Brydges, que participou na Guerra Peninsular e faleceu em 1858.

- ⁷⁴ *Ibidem*, p. ix.
- ⁷⁵ "*Carmina Brugensiana. Domestic poems*". Geneva, printed by W. Fick, MDCCCXXII.
- ⁷⁶ Em Maio de 1828 (P.W. Clayden, *Rogers and his Contemporaries*. London, Smith, Elder & Co., 1889, vol. II, p. 9).
- ⁷⁷ A visita dos Wordsworth a Lee Priory teve lugar em Maio de 1823, partindo no dia 16 para Dover com destino à Bélgica e à Holanda (Christopher Wordsworth, *op. cit.*, vol.II,p.116).
- ⁷⁸ Johnston, *op. cit.*, p. xviii.
- ⁷⁹ *The Conspirators, or The Romance of Military Life*. London, Henry Colburn, 1841, 3 vols.
- ⁸⁰ Trata-se da *History of the Peninsular War*. London, John Murray, 1823-32, 3 vols.
- ⁸¹ *Op. cit.*, p. 547.
- ⁸² *Diary, Reminiscences, and Correspondence*, edit. by Thomas Sadler. London, MacMillan & Co., 1869, vol. III, p. 104.
A referência bibliográfica do texto de Landor é: *A Satire on Satirists and Admonition to Detractors*. London, Saunders & Otley, 1836.
- ⁸³ *Ibidem*, p. 105.
- ⁸⁴ William Knight (ed.), *op.cit.*,vol. III,DCLXVIII,pp.128-129.
- ⁸⁵ *Op. cit.*, p. xxxi.
- ⁸⁶ *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. I, 314, pp. 475-477.
- ⁸⁷ *Ibidem*, 315, pp. 477-478.

- ⁸⁸ *Blackwood's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Blackwood & Sons, vol. LIII (January/June), 1843. O artigo de Quillinan surge no número CCCXXX (Abril), pp. 518-536, sendo ainda parcialmente transcrito in *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. II, Appendix II, pp. 852-866.
- ⁸⁹ *Op. cit.*, vol. I, p. 22.
- ⁹⁰ *Op. cit.*, p. 547.
- ⁹¹ *Op. cit.*, pp. xxxi-xxxiii.
- ⁹² *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. I, 330, pp. 498-502. Nesta mesma carta (pp. 500-501), Quillinan diz ter conhecido Landor em Bath no ano de 1811, na sequência da publicação de *Ball-Room Votaries*, tendo-lhe pouco depois contado o trocadilho criado a partir do seu nome (Quillinan/Quill inane) por Frederick Goulburn.
- ⁹³ Henry Crabb Robinson, *Diary, Reminiscences, and Correspondence* [...], vol. III, p. 114.
- ⁹⁴ William Knight (ed.), *op. cit.*, vol. III, DCCLXXXVI, pp. 270-271.
- ⁹⁵ *The Athenaeum, Journal of Literature, Science and the Fine Arts for the year 1853*. London, printed by James Holmes, nº 1329 de 16.4.1853, p. 474.
- ⁹⁶ Johnston, *op. cit.*, p. xxxi.
- ⁹⁷ *Journal of a few months' residence in Portugal and glimpses of the South of Spain*. London, Edward Moxon, 1847.
- ⁹⁸ Bastará lembrar de passagem o caso paradigmático de Henry Fielding.
- ⁹⁹ *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. II, 483, p. 663.

- ¹⁰⁰ Sobre a rápida evolução da doença de Dora e subsequente morte, veja-se Christopher Wordsworth, *op. cit.*, vol. II, pp. 433-436. A notícia foi de resto comunicada a Christopher pelo próprio William Wordsworth numa brevíssima carta datada de 10 de Julho de 1847 e publicada in William Knight (ed.), *op. cit.*, vol. III, DCCCLI, p. 341.
- ¹⁰¹ *Op. cit.*, vol. III, p. 383 (nota de rodapé).
- ¹⁰² Sobre este acordo, veja-se a notícia necrológica de Quillinan, escrita por Henry Crabb Robinson in *The Christian Reformer: or, Unitarian Magazine and Review*. New Series. London, Edward T. Whitfield, vol. VII (January/December), 1815. A referida notícia vem incluída no número de Agosto, p. 512.
- Ainda sobre o problema da religião professada por Quillinan, veja-se também o artigo citado in *The Irish Monthly*, p. 287.
- ¹⁰³ *The King: the lay of "a papist"*. London, 1830.
- ¹⁰⁴ *Blackwood's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Blackwood & Sons, vol. LXIV, CCCXCIV (August), 1848, pp. 220-232.
- ¹⁰⁵ Carta a Henry Crabb Robinson datada de 2 de Outubro de 1848 e publicada in *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. III, 495, pp. 677-679.
- ¹⁰⁶ *Op. cit.*, vol. II, p. 403 (nota de rodapé).
- ¹⁰⁷ A referência bibliográfica, tal como figura no Catálogo Geral da Biblioteca do Museu Britânico, é a seguinte: *Ode on the installation of His Royal Highness Prince Albert as chancellor of the University of Cambridge*, by W. W., Poet Laureate [or rather, by E.Q.]. London; George Bell, [1847].
- Existe outra versão idêntica mas cuja referência bibliográfica difere: *Ode, performed in the Senate House, Cambridge, on the sixth of July, MDCCCXLVII, at the first*

commencement after the installation of His Royal Highness the Prince Albert, Chancellor of the University [By E. Quillinan. Written at the request of W.W., and with his help]: Cambridge University Press, 1847. Corresponde a uma tiragem mais restrita, apenas para circulação particular.

¹⁰⁸ *Op. cit.*, p. x.

¹⁰⁹ Embora esta ode figure na edição dos poemas de Wordsworth atrás citada (a de John O'Hayden, vol. II, pp. 903-906), a nota que lhe é relativa não permite qualquer dúvida: "This ode was written by Edward Quillinan, Wordsworth's son-in-law, but was revised by Wordsworth himself; composed probably about by 29 April 1847; first published in 1847; not reprinted by Wordsworth" (*Ibidem*, p. 1075).

¹¹⁰ *Poems*, by Edward Quillinan. With a memoir by William Johnston. London, Edward Moxon, 1853.

¹¹¹ Carta a Edward Quillinan de 20 de Setembro de 1837 in William Knight (ed.), *op. cit.*, vol. III, DCLXXVII, p. 141. Segundo Johnston, *op. cit.*, p. xii (nota de rodapé), o poema em questão é "Stanzas written at Oporto", incluído in *Poems*, pp. 75-84.

¹¹² *Ibidem*, DCCLIV, p. 235.

¹¹³ *Poems*, pp. 145-147.

¹¹⁴ William Knight (ed.), *op. cit.*, vol. III, DCCCXXIII, p. 312. Esta perspectiva é tanto mais curiosa, se atendermos a que Edward Moxon, o destinatário da carta, é precisamente o editor de *Poems* de Quillinan e do *Journal* de Dora.

¹¹⁵ Johnston, *op. cit.*, pp. xiv-xv.

¹¹⁶ *The Irish Monthly*, p. 287.

¹¹⁷ Reiman, *op. cit.*, p. x. Parece-nos, todavia, que estas palavras sã serão justas se aplicadas apenas aos textos publicados até 1822, instituindo pois como limite *Carmina*

Brugesiana. É possível que tenha sido essa, aliás, a intenção de Reiman, visto que o texto permite, de facto, a dúvida.

¹¹⁸ *The Athenaeum, Journal of Literature, Science and The Fine Arts for the year 1853*. London, printed by James Holmes, nº 1329 de 16.4.1853, p. 474.

¹¹⁹ *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. II, 516, p. 706.

III

LEMBRANÇAS DE PORTUGAL

Já ficou dito que é na última fase de produção literária de Quillinan (cujo início poderemos por comodidade situar em 1814) que a lusofilia se faz sentir de um modo particularmente nítido e actuante. Assim, decorridos cinco anos sobre a publicação de *The Conspirators*, aparece *The Belle*¹, uma breve narrativa cuja acção se acha principalmente localizada na Foz. Sublinhe-se a notória atracção de Quillinan pela região do Douro e bem assim o rigor, a sensibilidade e o sentido de pormenor que transparecem das suas descrições:

He [Edward Quillinan] published in the October and November numbers of "Tait's Magazine" for 1846, "The Belle: Adventures at a Portuguese watering place", which gave a minute description of the marine suburb of Oporto, and was quoted by his wife in her Journal as the best topographical account of "The Foz" which she could² find .

The Belle consiste numa evocação apenas parcialmente fictícia da vida social elegante da Foz. Dizemos parcialmente já que, como adverte o seu autor na nota de abertura, os episódios relatados são autênticos e as próprias personagens inspiradas em figuras igualmente reais. A classificação do texto é já, se

gundo Quillinan, um tanto problemática porque feita pela negativa ("This is neither a novel nor a romance, and least of all a satire", p. 638).

O cenário escolhido é o Porto e áreas limítrofes com particular destaque para a Foz, apresentada como a estância balnear da moda. Não será demasiado fantasioso pressupor que Quillinan conheceria desde criança, toda esta região; aliás, recentemente visitada, como ele próprio nos confessa. Um confronto de datas permite-nos concluir que a referida visita teria sido aquela que empreendeu em 1845-46, na sequência da debilitada saúde de Dora.

A acção tem lugar alguns anos antes (Outono de 1835-Inverno de 1836), pouco após o histórico cerco do Porto, episódio que é, de resto, continuamente lembrado ao leitor, ainda que sempre de passagem. Cumpre acrescentar que a principal intenção de Quillinan não é a de produzir uma narrativa histórica, nos moldes em que ela foi concebida e praticada pelos nossos escritores românticos e pós-românticos (Alexandre Herculano, Rebelo da Silva, Camilo, ...) mas a de reconstituir, com base num conflito amoroso ou pseudo-amoroso, toda uma vivência da sociedade elegante da época, oferecendo consequentemente diversos motivos de interesse.

O conflito de que falámos desenvolve-se a partir da figura de May Leslie, vulgarmente conhecida por "The Belle", uma jovem inglesa que consegue atrair a atenção generalizada das personagens masculinas: o Senhor Pinto, pretencioso, galantea

dor e sem escrúpulos; Don Alvarez, um atraente fidalgo espanhol que mantém com o pai de May uma relação de grande amizade; e finalmente Mr Stubbs, um inglês crédulo, de uma bonacheirice quase grotesca e com pretensões a poeta. Acrescentemos a estes Mr Forsyth, o *gentleman* solitário, a um tempo generoso e altivo, cuja extrema fleuma e introversão começam desde logo por inspirar a May uma antipatia instintiva, anterior mesmo ao primeiro contacto pessoal entre ambos. Este sentimento virá posteriormente a evoluir no sentido de uma atracção mais ou menos assumida, que decorre fundamentalmente de uma dívida de gratidão.

No decurso da presente narrativa, deparemos também com sucessivas alterações no inter-relacionamento das personagens que enunciámos. Desse relacionamento uma figura emerge, particularmente bem caracterizada: a da protagonista, cujo perfil psicológico e comportamento são delineados e avaliados com grande conhecimento da alma feminina.

Um outro aspecto de que o texto constitui um expressivo documento literário é o da presença no Porto de uma significativa e influente colónia inglesa. Para além da principal razão que a justifica (o comércio dos vinhos), são ainda abordadas algumas manifestações sociais e lúdicas dela decorrentes. Recordaremos, por exemplo, as recepções e os bailes organizados pela Feitoria mas abertos também a portugueses de condição, prestígio e influência sociais superiores, os piqueniques, as regatas e finalmente a temporada balnear.



Esta fusão (melhor: coexistência) de representantes de duas nações claramente distintas entre si, com todas as divergências inerentes a nível de comportamento, mentalidades e padrões educacionais, não esconde naturalmente alguns sintomas de uma clivagem cultural, ainda quando assume a forma de simples incompreensão ou estranheza.

É o que sucede, por exemplo, no passo em que se alude aos hábitos e comportamentos balneares dos portugueses, marcados pelo entusiasmo e pela extroversão, ao contrário do que inicialmente se verifica com os ingleses, bem mais reservados, como que constrangidos pelo peso de um código educacional a que se convencionou chamar vitoriano. Um outro exemplo deste desfazamento é aquele em que a pronta cedência do barco, feita por *Mr Forsyth* ao Senhor Pinto, é por este imediatamente interpretada como uma provocação frontal ou, no mínimo, um acto de zombaria.

Inglês pelo sangue e pela formação, *Edward Quillinan* dispõe, no entanto, de singulares aptidões para uma compreensão e análise lúcidas do homem português e da sociedade e cultura portuguesas. É, pois, com curiosidade que o vemos retomar, servindo-se quer da descrição quer do rápido apontamento acompanhado ou não por um comentário marginal, alguns tópicos ou aspectos tradicionalmente recorrentes em inúmeros relatos de viagens produzidos a partir da segunda metade do século XVIII. Isso não o impede, porém, de denunciar em determinado momento os frequentes exageros e consequentes distorções que alguns deles

veiculam relativamente a particularidades menos agradáveis, como o desconforto e a imundície³.

Esta convergência no essencial não implica, contudo, a nosso ver, qualquer demérito ou falta de originalidade da presente narrativa ou do seu autor; nem o nosso horizonte de expectativa sai frustado da sua leitura. Pelo contrário, cremos ser viável e positivo o estabelecimento de um parentesco entre *The Belle* e uma família literária constituída, caracterizada e reconhecida autonomamente (a chamada "literatura de viagens") que proporciona a possibilidade de uma articulação com um outro universo, que não o estritamente literário: o da história social, dos costumes e das mentalidades.

As primeiras observações de Edward Quillinan são de natureza puramente científica: sobre o perigo que a barra do Porto representa para a navegação, tanto pelas suas reduzidas dimensões como pela inconstância das marés; a orografia traiçoeira das margens do Douro; a amenidade do clima, se bem que pontualmente variável, etc. Quanto à paisagem globalmente considerada, há que dizer que dela se ocupam sucessivos trechos descritivos, onde a atenção especial ao pormenor pitoresco e a função literária se sobrepõem desde logo a qualquer intenção puramente referencial. Um exemplo desta dupla orientação é-nos dado pela descrição das fontes e da aparência mística das cruzes de pedra, como que emergindo de um extenso mar de vinhas.

Por vezes, a nota pitoresca ressalta directamente da observação de aspectos sociais e humanos verificáveis quer a ní

vel de massa, quer a nível de figuras ou tipos individuais, não raro de origem popular. No primeiro caso, recordemos o entusiasmo com que os portugueses acolhem o trovejar do fogo-de-artifício, receptivos como são a toda e qualquer espécie de manifestação ruidosa; o surpreendente poder mobilizador das cerimónias de carácter fúnebre (na circunstância, a romântica entrega do coração de D. Pedro IV à cidade do Porto); e os peditórios religiosos que consistem na exibição aos fiéis de uma relíquia de duvidosa proveniência e autenticidade. No segundo caso, a evocação dos truques e rituais subtis que o acto de cortejar implica, seguida de referência devidamente explicada, 'para inglês ver', a essa personagem imprescindível que é o 'pau-de-cabeleira'; a notável persistência das vendedeiras de hortaliça e outros gêneros que andam a bater de porta em porta; e o andar airoso das camponesas que transportam à cabeça as birlhas cheias de água.

Aspectos há, todavia, em que a presença do narrador se esbate por detrás dos fenómenos e das situações que entende dever registar. Tal não implica, logicamente, o seu desaparecimento ou anulação totais, já que é ele, em última instância, o responsável por uma selecção crítica dos mesmos.

Nesta perspectiva, destacaremos então a criminalidade citadina, fenómeno essencialmente nocturno, dada a falta de qualquer tipo de iluminação pública; a elevada taxa de indigência, por muitos atribuída (que não pelo narrador) à dissolução dos mosteiros; a existência de verdadeiras legiões de

aleijados que povoam as vias públicas, ostentando aberta e deliberadamente as suas deficiências e enfermidades ao olhar de quem passa; o estado de degradação das estradas e das ruas; o enervante ruído produzido pelo rodar das carruagens; e a utilização dos galegos como empregados domésticos (em *The Belle*, trata-se de um cozinheiro e dois criados)⁴.

Finalmente, reproduziremos uma curiosíssima observação sobre a negligência e incúria caracteristicamente portuguesas. O contexto em que ela se insere foca os preparativos para uma grandiosa recepção oferecida por um rico comerciante da região:

Not only must particular directions be given to each and all of the mechanics, artists, purveyors, and servants, but the execution of every order must be watched by the eye of the master, or the chances will be ten to one that it will be left undone, or done by the rule of contrariety, and never up to time (p. 692).

Este passo é complementado por um outro, no qual os portugueses são sumariamente definidos como "these good-natured, ever promising, never minding people [...]" (p. 692).

Concluiremos esta recensão de *The Belle* com algumas palavras sobre o poema com que se encerra a narrativa e que é o último de uma série de outros poemas ou versos avulsos nela inseridos. Referimo-nos a "Sea-lyric"⁵, cujo autor ficcional é

apresentado como sendo *Mr Stubbs* e no qual é evocada uma figura de mulher que não é outra afinal senão *May Leslie*, isto é, a destinatária. O texto é da autoria do próprio *Quillinan* e vem reproduzido em *Poems* com título diferente e ligeiras alterações: "*May Leslie*" é substituído por "*May Luttrell*" e a disposição estrófica (em quadras) cede lugar à simples justaposição dos versos⁶.

É a partir da personagem "*May Leslie*" -que podemos justamente considerar o núcleo polarizador da intriga -, que se constrói e desenvolve a expectativa relativamente ao desfecho. Assim, a evolução dos sentimentos da protagonista face a *Mr Forsyth* torna previsível um eventual casamento, que, contudo (e inesperadamente), não chega a acontecer. *May* desposa *Don Alvarez*, a vítima accidental de uma tentativa de assassinio planeada pelo rancoroso *Sr. Pinto* e destinada a *Mr Forsyth*. Este, por sua vez, casar-se-á também inesperadamente com *Mrs Lumley*, uma sua compatriota que desempenha a função de confidente de *May*. A dupla surpresa que uma tal solução representa para o leitor não chega, porém, em nosso entender, para esbater o interesse de uma obra que, com evidente conhecimento de causa e profundo sentido da diferença e do pitoresco, procura oferecer ao público inglês uma colorida e isenta imagem de Portugal.

O próximo trabalho de *Quillinan* representativo da atenção dispensada a assuntos portugueses é o artigo consagrado ao teatro vicentino⁷, cujo mérito é justamente reconhecido por *Johnston*:

It is elaborate without being prolix or dull; and full of learning on the subject under discussion, without any tincture of pedantry⁸.

Uma carta de Wordsworth a Henry Crabb Robinson, datada de 16 de Novembro de 1846, leva-nos a concluir que Quillinan terá trabalhado neste artigo até às vésperas da sua publicação:

Mr. Q. busy in drawing up an account of a Portuguese poet, by name Gil Vicente who flourished about 100 years before our Milton⁹.

O interesse de Quillinan pelo nosso dramaturgo não era, de forma alguma, recente. Ainda anterior à referência que lhe é feita em *The Sisters of the Douro*, existe uma carta de Robert Southey ao Reverendo John Warter, escrita em 1 de Outubro de 1835, na qual diz ter recebido de Quillinan, então no Porto, um exemplar das obras completas de Gil Vicente. Nessa mesma carta, Southey louva o carácter pioneiro e a veia satírica do dramaturgo, bem como a reedição das suas peças¹⁰.

Com efeito, Gil Vicente tinha sido votado a um esquecimento editorial tão prolongado como imerecido, o que fazia que a sua obra fosse apenas conhecida pelos estudiosos e bibliófilos mas praticamente ignorada do grande público.

Como já notámos de passagem¹¹, a reedição de 1834 deve-se a Barreto Feio e Gomes Monteiro¹² e tem origem na existên-

cia de um exemplar da primeira edição das obras completas de Gil Vicente na biblioteca da Universidade de Göttingen.

Na "Advertencia", censura-se o desinteresse português pelas coisas pátrias, verificável, no caso presente, pelo facto de a obra vicentina ter conhecido apenas duas edições até à data (em 1561 e 1585). Lutando contra as dificuldades levantadas pela intenção de publicar um autor estigmatizado pelo Santo Ofício, restava a hipótese de uma reedição no estrangeiro.

Depois de divulgados os critérios que a nortearam, acrescentam os editores:

Enfim, julgamos ter feito um importante serviço à literatura em geral, e em particular à Portuguesa, restaurando as quasi perdidas obras de um de seus mais celebrados engenhos, satisfazendo também os desejos de muitos literatos distinctos, tanto nacionais como estrangeiros
[...]¹³.

Os textos são anteceditos de um "Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente" (pp. x-xxxiv), a que se segue um "Appendix" (pp. xxxv-xli); e estão agrupados por "obras de devoção" (vol. I, pp. 1-385), "comédias" (vol. II, pp. 1-180), "tragicomedias" (pp. 181-532), "farsas" (vol. III, pp. 1-324) e "obras varias" (pp. 325-391). No final, foi apenas uma "Taboa Glossaria[...]" (pp. 393-401).

Felix Walter nota que Edward Quillinan conheceu pessoalmente Gomes Monteiro¹⁴, cujas investigações divulga no artigo em questão. A referência explícita ao amigo acha-se no passo em que Quillinan alude ao exemplar de Göttingen¹⁵. Retomando o pensamento de Gomes Monteiro, Quillinan lamenta igualmente o desconhecimento generalizado da obra vicentina em Portugal.

Cumpre dizer que Edward Quillinan, conquanto privilegie o facto biográfico do dramaturgo e a simples sumariação dos argumentos das respectivas peças, não hesita em sustentar ou exemplificar as suas afirmações com excertos que geralmente ele próprio traduziu para inglês e que vêm não raro acompanhados da versão original. Quillinan revela também um conhecimento apreciável de diversos autores secundários, quer nacionais quer estrangeiros, como, por exemplo, no primeiro caso, Garcia de Resende, João de Barros, Faria e Sousa e Barbosa Machado. No segundo caso, e dentro de uma perspectiva mais bibliográfica e histórico-crítica, cita Nicolau António, Bouterwek e Sismondi. As já referidas obras destes dois últimos¹⁶ terão presumivelmente despertado o interesse de Quillinan pela nossa literatura ou, pelo menos, alargado e solidificado os seus conhecimentos na matéria.

Sobre ambos os autores, Quillinan não se escusa, no entanto, a fazer alguns reparos. No que toca ao alemão, Quillinan sublinha a sua exactidão e rigor, mau grado as dificuldades experimentadas por Bouterwek na leitura dos textos originais, ex

plicando-se assim alguns erros de interpretação (p. 7). Quanto a Sismondi, Quillinan denuncia o servilismo com que este autor reproduz as afirmações de Bouterwek, acusando-o ainda de aparentemente não ter lido um único verso de Gil Vicente (p.7).

A segunda parte do ensaio é dedicada a *Um Auto de Gil Vicente*, da autoria de Almeida Garrett. A referência explica-se, segundo Quillinan, pelo facto de Garrett ter retomado de *As Cortes de Júpiter* o tema do casamento da Infanta D. Beatriz com o Duque de Sabóia. Uma outra fonte do texto garrettiano terá sido a *Hida da Infanta Dona Beatrice para Saboya*, um panfleto escrito por Garcia de Resende e no qual se alude inclusive a *As Cortes de Júpiter*.

Dado ser Bernardim o protagonista de *Um Auto de Gil Vicente*, Quillinan julga oportuno recordar a lendária paixão do poeta pela Infanta, aspecto que confere a *Menina e Moça* um cunho confessional não isento de mistério. Se atendermos aos pressupostos literários do Romantismo, será possível compreender por que motivo este episódio nacional, exemplificativo de uma relação amorosa entre dois seres de tão diferente condição social e no qual se reúnem dois vectores caros à mentalidade romântica - o contexto histórico e o elemento lendário tradicional -, terão seduzido Almeida Garrett.

As palavras finais de Quillinan sublinham com inteira justeza a acção renovadora de Garrett em prol da ressurreição da nossa literatura dramática, ao valorizar os temas nacionais e expurgando-a assim do peso excessivo das influências estran

geiras que a asfixiavam pelo servilismo com que eram aplicadas e mantidas entre nós.

As duas últimas obras com relevância para o estudo da presença de Portugal na obra de Quillinan foram publicadas postumamente. Sobre a primeira (*Poems*), algo ficou já dito, sem que, contudo, tenham sido abordadas as manifestações dessa presença. Fã-lo-emos agora, sublinhando desde logo a necessidade de uma compartimentação, por facilidade metodológica.

Em primeiro lugar, é possível constituir um núcleo de textos poéticos sugeridos pela cultura espanhola. Não nos interessam como um fim em si, é certo, mas pensamos dever referi-los por serem demonstrativos de uma atitude da abertura e permeabilidade inglesas relativamente à civilização peninsular.

Assim, e para além do já citado poema "A sea lyric", no qual se evoca uma tempestade ocorrida no Golfo da Biscaia, verificamos que o denominador comum reside indiscutivelmente na permanência árabe na Península e, mais concretamente, em Espanha, país onde essa permanência foi mais intensa, visível e duradoira. Ao reconhecido gosto pelo exotismo e pelo diferente, há ainda que acrescentar o facto de o homem árabe aparecer à sensibilidade romântica como paradigmático de uma concepção de amor simultaneamente requintada e espontânea, cavalheiresca e ardente, sublimada e sensual.

Torna-se bastante arriscado pretender determinar com inteiro rigor a data em que esta imagem do homem e da civiliza-

ção árabes foi introduzida e a partir daí divulgada em Inglaterra. No entanto, a principal fonte terá sido muito provavelmente a *Historia de los Vandos de los Zegries y Abencerrages Cavalleros Moros de Granada, de las Guerras civiles que hubo en ella*, de Ginés Pérez de Hita, publicada em Saragoça no ano de 1595. Esta obra, frequentemente citada como *Guerras Civiles de Granada*, foi conhecida de Pinkerton, que traduziu alguns romances mouriscos em duas obras citadas por Cazenave¹⁷ como *Essai sur la poésie orale et traditionnelle* e *Ballades écossaises*¹⁸. O próprio Walter Scott terá tido conhecimento da obra de Hita na tradução inglesa¹⁹.

Já que falámos de Scott, lembraríamos o poema "The Vision of Don Roderick", que, conquanto centrado na figura do último rei godo, se refere também a Granada e ao palácio de Alhambra²⁰. A figura do rei Rodrigo servirá igualmente de motivo de inspiração a Robert Southey²¹; e o próprio Byron se rende à sedução exercida pela cultura hispano-mourisca nos românticos ingleses²². Finalmente, acrescentaríamos que o genro e biógrafo de Scott, John Gibson Lockhart, recolheu e traduziu para inglês algumas baladas espanholas, publicando-as em *Ancient Spanish Ballads*²³.

Do núcleo de textos poéticos de Quillinan sobre esta temática, começaremos por destacar o poema dramático "The Zegri Lady to her lover. From the Spanish" (pp. 181-183) e "Zelinda" (pp. 178-181), ligados pela presença, em ambos os casos, de

uma protagonista. O amor como incentivo à vitória contra os cristãos é o que nos oferece a "Song of the Abencerrage. From the Spanish" (pp. 183-184), sendo Abencerrage o nome de uma das mais poderosas e nobres famílias de Granada. As contendas militares entre árabes e espanhóis reaparecem como o pano de fundo de um novo poema dramático: "Dialogue between a Moor of Granada and his Spanish prisoner" (pp. 175-178).

As numerosas referências ou alusões a Granada explicam-se pelo facto de ter sido este o último reino árabe na Península, tendo sido somente incorporado na Coroa espanhola em 1492, durante o reinado dos Reis Católicos. Granada e o palácio de Alhambra são ainda evocados em "Stanzas"²⁴.

Existe finalmente uma balada de temática amorosa, que, embora dedicada a uma figura histórica espanhola (o Duque de Alba), optámos por incluir na parte relativa à presença cultural portuguesa, por razões que então explicaremos.

No que diz respeito aos textos que de algum modo se relacionam com Portugal, há que estabelecer desde logo uma subdivisão de base. Um primeiro grupo compreenderia assim as evocações poéticas da paisagem, surgindo esta quer como referente exclusivo ou claramente preponderante, quer como elemento subsidiário ou marginal.

Em qualquer dos casos, verifica-se que a atenção de Quilinan incide preferencialmente sobre trechos e aspectos paisagísticos parcelares do Norte de Portugal. Pensar-se-á de imediato em *The Belle*, mas uma leitura dos textos poéticos que

seleccionámos permite constatar um alargamento geográfico do olhar, capaz de descobrir outros e novos horizontes ou motivos de interesse. E quando, curiosamente, esse olhar se fixa ainda na região do Douro (o Porto, a barra, o Atlântico, o próprio rio), é quase sempre sob forma fragmentária que podemos recolher as suas impressões visuais, distribuídas como estão por diferentes 'retinas' (leia-se: poemas).

Tomemos como primeiro exemplo desta afirmação o longo poema cujo título citamos, abreviadamente, como "Stanzas" (pp. 75-84). Sabe-se que ele foi determinado por um facto verídico: o naufrágio no rio Eufrates do navio "Tigris", a bordo do qual seguia o Tenente Robert Cockburn, o irmão da destinatária a quem Quillinan se dirige, procurando oferecer-lhe uma palavra de consolação e de esperança.

A 3.^a, 4.^a e 6.^a estrofes (pp. 76-78) permitem concluir que Mrs Cockburn residiria na altura na região do Douro e, muito provavelmente, no Porto. Bastará lembrar aqui a imagem através da qual essa fixação num país estrangeiro é vista como uma transplantação de uma flor para um jardim cheio de sol. Esta ideia é reforçada pela referência ao aroma dos laranjais e a um "Mirante", termo que, por não vir traduzido, merece (de Johnston?) nota de rodapé.

Não falta também um rápido apontamento histórico, importante pela sugestão implícita da epopeia camoniana. Trata-se da alusão ao Cabo das Tormentas, "where Lusian Vasco led the Hope forlorn"²⁵. A explicação reside no próprio objectivo

da viagem do "Tigris": estudar a navegabilidade do Eufrates, com vista à sua eventual utilização como rota marítima para a Índia. Tal hipótese, a confirmar-se, proporcionaria uma cômoda e mais rápida alternativa ao trajecto pioneiro de Vasco da Gama. Seria, afinal, como se o imperialismo colonial britânico do século XIX fosse o herdeiro e o continuador legítimos do período português das Descobertas.

O soneto "The American ship Paulina" (p. 51) inclui nova referência ao rio Douro, desta feita a propósito de uma largada que é perspectivada como uma despedida entre dois amantes: o rio e o barco. Não se trata já de uma viagem científica, conforme sucedia no texto precedente, mas comercial: a bordo do "Paulina" segue um carregamento de vinho do Porto.

Ainda a propósito deste texto, poder-se-á reflectir um pouco sobre o soneto italiano utilizado por Edward Quillinan. Não pelo carácter inédito desta escolha (o próprio Wordsworth a havia feito anteriormente) mas pelo que ela implica: isto é, a não utilização de uma medida nativa - o chamado "soneto inglês" - introduzido na época isabelina por Wyatt e Surrey²⁶ e dotado de características específicas a nível estrófico e rimático que o distinguem do soneto italiano ou petrarquista. Por outro lado, a propósito deste último modelo, lembraríamos de passagem a sua enorme tradição e importância no quadro da nossa literatura desde o século XVI (Sá de Miranda, Camões, Diogo Bernardes, Caminha) até hoje (citaríamos como exemplo David Mourão-Ferreira), passando pelos poetas barrocos, por

Bocage, Antero de Quental e Florbela Espanca.

Em Inglaterra, após um período áureo (a referida época isabelina), em que o soneto havia sido cultivado por Sidney, Spenser e o próprio Shakespeare, verificou-se uma quebra sensível na utilização desta forma poética até ao seu ressurgimento no último quartel do século XVIII²⁷. Para este fenómeno, dois autores terão contribuído significativamente: Thomas Warton²⁸ e, alguns anos mais tarde, William Lisle Bowles²⁹.

Regressando a Quillinan, é ainda 'profissional', digamos assim, a viagem que se nos depara em "A parting benison to the Medea steamship" (pp. 42-43). O comandante do navio recusa-se a embarcar cinco ingleses que pretendem regressar à sua pátria, por se achar somente incumbido de transportar correspondência. O apontamento geográfico é aqui relativo à barra do Porto (retomando por conseguinte um aspecto já presente em *The Belle*), extremamente perigoso pela violência dos ventos e alteridade das águas.

Em "The Groves of Entre Quintas" (pp. 213-215), o mar surge novamente como via de separação; porém, desta vez quem se despede é quem parte, ao contrário do que sucede no poema anterior. Dupla separação, todavia: o adeus a uma mulher cruza-se com o adeus a uma paisagem.

No primeiro caso, o retrato feminino é reconstituído através da acumulação de traços particulares apreensíveis pelos sentidos (a vista/o ouvido), como, por exemplo, o rosto, o sorriso e a voz.

Outro tanto sucede com a paisagem, que parece transcender os estritos limites geográficos especificados no título para se assumir como representativa de toda a região do Porto e arredores. O sentido visual é francamente predominante, estimulado quer pela cor quer pela forma (Exemplos: o verde das margens do rio, a cor viva dos laranjais, os salgueiros curvados sobre as fontes, as escarpas recobertas de vinhas e pinheiros), o que não implica, porém, a sua exclusividade; veja-se, a este respeito, a referência ao rico aroma de magnólia.

Este poema poderia aproximar-se, a vários títulos, de um outro de que já se falou: "May Luttrell"³⁰. Em ambos se regista a presença de uma personagem feminina, cujo retrato superlativizado é traçado ou sugerido com maior ou menor detalhe; alguns apontamentos paisagísticos são de facto muito semelhantes; e, em último lugar, ambos recorrem frequentemente à rima interna nos versos ímpares, utilizando até o mesmo metro. Mas a principal razão para tal confronto encontra-se no facto de ambos espalharem uma mesma vivacidade, embora seja possível detectar em "The Groves of Entre Quintas" alguns resíduos de nostalgia no olhar.

Situado no Porto é também "Lines composed in the English burial-ground at Oporto" (pp. 257-259). Porém, o cemitério em questão perde toda a sua importância e especificidade, ao ser submetido a um processo de generalização que o converte num mero pretexto para uma reflexão de natureza filosófica e religiosa.

Após professar uma vivência interiorizada do sofrimento que o torna oculto à compaixão pública, o cenário natural do cemitério é percebido como um manto verde e belo que recobre a dolorosa realidade da Morte. Tal como a Natureza possibilita a quem sofre o esquecimento da Dor, ao transmitir uma mensagem de serenidade e de paz, assim também a fé em Cristo permite acreditar na ressurreição para a Vida Eterna, como se os mortos fossem sementes escondidas na Terra até à altura da floração.

O tom religioso reaparece em " Very unfinished verses suggested by the Serra of Gerêz" (pp. 148-150). As primeiras quatro estrofes preparam o leitor para a sublimação da "Serra" (não traduzido no original), cuja beleza supera a de elementos cósmicos tradicionalmente merecedores dos maiores louvres poéticos, como a Lua, o Sol e o Mar. A nível do pormenor, o olhar de Quillinan detém-se sucessivamente na vasta massa de pinheiros, nas águas, nos ribeiros e nas fontes que povoam a serra para concluir, em termos gerais, que o seu aspecto, em si mesmo sublime, não deverá fazer esquecer que se trata apenas de uma manifestação visível de um Ser criador e transcendente.

Já completamente outro é o cenário que nos oferece o poema "Val de Luz" (pp. 173-174), em nada coincidente com a sua designação topográfica; trata-se de uma zona miserável, onde os próprios habitantes inspiram um misto de desconfiança e de temor. Não obstante, existe um momento de suspensão mágic-

ca, que faz o poeta sentir-se transportado a Rydal(a vila da região do "Lake District" onde se fixara pouco após a sua retirada do exército, como vimos) e que é criado pelo canto do rouxinol, inesperado, melodioso, verdadeiramente hipnótico.

O curto poema "Chestnut trees near Braga. Written before the abolition of monasteries in Portugal" (pp. 19-20) parece reflectir uma tese de nítido sabor word^sworthiano, ao afirmar o carácter e a missão pedagógica da Natureza, definida no último verso como "The second-best of books". O poeta dirige-se expressamente ao eremita, convidando-o a aprender com os castanheiros o segredo da eterna juventude. É muito curiosa a expressão "land of monks", que, no plano imediato, se aplica a Braga, mas que pensamos poder estender ao mais vasto espaço português.

O último texto com incidências paisagísticas e topográficas é, em título abreviado, "Ellegy to Sir Egerton Brydges" (pp. 243-252). Dele interessam-nos apenas três passos. No primeiro, o poeta alude à decoração heráldica do palácio de Sintra, explicando-se assim a dedicatória a Brydges, dado todo o seu interesse pela genealogia³¹.

Mais adiante, após uma brevíssima referência ao Mondego e às planícies que circundam Coimbra, a atenção de Quillinan incide sobre a Fonte das Lágrimas. Alude-se à estrofe de *Os Lusíadas* gravada na pedra, que é, no dizer do poeta, "the tenderest of Camoens' strains".³² A veemência do trecho camoniano origina a sensação de proximidade de uma figura feminin

na (Jemima), cujas lágrimas se vão juntar à água da Fonte³³. O último excerto traz-nos de regresso a Sintra, cujos sortilégios justificam a sua definição como "Land of enchantment even for those that mourn". Nesta nova referência à famosa vila, o cenário privilegiado não é já o histórico mas o natural circundante, com tudo o que comporta de fertilidade (a floração das murtas e das laranjeiras, a água brotando das nascentes) e agrura (as rochas, as escarpas, a própria rudeza dos sobreiros).

Numa apreciação geral e conclusiva, verifica-se que a grande maioria dos textos de que nos ocupámos não chegam verdadeiramente a instaurar como referente último a paisagem portuguesa, captada parcelarmente, na sua especificidade, por um olhar poético sensível ao pitoresco. Pelo contrário, parece haver, regra geral, um objectivo último que condiciona à partida, orientando-os em determinada direcção, tanto o objecto como o modo de olhar: seja ele a evocação elegíaca (Jemima Quil^{lin}an, Robert Cockburn), a exaltação de um Deus criador (a propósito da Serra do Gerês), a profissão de fé na ressurreição dos mortos e na vida eterna (a propósito do cemitério inglês no Porto), o primado pedagógico da Natureza (castanheiros de Braga), ou ainda a valorização de seres não humanos (mais concretamente, o rouxinol) em detrimento dos humanos (a popula^{ção}), no poema "Val de Luz".

O segundo núcleo de poemas que julgamos dever consti^{tuir}, para além de reafirmar, com grande nitidez, a atenção

e o carinho que Quillinan dispensou à literatura portuguesa, desvenda-nos neste campo uma nova faceta da actividade literária do nosso autor, aliás de certo modo facilitada por circunstâncias biográficas: a de tradutor.

A sugestão camoniana que atrás apontámos na referência a Vasco da Gama em "Stanzas"³⁴ torna-se agora presença explícita e assumida. Não é talvez por acaso que os dois primeiros textos relevantes para o estudo da projecção de autores portugueses em *Poems* são precisamente traduções de dois sonetos camonianos. Há evidentemente que sublinhar o facto de ter sido Camões o primeiro (e durante muito tempo o único) escritor português a receber alguma divulgação além-fronteiras, a ele praticamente se reduzindo todo o conhecimento estrangeiro do nosso património literário.

A primeira tradução tem por *incipit* "Why haunt you me fond wishes ever yearning?" (p. 61) e corresponde, no original, a "Que me quereis perpétuas saudades?", que surge reproduzido na página anterior³⁵. Quillinan respeita o modelo escolhido (o soneto italiano), conseguindo manter o decassílabo camoniano e a rima, se bem que, no caso desta, existam, a nosso ver, ligeiríssimas imperfeições: "shone" não rima rigorosamente com "upon" e "gone" (2º verso do 2º terceto e 1º e 3º versos do 1º terceto, respectivamente), tal como "joys" apenas com alguma dificuldade consegue coincidir com "eyes" e "spies" (3º verso do 2º terceto, 2º verso do 1º terceto e 1º verso do 2º terceto, respectivamente).

Outro tanto não poderemos já dizer do sentido do texto original, que, na tradução inglesa, aparece deturpado por duas vezes. Assim, no último verso da 1.^a quadra, "the light of youth" só parcialmente poderá corresponder às "idades" de que fala Camões. Quillinan incorre, pois, numa óbvia redução ou estreitamento do sentido, ao substituir o geral (as diferentes fases da vida globalmente consideradas) pelo particular, circunscrevendo-se a apenas uma dessas fases (a mocidade ou, se se preferir, a juventude).

O outro erro ocorre no 1.^o verso da 2.^a quadra, precisamente aquela em que, de um modo geral, se regista maior liberdade de tradução. Trata-se agora de um falseamento total do sentido, em virtude de um erro de interpretação com incidência gramatical: assim, a palavra "Razão" que integra "Razão é já" tem um significado pouco habitual (diríamos mesmo arcaico) mas Quillinan utiliza-a no sentido comum, o que leva a uma total alteração do sentido. Consequentemente, enquanto que Camões expressa o desejo de que os anos corram depressa, dada a inconstância que tem assinalado o tempo já decorrido, Quillinan diz que a razão não poderá lamentar a passagem deste, visto que é ela mesma que constata a alternância entre Alegria e Desengano que caracteriza tal passagem. Assim sendo, aquilo que em Camões aparece como uma conclusão melancólica e filosófica extraída por um espírito já desenganado e conformado é, em Quillinan, o resultado racionalizado de uma acumulação de experiências ("[...] from Experience Learning", no

último verso da 2.^a quadra, não existe no texto original). São estes os exemplos mais censuráveis numa tradução que é, como se disse, bastante livre em si mesma.

O soneto original apareceu publicado pela primeira vez na edição de 1598, a segunda e última edição quinhentista³⁶, com o número 101. Faria e Sousa, o responsável pelo agrupamento dos sonetos em "centúrias"³⁷, procedeu contudo, dentro deste critério, a algumas alterações inexplicáveis³⁸.

Um dos momentos particularmente compensadores da nossa pesquisa foi a descoberta de que esta tradução de Quillinan havia já aparecido alguns anos antes em *The Lusitanian*, revista de enorme interesse e raridade, editada por iniciativa de alguns membros da colônia inglesa no Porto e da qual saíram apenas seis números, entre 1844 e 1845. Praticamente perdida desde a sua publicação, conseguimos agora localizá-la e reconstituí-la, após peripécias várias. Parece tratar-se, com efeito, de uma realização de grande valor para os estudos anglo-portugueses, mas só uma investigação longa e aprofundada permitirá avaliar a sua verdadeira importância.

No catálogo da biblioteca de José do Canto, criteriosamente organizado pelo seu autor, são referidas quatro traduções de sonetos camonianos inicialmente publicadas em *The Lusitanian*, implicitamente atribuídas a um tal Harris³⁹ e reproduzidas no *Florilégio Camoniano* de 1887⁴⁰. Um dos originais escolhidos era precisamente "Que me quereis, perpétuas saudades?", e o *incipit* da tradução coincidia com o de Quillinan.

A consulta do periódico desfez esta atribuição global, pois, enquanto que duas traduções têm como assinatura ?, as restantes, publicadas conjuntamente, são identificadas por J.⁴¹.

A versão do original acima citada é rigorosamente idêntica à publicada em *Poems*, portanto de Quillinan. Se considerarmos que a lógica da disposição gráfica implica uma autoria comum, então teremos que aceitar que também a primeira tradução é um trabalho de Quillinan, até agora não reconhecido. O soneto original é "Quem jaz no grão sepulcro, que descreve", o nº 55 da edição de 1595, nº 59 da edição de 1598. Pensamos que Quillinan tê-lo-á procurado transformar num soneto inglês (o segundo terceto dá lugar a um dístico), mas o resultado é francamente medíocre. A tradução afasta-se por vezes em demasia do texto original e apresenta um esquema rítmico algo irregular.

A utilização de uma inicial, letra ou qualquer espécie de marca pelos colaboradores da revista, como meio de assinalar as respectivas contribuições, fora sugerida logo de início pelo editor:

We beg every contributor who desires that his name
should not be published will affix some initials or
mark to his papers, expressing his wishes by letter
to the Editor, who will be bound to keep the secret⁴².

Pensamos que o facto de a letra *J* não corresponder à inicial do nome próprio de Quillinan não chega para inviabilizar a identificação proposta nem deve sequer constituir motivo de preocupação ou de dúvida. Por um lado, o editor não estipulava nem sugeria tal correspondência, como se conclui da transcrição acima feita. E, se tomarmos em consideração outras colaborações cujos autores se conhecem, verificar-se-á idêntica liberdade. Citamos como exemplo o único caso provado sem possibilidade de dúvida, o de William Edward Kingston, cuja colaboração é identificada com *C*.

Aceitando, pois, que *J* é Quillinan, resta-nos tentar explicar a sua colaboração em *The Lusitanian*. Começemos por recordar a seguinte indicação do *Florilégio Camoniano*:

O Snr. Ferraz Costa possui um exemplar do *The Lusitanian* completo e bem conservado; tem nas guardas da encadernação a seguinte obra: "The Lusitanian - periodico publicado no Porto em 1844-45 por J. J. Quillinan; [...]⁴³ .

Sabendo que se estabelecera no Porto, retomando o negócio da família⁴⁴, o irmão de Quillinan, somos levados a pensar que poderá ter sido ele o responsável pela edição da revista. Esta hipótese levanta, contudo, um problema quanto à segunda inicial, que, nesse caso, deveria ser *T*(homas). Poderá tratar-se de um lapso ou de uma leitura errada das guardas.

Mas o certo é que, independentemente desta identificação, não foi o editor o responsável pelas traduções assinadas *J*, como se conclui da "Notice to correspondents" incluída no nº 3:

We are sorry that *J*'s elegant translation did not reach us in time for insertion in this number. Had we consulted but our own wishes we should have stopped the press to make room for it, but alas ! stern duty forbade! - It shall certainly appear in our next, and we most earnestly solicit the conti
nuance of *his* (?) favours⁴⁵ .

Parece depreender-se destas palavras que havia particular empenho na colaboração, mas também que *J* estava longe. Sabendo nós que Quillinan só chegou a Portugal, com Dora, em Maio de 1845, data posterior pelo menos à elaboração do nº 5 - recorde-se que o nº 6 saiu em Junho⁴⁶ -, a sua contribuição para *The Lusitanian*, iniciada no nº 4 com uma outra tradução de que adiante falaremos, foi enviada de Inglaterra.

O segundo soneto de Camões traduzido por Quillinan em *Poems* (p. 62), já não vem precedido do original; mas acrescenta relativamente ao anterior, a indicação "Sonnet seventy-two of Camoens. Dinamene", facilitando assim a identificação do original. Trata-se do soneto que tem por *incipit* "Quando de minhas mágoas a comprida" e que constitui um dos dois em que Dinamene é expressamente mencionada⁴⁷ .

Sobre este texto, sejam-nos permitidas duas considerações prévias. Em primeiro lugar, a numeração de 72 diz respeito à edição de 1598, na qual este soneto, tal como o anterior, aparece publicado pela primeira vez. Faria e Sousa, ao contrário do que fizera ao soneto precedente, mantém o número de ordem seguido naquela edição⁴⁸.

Em segundo lugar, e tanto quanto julgamos saber, o P.^e Pedro Ribeiro terá sido o único a contestar a autoria camoniana do presente texto, atribuindo-o, em contrapartida, a Diogo Bernardes⁴⁹. Jorge de Sena debruçou-se sobre esta questão⁵⁰, acabando por discordar de Ribeiro e coincidir assim com os principais estudiosos da lírica de Camões⁵¹.

A tradução de Quillinan corresponde já de maneira bem mais rigorosa ao original camoniano. A estrutura rimática foi de novo mantida (e aqui, aparentemente, com menor esforço), apresentando, todavia, a nível dos tercetos, uma alteração relativamente ao esquema do soneto anterior: a rima /c d e/c d e/ substitui a /c d c/d c d/. Na versão inglesa, existe, porém, um passo em que parece ter sido algo forçada, onde "air" e "there" (2º e 3º versos da 2.^a quadra, respectivamente) rima com "prisoner" e *Her* (versos correspondentes da 1.^a quadra). A maiúscula do pronome pessoal complemento foi, aliás, introduzida por Quillinan: no original, aparece um substantivo ("alma") que ocupa a função sintáctica de sujeito e que é precedido de um pronome demonstrativo ("aqueles"). Esta alteração vem de algum modo conceder a Dinamene um estatuto divinatório.

Chegados a este ponto, pareceu-nos relevante tentar a purar se qualquer destes dois sonetos havia já conhecido tra dução inglesa anterior a Quillinan. E, se é certo que estamos conscientes da digressão que, apesar de tudo, esta linha de pesquisa forçosamente constitui, não é menos verdade que ela permite, independentemente dos resultados e por si só, uma ar ticulação com alguns autores e títulos citados no capítulo introdutório.

Articulação necessariamente breve, por duas razões prin cipais: em primeiro lugar, pela recuperação de dados já reu nidos e apresentados; e, em segundo lugar, pela própria redu ção dos mesmos, visto estabelecermos agora como data-limite o ano de publicação de *Poems* (1853).

Assim, o único tradutor que coincide com Quillinan na escolha de originais foi William Hayley, ao verter para in glês o soneto "Quando de minhas mãgoas a comprida"⁵², numa al tura em que a divulgação em Inglaterra do nome de Camões ha via sido fortalecida, senão mesmo reiniciada, pelo apareci mento de uma nova versão de *Os Lusíadas*: a de Mickle, em 1776⁵³.

Pensamos ser oportuno sublinhar a importância desta es colha comum a Hayley e Quillinan, se nos lembrarmos de que foi Hayley o primeiro a chamar a atenção do público inglês para o valor poético da lírica camoniana.

Confrontando as duas versões, verificamos que Quilli nan segue de mais perto o texto original, produzindo uma tra dução poeticamente superior, em nossa opinião, à de Hayley ,

pese embora a imperfeição métrica do último verso.

Prosseguindo o estudo das traduções efectuadas por Quillinan, deparamos de novo com um soneto italiano, desta feita inspirado num original de Antônio Barbosa Bacelar, um dos mais prestigiados poetas barrocos e, curiosamente, ele próprio glossador de Camões.

A tradução, cujo título é "To a caged nightingale", corresponde ao original "A um rouxinol preso cantando"⁵⁴. O esquema rimático utilizado por Bacelar foi respeitado pelo tradutor (c d e/c d e nos tercetos), mau grado as habituais imperfeições a nível vocálico: em "unconfin'd" com "wind" (19 e 49 versos da 1.^a quadra, respectivamente) e "resign'd" com "purloin'd" (versos correspondentes da 2.^a quadra).

Para além de alterações menos significativas, como a omissão de "gentil" (1.^a quadra, 19 verso) e a tradução de "doce pensamentos" por "charms" (2.^a quadra, 19 verso), a distorção principal ocorre, a nosso ver, nos dois versos finais da última quadra: o "[...] ribeirinho, que com falsidade/Grilhões guardava a teus contentamentos [do rouxinol]" é traduzido como "the rill, whose pleasant waters flow/Bright as thy life, ere you were thus purloin'd". Verifica-se de imediato que a ideia de falsidade ou hipocrisia atribuída ao ribeirinho foi completamente omitida por Quillinan, que acrescenta, porém, a este um atributo positivo ("pleasant waters"). Por seu turno, os "contentamentos" do rouxinol são substituídos por uma referência à "bright life" compartilhada pela ave e pelo ribei

ro; ora este traço de união não existe em Bacelar. Quillinan omite ainda a alusão aos "grilhões", substituindo-a pela simples constatação de um facto já consumado, isto é, o cativeiro do rouxinol.

Poderíamos apontar mais exemplos de distorções praticadas por Quillinan, mas julgamos que isso sobrecarregaria de mais o texto e talvez sem grande justificação nem proveito visíveis. Limitar-nos-emos, pois, a chamar a atenção para a irregularidade métrica do último verso, no qual a palavra "different" terá necessariamente de ser lida como trissílaba para que se possa manter o verso decassilábico.

Ainda sobre o original de Bacelar, acrescentaremos que não se deve a Quillinan a primeira tradução inglesa do mesmo, mas sim a Adamson, que o seleccionou como representativo do poeta e incluiu, acompanhado da respectiva tradução, na sua antologia de sonetistas portugueses⁵⁵.

A característica mais marcante da versão de Adamson, para nós inferior à de Quillinan, reside na alteração do esquema rimático original e no agrupamento estrófico que transforma o soneto italiano de Bacelar numa variante do soneto inglês, tendo como último verso um alexandrino⁵⁶.

Do século XVII Quillinan passa para os finais do sécu^{lo} XVIII, recaindo a sua escolha em Tomás António Gonzaga. Devemos confessar que ela nos surpreendeu a princípio, quer por se tratar de um autor hoje em dia só episodicamente relembra^{do} e estudado⁵⁷, quer pelo seu peso relativo no conjunto das

traduções feitas por Quillinan (são dois os textos seleccionados e ambos razoavelmente longos). Porém, há que ter em atenção uma circunstância salientada por Fernando Cristóvão⁵⁸ e que é a considerável projecção da obra de Gonzaga junto do público seu contemporâneo, e posteriormente comprovada por numerosas reedições no século passado. Como observações prévias, diremos ainda que Quillinan cita erradamente o apelido do poeta como sendo "Gonzalo", apresentando-o como brasileiro, o que, do ponto de vista da naturalidade, é igualmente inexacto já que Gonzaga nasceu no Porto; e declara expressamente ter respeitado o metro original.

A primeira tradução, cujo título é "Discontent" (pp. 185-189) corresponde em Gonzaga à "Lira V"⁵⁹. Dada a extensão do poema, pensamos que não interessará proceder a uma comparação minuciosa dos dois textos que, no fundo, não se afastaria dos aspectos que já encontrámos nos sonetos.

Uma rápida comparação formal permite-nos verificar desde logo uma identidade na escolha da estrofe (de 14 versos) e do metro (redondilha menor). Porém, enquanto que em Gonzaga os últimos cinco versos de cada estrofe se mantêm para todas elas, constituindo pois um refrão, em Quillinan tal só acontece com dois últimos e, ainda assim, com uma excepção (na 5.^a estrofe), introduzida pela modificação do tempo verbal, do Presente para o Passado. O trabalho deste refrão constitui, aliás, a nota mais infeliz do texto inglês, pela repetição do verbo ("Wait, wait") que se deve à necessidade de perfazer cinco sí

labas mas que contrasta desagradavelmente com a simplicidade do original. Por sua vez, enquanto que o esquema rimático original permanece o mesmo em todas as estrofes, exceção feita à 1.^a, em Quillinan, ela não só não coincide nunca com o da estrofe que lhe corresponde no original, mas difere ainda de estrofe para estrofe. Esta diversidade rimática contribui logicamente para retirar à tradução de Quillinan um dos mais importantes atributos do texto de Gonzaga: a sua cadência melódica.

A segunda tradução tem por título "Content" (pp. 189-192), correspondendo em Gonzaga à "Lira I"⁶⁰. Quillinan procede de novo a acrescentamentos, mas a característica principal desta tradução parece ser a liberdade com que alguns termos foram vertidos para inglês e que parecem denunciar, por vezes, um propósito recriador. De qualquer forma, tanto os acrescentamentos introduzidos como os desvios praticados conferem à tradução uma qualidade poética evidente, em nada inferior à do texto original. Uma explicação possível estará na utilização de um metro mais longo (o decassílabo), eventualmente mais favorável a um tradutor.

Este texto apresenta também um refrão, constituído por dois versos de seis sílabas, que é, desta feita, inteiramente mantido por Quillinan, ao contrário do que sucedera na tradução anterior. O próprio esquema rimático aplica-se uniformemente a todas as estrofes (com uma ligeiríssima imperfeição na 4.^a, onde "wove" é feito rimar com "love" nos 4º e 8º ver-

tos, respectivamente) e coincide em absoluto com o utilizado por Gonzaga. Podemos, pois, dizer que esta tradução evidencia um maior apuramento formal por parte de Quillinan; mas, estranhamente, dada a proximidade do original que manteve nos outros casos, o tradutor omite a 7.^a e última estrofe do texto de Gonzaga.

A autoria do próximo poema escolhido para tradução pertence a Borges de Barros⁶¹ e tem por título "A Flor Saudade" (pp. 194-199). Reproduzido a par da versão de Quillinan, compõe-se de dez quadras, sendo a redondilha maior a medida utilizada.

Muito embora se trate de um autor brasileiro, decidimos incluí-lo aqui por dois motivos, o primeiro dos quais é, obviamente, de carácter linguístico. Por outro lado, sai assim reforçada a presença de uma literatura brasileira autônoma, da qual o próprio Gonzaga terá sido, na verdade, uma figura pioneira. Outra característica comum a Barros e Gonzaga reside finalmente na invocação de uma figura feminina com o mesmo nome (Marília), o que denota o seu convencionalismo em termos de utilização poética. No seu todo, a tradução corresponde com grande fidelidade ao original de Barros, encurtando porém o metro, de sete para seis sílabas.

Tal como sucedeu com a tradução do soneto "Que me que reis, perpétuas saudades?", também esta foi publicada em *The Lusitanian*, a par do original, e assinada com J⁶². Está assim reforçada tanto a colaboração de Quillinan naquela revista co

mo a identificação da autoria, por nós proposta, através da letra J.

Os dois textos seguintes situam-se na área da chamada "literatura tradicional", "popular" ou "oral" e têm como fonte uma balada inspirada na figura do Duque de Alba.

O primeiro é uma tradução da mesma, que Quillinan fez acompanhar do original português (pp. 200-207). Em traços gerais, nela se narra a história do final infeliz da paixão de D. Ana pelo Duque de Alba, previsivelmente condenada ao fracasso pela diferença de condição social. A nota trágica, já implícita na própria irrealização amorosa, é brutalmente reforçada pela morte instantânea da protagonista, ao ver confirmada a notícia do próximo casamento do Duque com uma dama igualmente nobre.

A tradução de Quillinan ajusta-se rigorosamente à versão original, cujo principal defeito reside na inconstância métrica: com efeito, os versos oscilam entre seis, sete e por vezes mesmo oito sílabas. A tradução mostra-se bem mais uniforme, sem atingir, no entanto, a regularidade absoluta. O esquema rimático da versão de Quillinan é também mais cuidado do que o do original, onde "Sevilha" aparece a rimar com "linha", "maravilha" com "fazia", "tremia" com "corriam" e assim por diante.

Após alguma investigação e troca de impressões com o Dr. Pere Ferré, há que dizer algumas palavras sobre o texto original publicado por Quillinan.

Como se sabe, a preocupação em recolher, registrar e divulgar os textos populares tradicionais de transmissão oral surge em Portugal com o Romantismo, pela própria natureza do seu ideário, sendo portanto um fenómeno relativamente recente à data de publicação de *Poems* (1853). Daí que, nesta fase embrionária, sejam ainda poucos os textos fixados e dados a conhecer ao grande público, parte deles sob forma avulsa. No entanto, há que destacar a publicação, por Almeida Garrett, do *Romanceiro* como primeiro passo para a constituição de um *corpus* mais alargado⁶³.

Pretendemos com isto sugerir que não seria talvez muito realista esperar que a presente balada tivesse sido publicada entre nós (a não ser precisamente no *Romanceiro*) até 1853, pela escassez dos textos reproduzidos. Visto que Almeida Garrett não a inclui, parece poder afirmar-se que Edward Quillinan terá sido, em princípio, o primeiro a dar-lhe forma escrita. E, muito embora o que realmente conte seja a data de publicação de *Poems*, não podemos deixar de ter presente que, em 1845, talvez a tenha ouvido pela primeira vez, se acaso a não conhecia já. Esta nossa hipótese parece viável, se considerarmos que 1845 é também a data da vinda de Edward e Dora a Portugal.

Como apontamento final, diremos apenas que são hoje conhecidas várias versões portuguesas desta balada (geralmente referida como "A noiva do Duque de Alba"), na Beira Baixa, Beira Alta e Trás-os-Montes. Destacaremos a publicada por Pedro

Fernandes Thomás⁶⁴, pelas impressionantes semelhanças que apresenta com a de Quillinan, o que pode inclusivamente levar a pensar que Pedro Fernandes Thomás se tenha servido desta última para retocar o texto que diz ter recolhido. Aliás, ao referir-se-lhe, ele próprio confirma a situação pioneira de Edward Quillinan, datando porém de 1835 [sic] a publicação de *Poems*.

Finalmente, e segundo nos informou amavelmente o Dr. Pere Ferré, podemos adiantar que existem, fora do território português, versões impressas deste tema nas Astúrias, na Estremadura espanhola, em algumas zonas de Castela-a-Velha e ainda em Marrocos.

Para além da tradução propriamente dita, esta balada inspirou a Quillinan uma versão recriada (pp. 208-212), que introduz algumas alterações de indiscutível interesse e em cujo título se especifica a origem portuguesa do texto original. A estrofe agora utilizada é a sextilha. O metro (redondilha maior) e a rima (cruzada) foram igualmente modificados, apresentando o primeiro, como de costume, imperfeições pontuais.

As alterações mais significativas ocorrem todas após a confirmação do casamento do Duque, feita por ele próprio a D. Ana. Desaparece a referência às três pingas de sangue, uma das quais fizera saber ao Duque toda a amargura que a notícia causara na protagonista, levando-a à morte instantânea. Nesta segunda versão, toda a intensidade da paixão é traduzida não

por via oral, mas através de uma medalha com o retrato do nobre.

Outro ponto de divergência, precisamente aquele que mais nos interessou, está na sorte final de D. Ana, que sobrevive ao golpe, acabando por ingressar no Convento de Santa Clara. Trata-se de uma solução final bem portuguesa (bastará recordar, *mutatis mutandis*, a figura de Teresa em *Amor de Perdição*). A entrada para o convento é ainda antecedida de um gesto de generosidade, igualmente introduzido por Quillinan : a cedência da medalha à noiva do Duque.

Um terceiro aspecto reside na alteração das personagens intervenientes no diálogo final decorridos sete anos, período que permanece idêntico em ambas as versões. Na primeira, a sogra do Duque censura-o pelo longo luto por D. Ana, interpretando-o como uma manifestação de um amor menor pela mulher. A resposta do nobre é um tanto ambígua, pois não desmente (pelo contrário) a fortaleza do sentimento por D. Ana, embora o remeta para um contexto definitivamente passado e, portanto, irreversível.

Na segunda versão, é a mãe de D. Ana que a visita à grade do convento, procurando exortá-la a regressar ao mundo e, face à atitude de algum saudosismo que a filha não consegue esconder, sugerindo a permanência da paixão. A resposta final da protagonista coincide em tudo com a do Duque.

As alterações que acabámos de enunciar assumem, a nosso ver, um significado e uma importância que as transcendem,

pois indiciam, por parte de Quillinan, um notável grau de assimilação de alguns aspectos da mentalidade e prática portuguesas. A própria substituição da morte, no sentido literal, pela morte para o mundo (isto é, o recolhimento) vem de algum modo ao encontro talvez da brandura de costumes tradicionalmente reconhecida ao povo português, suavizando a nota trágica, sem a anular por completo.

O facto de se tratar de uma opção literária individual não nos deverá fazer esquecer a sua existência e dimensão efectivas na sociedade da época, com reflexos inevitáveis na criação literária. A alternativa "casamento ou convento" colocava-se frequentemente às solteiras que pretendessem manter o seu estado ou não dispusessem de meios suficientes para o alterar (por exemplo, um dote ou uma beleza minimamente sedutores), ou ainda incapazes de encontrar o partido idealizado pelos pais. Um outro caso, já com maior incidência literária, era o das meninas românticas, frágeis e cheias de *spleen*, cujo amor fora traído mas não completamente esquecido ou que se vêem obrigadas a enfrentar toda a espécie de dificuldades e obstáculos, como, por exemplo, a oposição paterna.

Ao escrever que "Hearts abused by heartless follies/
Seek their peace in convent shades" (13.^a estrofe, 19 29 versos, p. 211), Quillinan sintetiza afinal uma prática largamente consolidada no Portugal do seu tempo, à qual se recorre por razões que frequentemente nada têm a ver com a fé, a vocação religiosa, o desengano do mundo ou a procura de um con

tacto mais estreito com Deus através de uma vivência ao mesmo tempo comunitária e pessoal.

As traduções de que temos vindo a falar vem juntar-se uma outra, claramente mais ambiciosa: a de *Os Lusíadas*. A este trabalho, que ficaria incompleto, cobrindo apenas os primeiros cinco cantos, está ligado o nome de John Adamson, o responsável pela sua publicação, já póstuma⁶⁵. No prefácio da obra, da autoria do mesmo Adamson, esta é dedicada a Gomes Monteiro. Adamson refere, em dado momento, a relação de amizade existente entre os três homens e os contactos que manteve com o tradutor com vista à publicação do seu trabalho, que, conquanto parcial, inclui as duas passagens mais belas, segundo Adamson: o episódio de Inês de Castro e o episódio do Adamastor.

É difícil determinar com absoluta exactidão quando e em que circunstâncias se terão processado os primeiros contactos entre Quillinan e Adamson. No entanto, parece plausível que eles tenham acontecido quando da primeira invasão francesa (1807), facto que determinou a partida para Inglaterra de uma importante colónia residente no Porto e na qual ambos se integravam. Como diz Atkinson:

Quillinan has already been mentioned in this connexion.

Another of the group was the John Adamson who many years later was to publish Quillinan's unfinished version of *The Lusíads*⁶⁶.

A testemunhar as boas relações existentes entre ambos está a oferta, feita por Adamson a Quillinan, de um exemplar da famosa edição do Morgado de Mateus. Assinado por ambos, pertence actualmente à biblioteca do Professor Gonçalves Rodrigues⁶⁷. Quanto a Gomes Monteiro, é Felix Walter quem afirma : "Il [Quillinan] fit la connaissance de Gomes Monteiro pendant l'émigration [...]"⁶⁸.

A intenção de Quillinan seria dedicar a tradução aos seus dois amigos: a Gomes Monteiro, pelos esclarecimentos prestados relativamente a algumas passagens do original; a Adamson, pela utilização das numerosas edições, portuguesas e inglesas, que integravam a sua biblioteca de lusófilo. Adamson sublinha o carácter póstumo da presente publicação e assume a responsabilidade pelas anotações que achou conveniente introduzir e que são essencialmente de cariz histórico, mitológico e toponímico e que se destinam ao leitor comum.

A inclusão de uma lista das várias edições originais da obra camoniana na sua totalidade e das traduções, em diversas línguas, de *Os Lusíadas* deve-se ainda a John Adamson, mas, segundo este, estaria também presente nas intenções do tradutor. No que diz respeito às versões estrangeiras, elas achavam-se quase todas representadas na colecção camoniana de Adamson.

Para que se possa verdadeiramente ajuizar do empenho, e igualmente das dificuldades práticas e também psicológicas, que Quillinan terá experimentado no decurso do seu trabalho

de tradutor, torna-se indispensável a consulta de *The Correspondence of Henry Crabb Robinson with the Wordsworth Circle*.⁶⁹ Procuraremos justificar a importância deste obra com breves referências a algumas cartas que incidem sobre o assunto.

Na primeira que aqui destacamos, escrita por Quillinan a Henry Crabb Robinson, datada de 19 de Março de 1844, pode ler-se:

I am, as you know, [...] trying to translate Camoens Lusiad into *blank* verse & have done two cantos out of ten. I tried half of the 3rd Canto in ottava rima, the measure of the original, but I found I could by no means satisfy myself in *rhyme*; it is impossible to keep near enough to the sense of the author⁷⁰.

Esta carta apresenta ainda a particularidade de conter uma referência à tradução de Mickle; segundo Quillinan, completamente diferente do original camoniano e muito inferior à de Fanshawe, apesar dos erros cometidos por este último.⁷¹

De cerca de dois meses mais tarde (4 de Maio do mesmo ano), existe uma outra carta de Quillinan para Robinson⁷² que transcende, de alguma maneira, o âmbito especificamente camoniano, ao reflectir o interesse de Quillinan pela nossa literatura e os seus conhecimentos, quer em termos de textos originais quer críticos.

Esta receptividade manifesta-se concretamente no propósito enunciado por Quillinan de estar presente no leilão da valiosa biblioteca particular de Robert Southey. Para além de uma alusão a Bouterwell [sic] e Sismondi, que Quillinan considera inferior ao autor alemão, seguem-se indicações das obras que Quillinan estaria eventualmente disposto a comprar, caso tivessem preço acessível. A carta inclui ainda uma justificação da escolha do verso branco na sua tradução, pela impraticabilidade da oitava rima (que, aliás, acabaria por ser utilizada); um novo reparo ao trabalho de Mickle, qualificado de "paráfrase pomposa e bombástica"; e finalmente a comunicação da descoberta de uma tradução de *Os Lusíadas* em verso branco (a de Musgrave), que integra o Catálogo da biblioteca de Southey. Quillinan estranha o facto de nenhum dos seus amigos portugueses, nem ele próprio, ter tido conhecimento desta versão, o que, segundo Fernando de Mello Moser⁷³, parece indicar a sua pouca divulgação e o fraco impacto junto do público. Foi também aquele investigador quem sugeriu a hipótese explicativa da leitura de Musgrave como o facto responsável pela substituição do verso branco pela oitava rima feita por Quillinan.

Na resposta, em carta datada de 11 de Maio⁷⁴, Robinson informa ter adquirido a tradução de Fanshawe por um terço do preço máximo indicado por Quillinan para compra.

Após a morte de Dora, o ritmo de trabalho parece ter sofrido alguma irregularidade, a avaliar pelas cartas um tan

to contraditórias que Quillinan dirige a Henry Crabb Robinson. Assim, em 6 de Junho de 1848, confessa:

I work a little at Camoens but get on slowly & much
⁷⁵
 against the grain .

No *Post-Scriptum* de uma outra carta, de 23 de Julho, reafirma:

I have not abandoned Camoens' 'Lusiad'. That is my
 self-imposed labour, which I do not expect to fi-
⁷⁶
 nish .

Finalmente, em 12 de Agosto, revela uma atitude diferente:

Excuse great haste for I am very busy working at
 Camoens, & though I do little the day seems too
⁷⁷
 short .

O destinatário destas cartas, Henry Crabb Robinson, em carta a *Miss Fenwick*, de 15 de Janeiro de 1849, mostra-se, po rêm, convencido da pouca compensação que Quillinan poderá co lher pelo seu trabalho:

Quillinan was as usual - Quietly forcing over his
 labourious work his version of Camoens Epic, from
 which he never can gain emolument or fame ...⁷⁸

A última carta que apresenta algum interesse para o estudo da tradução foi dirigida por Quillinan a Robinson em 16 de Janeiro de 1851⁷⁹. Nela o autor justifica o seu desejo de ver publicada o trabalho em homenagem a Dora pelo apoio e interesse com que sempre acompanhou a sua actividade. Quillinan refere também as três traduções inglesas já existentes de *Os Lusíadas*, sem citar, contudo, os nomes dos respectivos autores; e responsabiliza directamente Southey por ter levado Wordsworth a pensar que a tradução de Mickle seria qualitativamente superior ao original. Pelo que já ficou dito, Quillinan não poderia estar de acordo com esta opinião e propõe-se inclusivamente desmenti-la, traduzindo em prosa, palavra por palavra, algumas das mais nobres passagens do poema, para finalizar com uma nota de humildade:

I must avoid knocking my head too hard against other
 people's translations, for I should only be accused
 of invidiousness; and my own will have defects enough.⁸⁰

Terá talvez interesse recordar alguns depoimentos relativos à tradução de Quillinan, produzidos logo após a sua publicação e mais modernamente, embora sem carácter exaustivo.

vo ou excessos de pormenor.

Conforme era usual na época, boa parte da crítica era veiculada pela literatura periódica. Relativamente à presente tradução, a nossa pesquisa neste domínio revelou-se, porém, pouco frutífera: apenas conseguimos descobrir uma recensão publicada anonimamente em *The Athenaeum*⁸¹, ainda que de certo modo compensadora, quer pela sua extensão, quer pela diversidade dos aspectos nela abordados.

A primeira opinião não é muito favorável: o crítico afirma tratar-se de um trabalho incompleto em todos os sentidos, não apenas por cobrir somente cinco dos dez cantos originais, dada a morte prematura de Quillinan, mas também pela ausência de uma revisão final do tradutor no tocante à versificação. Esta falha, de resto reconhecida pelo editor literário, John Adamson, transparece à evidência do próprio texto, no dizer do crítico.

O simples facto de se tratar de um trabalho parcelar limita um tanto a apreciação, mas não isenta Adamson das responsabilidades inerentes a quem decide tornar pública uma obra nestas condições, como ele parece de algum modo pretender. Com alguma malícia, o articulista sustenta que, se Adamson acaso não tivesse tomado esta iniciativa, perderia a oportunidade de divulgar que a intenção de Quillinan seria dedicar-lhe o trabalho, bem como a Gomes Monteiro. Não poderia igualmente citar nem *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* nem tão pouco a famosa biblioteca que fora

constituindo ao longo dos anos.

Esta crítica frontal estende-se também ao critério escolhido nas anotações de Adamson: preparadas ã pressa, perdem-se por vezes excessivamente com assuntos do conhecimento geral, em detrimento de outras que mereceriam clarificação, como é o caso das alusões históricas.

A apreciação à tradução de Quillinan revela, por parte do articulista, uma atitude diferente, claramente elogiosa:

Mr. Quillinan's text - unfinished as it is, and frequently showing in both rhyme and diction faults which the author's revising hand would certainly have tried to remove - may be fairly commended. It rises so nearly to the level of a good translation, that it may well be regretted that he was not spared to complete the task, and give to English literature one of its desiderata - a characteristic and fluent version of the Portuguese epic. Following the march of his original, in obedience to the first condition of any attempt to reproduce an original properly, he handles the difficulties of the octave measure in English with vigour and not without grace - preserving in general the verbal substance of Camoens with due fidelity, and rendering his finer passages with something of the warmth of an accomplished mind kindled by admiration of a noble work. The specimen as it now ap-

pears almost justifies a belief that Mr. Quillinan, had his life been prolonged, would have given us a standard English 'Lusiad' (p. 499).

Foi longa a citação mas útil, a nosso ver, não só pela extrema clareza do texto e da apreciação que ele veicula como pela presença de alguns tópicos recorrentes, como veremos, em ulteriores opiniões e comentários à tradução de Quillinan.

O crítico procede em seguida a uma breve resenha das versões inglesas até então publicadas, omitindo, porém, a de Musgrave. Depois de ter acusado Fanshawe de divulgar uma versão "burlesca" do poema, sustenta que o fino gosto e o talento poético de Mickle foram inevitavelmente submergidos por uma concepção de tradução prosaica que, vindo originariamente de França, se impôs em Inglaterra pela acção de Pope. Assim, e apesar de ter conhecido o favor do público, demonstrável por reedições regulares, a versão de Mickle, pela utilização do estilo grandiloquente próprio da época, afasta-se substancialmente do texto original.

Este é, por seu turno, algo desvalorizado pelo crítico, ao expressar, na esteira de Voltaire, uma linha de pensamento rigidamente purista. Apesar da grandeza e voluptuosidade de algumas passagens como os episódios do Adamastor e da Ilha dos Amores, *Os Lusíadas* pertencem a uma classe secundária dos grandes poemas épicos, embora seja, dentro desta ca-

tegoria, das mais qualificadas. As duas razões principais são a mistura entre fê cristã e pagã - sem dúvida, o grande defeito aos olhos da crítica europeia setecentista -, que falseia toda a estrutura, e a falta de unidade do texto, quer a nível da extensão quer do tom, que, no final, diminui visivelmente a sua pujança.

Em Quillinan, o episódio de Inês de Castro perde parte do seu efeito trágico, devido à sobrevalorização da retórica. Já o episódio do Adamastor constitui um melhor exemplo da arte do tradutor, o que justifica a reprodução de onze estrofes. A estas vêm acrescentar-se as três últimas estâncias do Canto III, sobre o carácter fraco e tíbio de D. Fernando, cuja qualidade excede até, segundo o crítico, a das originais correspondentes. E conclui:

It remains to add, that the first half of the 'Lusiad' may, on the whole, be deemed its finest:-so that, readers of this part, while regretting that it is but a fragment, will enjoy a fair measure of all the excellencies that have made the name of Camoens imperishable (p. 499).

O responsável pela primeira edição completa da lírica camoniana em inglês, Sir Richard Burton, teceu igualmente alguns elogios à tradução de Quillinan. Em seu entender, Quillinan dispunha, aliás, de condições que o favoreciam particu

larmente: o amor por Camões e a sua obra, o convívio com vários camonistas, a consciência das falhas das traduções precedentes e o seu domínio da língua⁸² e da literatura portuguesas, aliados a um estilo fluente, vigoroso e elegante. Não obstante, Burton faz alguns reparos à tradução de Quillinan, recorrendo a exemplos pontuais que, por o serem, não interesará reproduzir aqui. Registemos apenas as seguintes observações de carácter geral:

Quillinan is more faithful, or rather less unfaithful, than Fanshaw; but he is not our modern model of an exact translator. He is good at the recitative ; but he falls short of the heights to which the verse of Camoens, on especial occasions, delights to soar. He has an irritating way of packing the sense of a couplet in to one line, that all the other may be at his own disposal. He often breaks loose from his allegiance to his Poet. He changes the sequence of sentences almost arbitrarily, even throwing one stanza into another[...]⁸³.

Produzida já nos nossos dias, aqui fica a opinião de Sidney George West:

Não fora a sua morte prematura, Edward Quillinan, amigo e genro de Wordsworth, talvez nos tivesse dado uma versão do poema aceitável para os fins do Período Ro-

mântico. Hesitante entre o verso solto e a oitava rima, decidiu-se finalmente por escolher para a sua tradução dos cinco primeiros cantos e, aderindo com razoável fidelidade ao seu original, produziu uma tradução inglesa não falha de valor poético.⁸⁴

A principal apreciação produzida por um português deve-se a Cunha Rivara, num extenso artigo do mesmo ano da publicação⁸⁵ preenchido na primeira parte com diversas informações biobibliográficas. A segunda, consagrada ao trabalho, consiste praticamente numa paráfrase, entremeada com uma ou outra citação traduzida, da recensão crítica publicada em *The Athenaeum* e da qual já falámos. No entanto, esta dívida é aberta e explicitamente reconhecida por Rivara, cuja atitude final é de solidariedade para com Adamson, ao qualificar de severos, injustos e descabidos os reparos que lhe foram dirigidos.

Poucos anos mais tarde, o Visconde de Juromenha dedica três páginas a Edward Quillinan⁸⁶, concedendo especial destaque, como a identidade de interesses tornaria previsível, à tradução de *Os Lusíadas*. Juromenha informa ter recebido uma carta de Quillinan, datada de 16 de Setembro de 1850, na qual este diz ter traduzido cinco cantos, acompanhados das respectivas anotações. Porém, é tal a indiferença com que as traduções são recebidas em Inglaterra que Quillinan chega a admitir a

hipótese de enviar o seu trabalho para ser publicado na América.

Esta é verdadeiramente a informação mais valiosa a reter de Juromenha, visto que o autor omite qualquer opinião crítica pessoal sobre a tradução, limitando-se a citar um excerto do artigo publicado em *The Athenaeum* e mostrando também ter conhecimento da apreciação de Rivara.

O depoimento de Teófilo Braga, embora mais individualizado do que o de Juromenha, repete praticamente os aspectos já notados por outros autores. Teófilo incorre, porém, num erro, que assinalamos, ao fixar em 1821 a data limite da permanência de Quillinan em Portugal:

A inferioridade das versões inglesas dos *Lusiadas* era também um movei para incitar os novos traductores a procurarem dotar a litteratura ingleza com uma obra perfeita. Edward Quillinan tentou de novo em 1850 essa empreza difficil; concorriam n'elle circumstancias especiaes. Nascera no Porto em 1791, onde viveu até 1821 [sic]; elle mesmo, amigo e genro de Wordsworth, era poeta sentimental da escola dos lakistas. Com relações intimas com os principaes camonianistas, e com intelligencia e amor do texto dos *Lusiadas*, poderia ter dotado o seu paiz com a versão definitiva do poema, se não tivesse fallecido prematuramente. Foi depois da sua morte que o camonianista John Adamson publicou os cin

co unicos cantos da versão de Quillinan; esta tradução é boa emquanto à interpretação; porém Quillinan⁸⁷ tinha contra si o ser um poeta de terceira ordem .

Dado o carácter incompleto da tradução, a qualificação de "definitiva" é por Teófilo Braga concedida sem reservas à versão de J.J. Aubertin (p. 264), antecipando-se assim ao louvor que dela viria a fazer Carlos Estorninho⁸⁸, pela grande fidelidade que evidencia face ao texto original.

Já no nosso século, Luiz Cardim volta a chamar a atenção para a versão de Quillinan "por ser considerada melhor do que qualquer das cinco versões completas do século findo"⁸⁹. Logo adiante, reitera esta ideia, retomando explicações e pontos de vista já expressos por outros autores:

E resta-nos apenas dizer que a tradução parcial de Quillinan [...] - talvez por ser nado e criado em Portugal, na cidade do Pôrto, e depois, em Inglaterra, se ter filiado entre os lakistas [...], corporizando assim de certo modo uma aliança espiritual anglo-lusa, - é considerada por muitos como a melhor de tôdas, lamentando-se que a morte o tivesse impedido de a completar (p. 48).

Outro projecto a que Quillinan terá dedicado parte dos últimos anos da sua vida mas que acabaria igualmente por fi-

car incompleto foi a tradução da *História de Portugal* de Alexandre Herculano. A versão inglesa nunca foi publicada, mas é referida pela maioria de quantos, directa ou indirectamente, se referem a Quillinan.

Em inglês, é o caso do artigo biográfico elaborado por Richard Garnett⁹⁰ e da obra de William Angus Knight⁹¹, que calcula em três ou quatro livros a parte traduzida e acrescenta tratar-se de um trabalho que preencheu a actividade de Quillinan até praticamente à hora da morte⁹². No que se prende com a primeira indicação, ela é corroborada por Christopher Wordsworth em obra publicada anteriormente à morte de Quillinan e que poderá, neste ponto, ter servido de fonte a Knight:

He [Quillinan] is at present engaged on a translation of the History of Portugal, by Herculano, Librarian to the King. This work, of which only three or four volumes are yet published, is so elaborately and ably written by the Portuguese author as to lessen regret for the non-accomplishment of Mr. Southey's long-meditated work on the same subject⁹³.

Desta citação parece poder inferir-se que Knight terá interpretado erradamente as palavras de Christopher Wordsworth - se é que delas teve conhecimento, como é legítimo supor - ao associar à tradução de Quillinan um quantitativo que, em Christopher Wordsworth, diz inequivocamente respeito ao tex-

to de Herculano.

A parte final do excerto que citámos refere-se à *History of Portugal* de Southey, decerto o seu mais ambicioso projecto lusófilo. Sem nos querermos alargar demasiado sobre esta questão, porquanto secundária e já estudada, entre nós, por Adolfo Cabral⁹⁴, lembraríamos, no entanto, que se tratou de um trabalho efectivamente iniciado por Southey; porém, o paradeiro do manuscrito permanece infelizmente ainda hoje desconhecido.

Parece-nos oportuno encerrar este capítulo salientando a profunda afinidade de interesses, projectos e actividades entre Quillinan e Southey, já detectável, como vimos, na atenção por ambos prestada à lírica camoniana. Esta comunhão ter-se-á porventura fortalecido através do estreito convívio com William Wordsworth e que o factor da vizinhança decerto facilitaria.

Como manifestações da relação existente entre os dois homens, lembraríamos, por exemplo, o poema que Quillinan dedicou a Edith May Southey⁹⁵ e ainda um outro, significativamente intitulado "Funeral of Robert Southey"⁹⁶. Directamente relacionadas com esta ocorrência, existem duas cartas de Quillinan, cujo destinatário se desconhece, na primeira das quais, datada de 22 de Março de 1843, é comunicada a notícia do falecimento do poeta⁹⁷, contendo a segunda, escrita três dias mais tarde, uma descrição do respectivo funeral⁹⁸.

Do mesmo modo, é também possível encontrar algumas re-

ferências ocasionais a Quillinan nos escritos de Southey. Pela sua importância, destacaríamos o seguinte passo extraído da já referida carta do laureado ao Reverendo John Warter, da tada de 1 de Outubro de 1835:

Last week I received a parcel sent by Quillinan from Porto, containing Gil Vincent's [sic] works, a present from one of the editors [...] . More than any other writer Gil Vincente [sic] may be called the father of the Spanish drama. He was a man of most extraordinary genius, his satire so undaunted, that it accounts for the almost utter annihilation of his work. As con nected with the history of Portuguese manners and li terature, this republication is the most important work that could have been undertaken ⁹⁹ .

Mais importante do que a mera referência à reedição, em 1834, das obras de Gil Vicente, levada a cabo por Barreto Feio e Gomes Monteiro, o facto de Southey demonstrar, logo no ano imediato, ter dela conhecimento, acentua-lhe a condição de lu sôfilo permanentemente atento e actualizado.

Quanto a Quillinan, muito embora as suas produções estudadas no capítulo anterior não lhe tenham conseguido um lu gar de destaque no quadro da poesia romântica inglesa, importa valorizar devidamente o seu persistente empenhamento e a multiplicidade do seu contributo para a divulgação em Inglaterra do nosso património literário.

N O T A S

- ¹ "The Belle:Adventures at a Portuguese watering place" in *Tait's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Tait;London, Simpkin, Marshall & Co.; Dublin, John Cumming, vol. XIII, 1846. O texto é iniciado no número de Outubro, pp.638-650 e concluído no de Novembro, pp. 689-697.
- ² Johnston, *op. cit.*, p. xxxvi. Para as referências de Dora Quillinan a *The Belle*, cf. *Journal of a few months' residence in Portugal*, p. 6 e p. 9, acompanhadas por transcrições em, respectivamente, pp. 6-8 e pp. 10-14.
- ³ Estes dois aspectos do quotidiano português, praticamente de referência obrigatória em qualquer relato de viagem, aparecem muitas vezes associados, designadamente nas descrições ou apreciações das estalagens e hospedarias portuguesas.
- ⁴ O galego constitui, sem dúvida, uma figura romanesca de certa incidência na literatura oitocentista como reflexo da sua inserção no quotidiano português, onde desempenhava geralmente as funções de aguadeiro e transportador de mobílias. Contrariamente ao que se verifica por vezes nos relatos e diários de viagens, o termo aparece directa e exclusivamente em inglês ("gallicians"), o que talvez se possa explicar pela não necessidade de insistir no significado português, já suficientemente conhecido do público leitor.
- ⁵ É este o título de um outro poema em três partes de Quillinan que vem incluído em *Poems* (pp. 31-38) e cujos dois últimos versos evocam uma chegada por mar a Lisboa (" We gain'd the Golden River/And touch'd the Lisbon strand!").

- ⁶ "May Luttrell" in *Poems*, pp. 92-94.
- ⁷ "The theatre of Gil Vicente" in *The Quarterly Review*. London, John Murray, t. LXXIX, nº 157 (December 1846 / March 1847), 1847, pp. 168-207.
- ⁸ *Op. cit.*, pp. xxxvi-xxxvii.
- ⁹ *The Correspondence of Henry Craib Robinson with the Wordsworth Circle*, vol. II, 445, p. 638.
- ¹⁰ *The Life and correspondence of the late Robert Southey*. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1850, vol. VI, p. 278.
- ¹¹ Ver Cap. I, nota 6, pp. 23-24.
- ¹² *Obras de Gil Vicente*, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J.V. Barreto Feio e J. Gomes Monteiro. Hamburgo, na officina typographica de Langhoff, 1834, 3 vols.
- ¹³ *Ibidem*, vol. I, p. ix.
- ¹⁴ *La littérature portugaise en Angleterre à l'époque romantique*. Paris, Librairie Honoré Champion, 1927, pp.117-118.
- ¹⁵ *Op. cit.*, p. 3. Note-se que, na impossibilidade de consultar a publicação original do texto no citado periódico, a numeração da página diz respeito ao exemplar dactilografado que se encontra na Fundação Calouste Gulbenkian, integrando o Fundo do British Council.
- ¹⁶ Ver Cap. I, notas 4 e 5, p. 23 e nota 20, p. 26.
- ¹⁷ Jean Cazenave, "Le roman hispano-mauresque en France" in *Revue de Littérature Comparée*, cinquième année, nº 4 (Oct-Dec), 1925, p. 620.
- ¹⁸ Conferindo estes títulos com as obras de John Pinkerton referenciadas no Catálogo Geral da Biblioteca do Museu Britânico, supomos que corresponderão respectivamente a *Ancient Scottish Poems; never before in print* [...] Prefixed are an essay on the origin of Scottish Poetry [...]. Lon-

don; C. Dilly, 1786, 2 vols; e *Scottish Tragic Ballads* [Edited by J. Pinkerton]. London, J. Nichols, 1781, cuja parte introdutória tem por título "Dissertations on the oral tradition of poetry, and on the tragic ballad" (pp. vii-xxxvii).

- ¹⁹ *Las guerras civiles; or the civil wars of Granada; and the history of the factions of the Zegries and Abencerrages to the final conquest by Ferdinand and Isabella*. Translated from the Arabic of Abenhamin by Gines Perez de Hita, and from the Spanish by Thomas Rodd. London, J. Bonsor, 1803. O mesmo Rodd havia já publicado em 1801 um volume de romances mouriscos intitulado *Ancient Ballads from the Civil Wars of Granada, and the twelve peers of France*.
- ²⁰ *The Vision of Don Roderick; a poem*. Edinburgh, 1811.
- ²¹ *Roderick, the Last of the Goths*. London, 1814.
- ²² Byron traduziu do espanhol uma balada a que deu o título de: "A very mournful ballad on the siege and conquest of Alhama" in *The Poetical Works of Lord Byron*. London, Oxford University Press, 1950, pp. 99-100.
- ²³ *Ancient Spanish Ballads, historical and romantic*. Edinburgh; William Blackwood and T. Cadell, 1823. A segunda edição, enriquecida com ilustrações, foi publicada, curiosamente, no mesmo ano de *The Conspirators*, isto é, em 1841.
- ²⁴ Este poema ocupa as pp. 262-265, e as referências a Granada e ao Palácio de Alhambra encontram-se respectivamente na 4.^a e 5.^a estrofes, p. 263. O pano de fundo para estas referências é a visita de Edward e Dora a Espanha, após passagem por Portugal. Note-se que este poema foi escrito já após a morte de Dora e, bem assim, de Wordsworth, factos que são, aliás, evocados no texto.
- ²⁵ 8.^a estrofe, 29 verso, p. 78.

- ²⁶ *Songes and Sonetes written by the right honourable Lord Henry Haward late Earl of Surrey and other*. London, Apud Richardum Tottel, 1557. Nesta obra, vulgarmente conhecida por *Tottel's Miscellany*, os sonetos de Surrey preenchem as folhas 1 a 18 e os de Wyatt as folhas 19 a 49.
- ²⁷ Não se conclua, todavia, que o soneto foi inteiramente abandonado pelos poetas que escreveram no intervalo entre as duas épocas. A comprová-lo, bastará recordar, por exemplo, os vinte e três sonetos de Milton.
- ²⁸ *Poems*. A new edition, with additions. London, Printed for T. Becket, 1777. Esta declaração de "nova" poderá talvez ser explicada pelo seguinte passo extraído do "Advertissement" à 3.^a edição (1779):
 "These poems were collected and published together in 1777. Some of them had before been separately printed, to which other unprinted pieces were then added".
- ²⁹ *Sonnets, written chiefly on picturesque spots, during a tour [...]. The second edition, corrected, with additions*. Bath: R. Crutwell, 1789. A referência bibliográfica daquela que supomos ser a 1.^a edição é a seguinte: *Fourteen sonnets, elegiac and descriptive. Written during a tour [...]*. Bath, Printed by R. Crutwell, 1789.
- ³⁰ Ver página 101.
- ³¹ Ver página 40.
- ³² Trata-se da estrofe nº 135 do Canto III. A lápide que a reproduz foi mandada colocar pelo General Trant, em 1810.
- ³³ Importa não confundir "Fonte das Lágrimas" e "Fonte dos Amores". Esta última, que abastecia directamente o mosteiro de Santa Clara-a-Nova, ocultou por muito tempo a sua verdadeira designação, sendo apenas conhecida por "a fonte da mina" ou "a entrada da mina". A questão foi devidamente esclarecida, já no século XX, pelo Dr. António

Ribeiro de Vasconcelos in *Inês de Castro - Estudo para uma série de lições no curso de História de Portugal*. Porto, Edições Marques Abreu, 1928, pp. 152-167.

- ³⁴ Ver pp. 109-110.
- ³⁵ Como nota de curiosidade, lembraríamos que este original de Camões foi imitado por Aragon, tendo sido este, por sua vez, sido imitado por Carlos de Oliveira. Os três textos vêm reproduzidos in Carlos de Oliveira, *Trabalho Poético*. Lisboa, Livraria Sã da Costa, 1982, pp. 62-63 na edição da obra (num só volume), aquela que possuímos. A primeira publicação conjunta ocorreu in *Terra de Harmonia*. Lisboa, Centro Bibliográfico, 1950.
- ³⁶ *Rimas*. Acrescentadas nesta segunda impressão. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1598.
- ³⁷ *Rimas várias de Luís de Camões [...] comentadas por Manuel de Faria e Sousa [...]*. Lisboa, Teotónio Dâmaso de Melo, 1685, vol. I (aquele que reúne os sonetos).
- ³⁸ Assim, seria legítimo esperar que os últimos cinco sonetos da edição de 1598 (números 101 a 105) aparecessem em Faria e Sousa com os números 1 a 5 da 2.^a Centúria, o que não se verifica; o presente soneto só aparece incluído na 3.^a Centúria, com o número XX.
- ³⁹ *Colecção Camoniana. Tentativa de um catalogo methodico e remissivo*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, p. 55, cols. 107-108. O número de ordem é o 363.
- ⁴⁰ *Florilégio Camoniano*. Porto, Livraria Camões de Fernandes Possas, 1887, nº 1, sem indicação de página.
- ⁴¹ *The Lusitanian*, 1845, nº 6, pp. 338-339.
- ⁴² *Ibidem*, 1844, nº 1, p. 7.
- ⁴³ *Florilégio Camoniano*, nº 1, p. II (nota de rodapé).
- ⁴⁴ Johnston, *op. cit.*, p. xviii (nota de rodapé).

- ⁴⁵ *The Lusitanian*, 1845, nº 3, p. 84. Adiante nos referiremos a esta tradução e ao respectivo original, pelo que deixaremos, por agora, o assunto em suspenso.
- ⁴⁶ Veja-se a referência bibliográfica da revista in *National Union Catalogue*, vol. 346, p. 181.
- ⁴⁷ O outro soneto tem como primeiro verso "Ah, minha Dinamene! assim deixaste".
- ⁴⁸ Em Faria e Sousa, é o soneto LXXII da 1.^a Centúria.
- ⁴⁹ No *Índice* do P.^e Pedro Ribeiro, publicado por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, este texto figura com o nº 42 entre os sonetos atribuídos a Bernardes (Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Estudos Camonianos - II - O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, p. 66).
- ⁵⁰ *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*. 2.^a ed., Lisboa, Edições 70, 1980, pp. 80-82 (1.^a ed., Portugalíia Editora, 1968).
- ⁵¹ Jorge de Sena elaborou um quadro que nos apresenta sumariamente as posições de cinco grandes estudiosos no tocante aos sonetos cuja autoria camoniana fora tida por duvidosa: José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, os responsáveis pela edição de 1932; Costa Pimpão; Hernâni Cidade; Salgado Júnior; e, por último, o próprio Jorge de Sena. Verifica-se que todos eles admitem unanimemente a hipótese de ser Camões o autor do presente soneto (*ibidem*, p. 224).
- ⁵² A tradução de Hayley, acompanhada pelo original, foi publicada em *An Essay on Epic Poetry; in five epistles to the Rev'd Mr. Mason, with notes*. London, J. Dodsley, 1782, pp. 276-277.
- ⁵³ *The Lusiad; or, The Discovery of India. An Epic Poem*. Oxford, Jackson and Lister, 1776.

- ⁵⁴ *A Fenix Renascida: ou Obras Poéticas dos melhores Engenhos Portugueses*. Lisboa Ocidental, Na Oficina de José Lopes Ferreira. Ano MDCCXVII, vol. II, p. 86.
- ⁵⁵ *Lusitania Illustrata*, MDCCCXLII, vol. I, p. 45.
- ⁵⁶ Recorde-se que uma estrofe de criação inglesa, a estrofe spenseriana, apresenta igualmente um esquema métrico cujo último verso é mais longo.
- ⁵⁷ A mais recente obra consagrada ao estudo de Tomás António Gonzaga deve-se a Fernando Cristóvão e tem por título: *Marília de Dirceu de Tomás António Gonzaga ou a Poesia como imitação e pintura*. Lisboa, Imprensa Nacional -Casa da Moeda, 1981.
- ⁵⁸ *Ibidem*, p. 11.
- ⁵⁹ *Marília de Dirceu*. Lisboa; Na Tipografia Nunesiana. Ano MDCCXCII, pp. 19-23.
- ⁶⁰ *Ibidem*, pp. 5-8.
- ⁶¹ Domingos Borges de Barros, 1º Visconde de Pedra Branca (1779-1855) é um dos escritores mais representativos do Pré-Romantismo brasileiro, tendo sobretudo cultivado poesia lírico-amorosa.
- ⁶² *The Lusitanian*, 1845, nº 4, pp. 105-106. Trata-se certamente de um poema muito apreciado por Quillinan, que se lhe refere também in *The Sisters of the Douro*, p. 183.
- ⁶³ *Romanceiro*. Lisboa, Typographia da Sociedade de Propaganda de Conhecimentos Uteis, 1843-1851, 3 vols.
- ⁶⁴ *Cantares do Povo (Poesia e Musica)*. (Prefaciado por Antonio Arroyo). Coimbra, F. França Amado, Editor, 1919, pp. 3-5.
- ⁶⁵ *The Lusiad of Luis de Camoens*. Books I to V. London, Edward Moxon, 1853.
- ⁶⁶ William C. Atkinson, *British contributions to Portuguese and Brazilian studies*. London, The British Council, 1945, p. 29.

- ⁶⁷ Esta informação é-nos dada pelo catálogo *Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britânico*. Lisboa, Instituto Britânico em Portugal, 1972, p. 30. O exemplar, de Gonçalves Rodrigues, foi cedido para figurar na Exposição com que se assinalou a passagem do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*.
- ⁶⁸ *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927, p. 117.
- ⁶⁹ *The Correspondence of Henry Crabb Robinson with the Wordsworth Circle - 1808-1866*. Oxford, at the Clarendon Press, 1927, vol. II.
- ⁷⁰ *Ibidem*, vol. II, 359, pp. 547-548.
- ⁷¹ Lembraríamos, a propósito, que Quillinan possuía um exemplar da primeira edição da tradução de Mickle, assinado e anotado pelo próprio possuidor. Este exemplar pertence hoje à biblioteca do Prof. Gonçalves Rodrigues (*Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britânico*. Lisboa, Instituto Britânico em Portugal, 1972, p. 30).
- ⁷² *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. II, 363, pp. 553-557.
- ⁷³ *Luís de Camões em Inglaterra*. Separata do volume III d'*Os Lusíadas: Estudos sobre a projecção de Camões em culturas e literaturas estrangeiras*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1984, p. 314.
- ⁷⁴ *The Correspondence of Henry Crabb Robinson*, vol. II, 364, p. 557.
- ⁷⁵ *Ibidem*, 488, p. 667.
- ⁷⁶ *Ibidem*, 492, p. 675.
- ⁷⁷ *Ibidem*, 494, p. 677.
- ⁷⁸ *Ibidem*, 502, p. 686.

- ⁷⁹ *Ibidem*, 580, pp. 768-770.
- ⁸⁰ *Ibidem*, p. 770.
- ⁸¹ *The Athenaeum, Journal of Literature, Science, and The Fine Arts*. London, Printed by James Holmes, MDCCCLIII, nº 1330 (23.4.1853), pp. 498-499.
- ⁸² Este aspecto foi também referido por William C. Atkinson in *op. cit.*, p. 22.
- ⁸³ Sir Richard Francis Burton, *Camoens: his life and his Lusíads*. London, Bernard Quaritch, 1881, vol. I, p. 160.
- ⁸⁴ *A Projecção de "Os Lusíadas" através das traduções inglesas*. Braga, 1973. Separata da revista "Bracara Augusta", vol. XXV-XXVI, fascs. 59-62 (71-74), anos de 1971 e 1972. Carlos Estorninho traduziu para português o texto desta conferência realizada na Câmara Municipal de Braga em 13 de Novembro de 1972 no âmbito das Comemorações do IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*.
- ⁸⁵ J.H. da Cunha Rivara, "Eduardo Quillinan, e sua tradução inglesa dos Lusíadas de Camões" in *O Panorama. Jornal Literário e Instructivo*. Vol. X, Segundo da Terceira Serie (Publicado de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1853). Lisboa, Typographia de A.J.F. Lopes, 1853, pp. 177-179.
- ⁸⁶ Visconde de Juromenha, *Obras de Luiz de Camões*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, vol. I, pp. 282-284.
- ⁸⁷ *Questões de Litteratura e Arte Portuguesa*. Lisboa, Editor A.J.P. Lopes, s.d., p. 263.
- ⁸⁸ J.J. Aubertin - *O melhor e o mais fiel tradutor inglês de Camões (Subsídios para uma "História da Infiltração da Literatura Portuguesa em Inglaterra")*. Trata-se da dissertação de licenciatura em Filologia Germânica apresentada em 1938 à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ⁸⁹ *Projecção de Camões nas letras inglesas*. Lisboa, Editorial "Inquérito", 1940, p. 37.

- ⁹⁰ *Op. cit.*, p. 547.
- ⁹¹ *The Life of William Wordsworth*. Edinburgh, William Patterson, vol. III, p. 386.
- ⁹² Félix Walter menciona igualmente este facto (*Op. cit.*, p. 118).
- ⁹³ *Memoirs of William Wordsworth*. London, 1851, vol. II, p. 381.
- ⁹⁴ *Southey e Portugal*, pp. 306-314.
- ⁹⁵ "Written in the album of Edith May Southey, who forbade compliment" (*Poems*, pp. 108-109).
- ⁹⁶ *Ibidem*, pp. 217-220. Quillinan esteve presente, segundo nos informa a nota de rodapé à página 219.
- ⁹⁷ *Letters of the Wordsworth family*, vol. III, DCCLXXV, pp. 257-258.
- ⁹⁸ *Ibidem*, vol. III, DCCLXXIX, p. 262.
- ⁹⁹ *The Life and correspondence of the late Robert Southey*. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1850, vol. VI, p. 278.

IV

UMA VISÃO DE ROMANCE

Quando, no capítulo dedicado à vida e obra de Quillinan, referimos *The Sisters of the Douro*, ficou em suspenso a análise da opinião que Garnett exprimiu sobre a origem da série de narrativas incluídas em *The Conspirators*. Nessa altura, ficou dito que, segundo Garnett, esta obra se desenvolve a partir das experiências vividas por Quillinan no decurso da Guerra Peninsular, afirmação que nos suscita, na verdade, algumas reservas.

Efectivamente, em quase todas as narrativas que constituem a obra, o tempo de diegese coincide com o período em que decorreu o conflito peninsular (ou, pelo menos, dele se aproxima). Do mesmo modo, todas elas aludem, com maior ou menor incidência, à Conspiração de Filadélfia. Constituem excepções *The Rangers of Connaught*¹, narrativa inspirada numa insurreiçãõ ocorrida na Irlanda em 1798²; e *The Moor of Andaluza*, cuja acção decorre no último período do domínio árabe em Granada.

Porém, a nível especial, a diversidade é maior, uma vez que apenas duas narrativas se acham enquadradas na Península Ibérica: *The Sisters of the Douro*, no caso português e *The Moor of Andaluza*, no caso espanhol. Os restantes espaços contextuais são a Alemanha, a Suíça, o Tirol e a Irlanda. Parece-nos, portanto, que esta pluralidade (temporal, mas sobre-

tudo espacial) não justifica uma identificação sem reservas desta obra com a estada militar de Quillinan na Península.

Para além da "Conspiração de Filadélfia" como elemento unificador, existem outros traços que permitem aproximar narrativas afinal distintas e claramente autónomas. Todas elas integram personagens que conspiram (apesar da diferença de motivações e de objectivos) e recorrem a dois vectores fundamentais, fazendo-os convergir: o Amor e a Guerra³.

Acrescente-se que o facto de a Inglaterra participar com contingentes militares num conflito que só teoricamente lhe era alheio e que tinha por palco Portugal e Espanha, vai transmitir um novo impulso ao interesse inglês pelos dois povos ibéricos. Após o final do conflito, não será de estranhar que os seus intervenientes estrangeiros se proponham difundir os conhecimentos adquiridos, as experiências vividas, as impressões recolhidas:

The campaigns of our doughty knights of old through the lands of the infidel, did not exert a more powerful influence over the minds of those heroes, than the sojourn of the more educated soldiers of our own age in the equally romantic lands of Spain and Portugal, during the Peninsular War, has exercised over *their* intellects⁴.

É nesta medida que a inclusão de duas narrativas espe

cificamente ibéricas nos parece sintomática; não tanto pela originalidade da iniciativa ou do tratamento, como pelo facto de tal inclusão ser representativa de uma atitude mental partilhada pelos escritores e pelo público ingleses da época. Por parte de quem escreve, há a necessidade da revelação de uma realidade; por parte de quem lê, a vontade de satisfação de uma curiosidade.

É naturalmente difícil e até simplista pretender resumir em poucas linhas o conteúdo de uma narrativa de cerca de trezentas páginas, como é o caso de *The Sisters of the Doura*. Porém, antes de procedermos a uma análise mais circunstanciada, poder-se-á adiantar para já que a intriga assenta na relação amorosa que se estabelece entre duas irmãs, Leonora e Francisca Coelho, e dois oficiais ingleses, o Major Wilmot e o Capitão Vincent Stanisforth. Após inúmeras peripécias, o romance termina praticamente com um duplo casamento: de Leonora com Wilmot e de Francisca com Stanisforth.

As circunstâncias que acompanham esta relação entre as referidas personagens são determinadas por uma situação histórica particular, como no-lo indica a "Prefatory note" (p.2): a segunda invasão de Portugal pelas tropas napoleónicas. Os factos destacados são a vitória de Soult na batalha de Braga (20.3.1809), a tomada do Porto pelos Franceses (29.3), a reconquista de Chaves pelo General Silveira (25.3, data que Quillinan não refere), o desembarque de Wellesley em Lisboa (22.4) e a reconquista do Porto pelo mesmo Wellesley (12.5). Impedi

da a retirada francesa para leste, em direcção a Salamanca, Soult é forçado a abandonar Portugal pelo norte, entrando em Espanha pela Galiza. Evocados assim os acontecimentos históricos que enquadram o desenrolar da intriga, começaremos, pois, por verificar a sua incidência no romance.

Este abre precisamente com a descrição do ambiente que se vive no Porto, na noite anterior à tomada da cidade. Presentida a aproximação dos Franceses, é enorme a expectativa dos Portuenses, muitos dos quais se encontram reunidas nas igrejas, implorando a protecção da Virgem e dos santos⁵.

A conquista do Porto, rapidamente consumada, transforma a cidade num cenário de morte e destruição⁶. Os três dias imediatos são marcados pelo saque, ocorrendo então o primeiro dado para a construção da imagem, profundamente negativa, dos soldados franceses. É na primeira dessas noites que Leonora conhece o Coronel Champlemonde, constituindo este, por assim dizer, a excepção à referida imagem, ao socorrer Leonora da perseguição e do ataque que lhe são movidos por um soldado francês, Pierre Duval.

Relativamente à ocupação do Porto, dois aspectos haverá, ambos verídicos, que merecem a nossa atenção. O primeiro diz respeito ao objectivo alimentado por Soult de se tornar Rei da Lusitânia do Norte (p. 13 e p. 18), revelando-se assim imperioso captar a simpatia dos futuros súbditos. Um dos expedientes utilizados é, designadamente, a proclamação aos habitantes, procurando convencê-los a regressar às suas casas e

a confiar em Soult (p. 17). A receptividade ao invasor regista-se, porém, segundo Quillinan, a nível de nobreza, quer por subserviência e desejo de privilégios, quer pela existência, no seu seio, de personalidades desafectas à dinastia de Bragança⁷. Possivelmente estimulado por esta manifestação espontânea, em 9 de Maio Soult oferece uma recepção a elementos da nobreza e do clero portugueses, como que antecipando a cerimónia régia do beija-mão (p. 19).

Um outro pormenor extremamente curioso é a procura da transmissão ao povo português de uma imagem de (falsa) religiosidade. Assim, para além da "devoção" com que Soult assiste à missa e à passagem do Santíssimo Sacramento, e do beijo às relíquias, o narrador relata-nos o episódio verídico⁸ da peregrinação do Marechal francês até à Igreja de Nossa Senhora das Bouças, Matosinhos, em homenagem à estatueta de Cristo, que, segundo a tradição, teria sido esculpida por S. Nicodemo (pp. 13-14). A jogada estratégica de Soult é bem sucedida, como o reflecte o seguinte passo, elucidativo da ingénua credulidade do povo português:

His devout staff followed their chief's example with a wonderful power of face, and thousands of Portuguese witnesses opened their visual orbs to their utmost expansion, as if in implicit delight at so unquestionable a proof of the miraculous influence of the wooden statue, and of the odour of sanctity with which

the hearts of the French chief and his officers
were penetrated (p. 14).

No entanto, nem tudo são facilidades na execução do plano megalômano de Soult. O reverso da medalha assenta na notícia de um movimento subversivo, fortemente implantado no interior do seu próprio exército, cujas intenções, já anteriormente apresentadas⁹, passamos a recordar, através das palavras de Quillinan:

But, while Soult was trying to smooth his way to a throne, there were spirits at work in his own army who were meditating the dethronement even of his master, and he was in danger of having his baton wrested out of one hand at the moment that the other hand was clutching at a sceptre. An extensive conspiracy, with a hundred ramifications, pervaded the French army, and the conspirators, under the title of Philadelphians, were especially active in the second corps of the grand army (pp. 14-15).

A propósito da Conspiração de Filadélfia e em brevíssimo parêntesis, chamamos de novo a atenção para a citada obra de Robert Southey, por ter sido ela a fonte utilizada, para o efeito, por Edward Quillinan e ainda pelo destaque e por menor relativos com que Southey aborda este assunto¹⁰. Deixan

do provisoriamente de lado a nomeação de algumas das principais figuras nele envolvidas, existem duas conclusões a extrair da leitura de Southey: em primeiro lugar, a ideologia republicana professada pelos conspiradores, aspecto que poderá sair esquecido ou desvalorizado, se partirmos do princípio que o pretendido era, uma vez Napoleão deposto, restaurar a Monarquia dos Bourbons (como veio, afinal, a acontecer); em segundo lugar, o papel importante desempenhado pelo exército francês, por vezes apresentado como um brinquedo inerte, submisso, inteiramente à mercê das ambições e dos devaneios imperiais de Bonaparte¹¹.

Segundo Quillinan, Soult só tomou conhecimento da existência de um movimento conspirador através do General Le Febvre, a quem o Coronel D'Argenton, tomando-o erradamente como simpatizante da causa em que ele próprio se achava empenhado, confidenciara algumas informações. A prisão do Coronel e de alguns companheiros não os fez, contudo, quebrar o silêncio, ocultando assim de Soult a verdadeira dimensão e importância do movimento (pp. 19-20).

Pouco tempo antes, alguém havia afixado na porta do quartel-general de Soult uma proclamação de Beresford aos Portugueses, na qual se incluía uma cópia de um despacho enviado por Kellermann a Soult, documento desencorajador para os Franceses. O Coronel Champlemonde é acusado por Pierre Duval, o seu antagonista em relação a Leonora, de ter afixado a proclamação provocatória, mas defende-se declarando tratar-se de

uma outra, dirigida por Soult aos Portugueses, o que é confirmado pela sentinela que o havia rendido (pp. 15-18). Interessa confrontar estes dados com os fornecidos por Southey, para verificar onde termina o facto histórico e começa o seu aproveitamento romanesco.

Southey situa este episódio em Abril de 1809, referindo que a carta de Kellermann tinha sido interceptada. Nela se expunha a improbabilidade de Soult vir a receber qualquer reforço militar, dado o recomeço da guerra na Europa, que, diga-se de passagem, as tropas desconheciam (p. 293). Mais adiante, Southey acrescenta que esta política de ignorância tinha sido imposta por Napoleão e, naturalmente, cumprida por Soult. É ainda Southey quem nos informa que a proclamação de Beresford foi levada para o Porto por um português (Manoel Francisco Camarinho), sem nomear, porém, certamente por desconhecimento, o responsável pela afixação nas paredes do quartel-general de Soult. O incidente suscitou, como se compreende, a atenção dos conspiradores (p. 303).

Regressando ao romance, após um breve comentário a Soult, cuja ambição desmedida diminui a sua reconhecida competência, o narrador apresenta-nos precisamente a reconquista do Porto pelas tropas anglo-lusas como uma prova do juízo anteriormente expresso. No decurso da retirada francesa em direcção à Galiza, Champlemonde é gravemente ferido e, segundo se sugere, morre em consequência desse ferimento.

É com estas considerações que termina o capítulo I,

certamente aquele onde a componente histórica se faz sentir com maior intensidade, reaparecendo no capítulo IX, com a referência ao abandono de Vila Real pelas tropas de Silveira e consequente ocupação pelos Franceses (p. 220). No entanto, somos posteriormente informados de que se tratou de uma manobra puramente estratégica, visto que, consumada a ocupação, a cidade é imediatamente cercada pelos Portugueses (p. 255).

Os capítulos finais contêm ainda importantes informações sobre a Conspiração de Filadélfia, a propósito da acção do Coronel Champlemonde. De facto, durante o período de captura de Wilmot e Stanisforth pelos Franceses, Wilmot tem ocasão de jantar com o oficial-cirurgião, que enaltece a figura, algo controversa, de Champlemonde (ele próprio um conspirador) e expõe a sua leitura do despotismo napoleónico e da justiça dos ideais que enformam o movimento.

O importante discurso do cirurgião francês preenche as páginas 244 a 250. Entre os pontos focados, destacaremos a caracterização da Revolução Francesa como um esplêndido fracasso, uma vez que Bonaparte, aclamado como o libertador da França tiranizada, a havia afinal submetido a uma tirania igualmente férrea, desvirtuando por completo a pureza e os objectivos dos ideais revolucionários.

A ambição e o desejo de poder evidenciados por Soult são também denunciados pelo Francês, inspirando-lhe uma magistral e sarcástica condenação:

Soult shall be the lord, the annointed lord, of Northern Lusitania! And the gallant chiefs who have led our eagles to victory shall bend the knee and kiss the gracious hand of his Majesty King Soult the First, who must borrow the five *quinas* for his arms, having none of his own that will pass any herald's college in Europe (pp. 246-247).

O cirurgião informa ainda Wilmot e Stanisforth (este último entretanto regressado do jantar com o General francês) do apoio europeu à acção dos conspiradores, abrangendo nomeadamente os países constitutivos da Quádrupla Aliança, ou seja, a Inglaterra, a Áustria, a Prússia e a Rússia. Outro dado importante é a existência de inúmeras ramificações dos conspiradores no seio do exército francês, dos postos mais elevados aos mais baixos, reforçando-se assim a ideia do movimento como uma realidade viva, multiforme e profundamente enraizada.

A respeito da personagem Champlemonde, se tivermos em linha de conta alguns pormenores, para além dos já mencionados, relativos à sua acção e personalidade e, bem assim, a *History of the Peninsular War*, poder-se-á sugerir que a figura criada por Quillinan se inspira largamente em duas personagens históricas referidas por Southey: D'Argenton, de quem já falámos, e o Coronel Jacques George Oudet, o responsável

pelo surto do movimento conspirador. Passamos seguidamente a justificar esta ideia.

Assim, dois elementos fundamentais permitem aproximar Champlemonde e Oudet. Considerando para já Champlemonde, ele surge-nos caracterizado por Quillinan como um sedutor impenitente e pouco escrupuloso, aspecto que, na narrativa em estudo, se reflecte concretamente na relação que mantêm com Leonora e é, de resto, sublinhado pelo cirurgião (p. 249). No entanto, a prontidão com que socorre Leonora das investidas de Pierre Duval, constitui uma prova indesmentível do seu cavaleirismo e da sua verticalidade.

Relativamente a Oudet, Southey reproduz um comentário incluído na *Histoire des Sociétés Secrètes*, onde se diz que "Oudet aimait les femmes avec fureur, les aimait toutes, les trompait toutes"¹², acrescentando depois o seguinte apontamento:

When the French entered Porto, no individual exerted himself more strenuously in repressing the excesses of the troops; and many families on those dreadful days were beholden to him not only for their lives and properties, but the preservation from evils more
¹³
dreadful than ruin and death .

Por seu turno, Champlemonde e D'Argenton têm em comum indicações igualmente significativas. No tocante ao primeiro,

o narrador de *The Sisters of the Douro* refere, em dada altura, a posse de um salvo-conduto assinado por um General inglês, no qual é concedido a Champlemonde o direito a inteira liberdade de movimentos e, eventualmente, a auxílio em caso de necessidade (p. 276). Champlemonde declara também ter-se deslocado frequentemente aos acampamentos ingleses em encontros com Silveira, Trant, Wilson, Beresford e Wellesley. Traído por um companheiro, Soult tinha-lhe passado uma ordem de prisão mas, informado do facto, Champlemonde dispõe-se prudentemente a partir para Inglaterra (pp. 276-277).

Na carta de despedida a Leonora, Champlemonde informa-a do facto, até então desconhecido, de ser casado e ter família constituída em França (p. 289). A sorte final desta personagem singular é-nos revelada pelo narrador, que refere a sua viagem a França com o objectivo de levar a família consigo para Inglaterra. Porém, reconhecido e denunciado por Pierre Duval, é preso e fuzilado por conspiração e deserção, encarando corajosamente a morte e sem quebrar o sigilo devido à causa em que militava (pp. 290-291).

O testemunho de Southey, embora divergente em alguns pontos, aproxima-se, no essencial, da versão romanesca divulgada por Quillinan. Southey confirma os encontros de D'Argenton com Trant e Wellesley¹⁴ e o pedido de emissão de um passaporte inglês, pedido esse que foi autorizado por Wellesley e satisfeito pelo Almirante Berkeley¹⁵. Situando-a durante a ocupação do Porto, Southey refere ainda a denúncia de D'Argen

ton por um oficial em quem tinha confiado, e consequente pri
são, verificada a posse do passaporte emitido pelos Ingleses¹⁶.
 Após a libertação da cidade, D'Argenton consegue fugir, tanto
 pela acção dos conspiradores como pela conivência daqueles que
 tinham sido encarregados de o vigiarem¹⁷.

Talvez seja plausível sugerir que a curiosidade que es
te episódio suscitou no espírito de Quillinan se poderá ex-
 plicar em parte como um reflexo das posições de Wordsworth re
lativamente à evolução do processo revolucionário francês. Co
mo se sabe, Wordsworth foi, na sua juventude, um fervoroso
 apoiante dos ideais de 1789, tornando-se, porém, profundamen-
 te crítico ao verificar o percurso tomado pela França sob o
 domínio de Napoleão. Longe de nós a ideia de fazer de Quilli-
 nan um simples e passivo receptáculo das opiniões de outrem
 (neste caso Wordsworth), mas é provável que delas comungasse
 ou as tivesse pelo menos fortalecido, em virtude dos contac-
 tos e da relação - inicialmente de amizade e depois também de
 parentesco - que o uniam a Wordsworth.

Encerrado este assunto, afigura-se-nos interessante di
zer algumas palavras sobre a atitude dos Portugueses relati-
 vamente aos invasores quando em situação de supremacia ou re
lativa igualdade militar, porquanto em período de dominação,
 real ou esperada, apontámos apenas o servilismo de alguns no
bres e o terror generalizado do povo comum. Numa caracteriza-
ção sumária, podemos constatar que, aliviada a pressão fran-
 cesa, qualquer referência a atitudes diferentes por estratos

sociais desaparece por completo, registando-se, por consequente, uma reacção uniforme de ódio, desejo de vingança e sede de sangue, como nos informa o narrador e é reconhecido, de resto, por algumas personagens.

Neste ponto, o campo mais fértil está, para nós, na análise da relação amorosa entre Leonora e Champlemonde, quer pela bipolarização desde logo implicada pelas nacionalidades em presença, quer pelo conflito interior de Leonora, no qual este facto, plenamente reconhecido e insistentemente sublinhado por Champlemonde, assume papel maioritário.

A relação desponta, como vimos, numa situação de emergência, saindo fortalecida pelo auxílio prestado por cada um deles àquele que, em determinado momento, dele necessita: a intervenção de Champlemonde evita que Pierre Duval tome atitudes mais violentas com Leonora, e a intervenção desta faz que o mesmo Duval liberte Champlemonde. A quebra na simetria das situações dá-se pelo facto de Leonora, lançando mão da espada de Champlemonde, conseguiu ferir Duval (pensando mesmo que o matou), o que, em termos de nacionalidade, vale por dizer que Leonora fere um Francês para salvar outro Francês.

O conflito que a partir daqui se desenvolve apresenta, pois, diversas facetas: a nacionalidade do homem com quem partilhou o perigo inviabiliza, em princípio, qualquer ligação que, desde cedo, Leonora deseja estreita. No seu espírito, a imagem (habitual) do Francês-invasor cruza-se com a imagem (incidental) do Francês-defensor. A atracção de Leonora nasce da

gratidão que sente e da cortesia com que é tratada até ao seu refúgio num convento do Porto como asilo temporário; mas o patriotismo inato e a impossibilidade de contar o sucedido conduzem-na a um estado de asfixia mental, cujas razões são, aliás, dissecadas pelo narrador:

She could not avow what she had done; for, though her father and all her kindred detested the French that they would have applauded her for having destroyed a Frenchman, she was not formed for a heroine, and their praise would only have shocked her sensitive delicacy. [...] She herself, until the night when he protected her, partook of the family feeling, which was at that time a patriotic feeling, of unmitigated hatred of all the French, without one exception (p.31).

O patriotismo leva-a a, inclusivamente, tentar "to stifle her regrets as unworthy of a daughter of Portugal" (p.32). O sentimento natural de brio conjuga-se com a procura de racionalizar uma situação que parece irreversível, conhecida a notícia da retirada francesa, e que é a improbabilidade do reencontro. Leonora oculta o episódio da sua própria irmã, procedimento que esta, posteriormente, não deixará de estranhar, com alguma insistência (pp. 263-264). O carácter excepcional e complexo da situação determinam que Leonora esconda o assunto do seu confessor:

To no friend or relative did she confide her secret;
 she even abstained, for a period considerably longer
 then she had ever done before, from conferring with
 her confessor (p. 30).

O conflito interior é prolongado pelo facto de Cham-
 plemonde, sob a falsa identidade de José Alves, Doutor em Leis,
 se tornar um frequentador habitual da casa do Sr. Coelho, pai
 de Leonora. Tendo sobrevivido ao ferimento, a troca de uni-
 forme com um oficial português que fora morto aparece-lhe "as
 his only chance of escaping death by torture at the hands of
 the peasantry" (p. 29). Simultaneamente, o perfeito domínio
 da língua favorece a utilização da identidade portuguesa (p.
 11).

Ainda no tocante à relação Leonora/Champlemonde, da qual
 temos vindo a falar na perspectiva da reacção dos Portugueses
 aos invasores, e esboçados como estão os sentimentos de Leo-
 nora, destacaremos agora os de Champlemonde. Após o reencon-
 tro, em casa do Sr. Coelho, e dada a presença de dois ofici-
 ais ingleses, Wilmot e Stanisforth, é óbvio que uma eventual
 denúncia, por parte de Leonora, lhe seria fatal. No entanto,
 tal denúncia não seria previsível, mas, face ao comportamen-
 to final de Champlemonde (o rapto de Francisca, que, entre-
 tanto, assumira, também ela, uma identidade fictícia, e a car-
 ta final que dirige a Leonora)¹⁸, poderemos inclusivamente per-
 guntar até que ponto o amor de Leonora não terá sido explora

do por Champlemonde como um meio de assegurar a sua sobrevivência e liberdade de movimentos.

O certo é que, na referida carta, que constitui, a vários títulos, um perfeito exemplo de desfaçatez, Champlemonde acentua a condição de invasor, exposto ao ódio e à vingança do povo português, se acaso a sua verdadeira identidade tivesse sido descoberta e divulgada. Champlemonde tem, pois, tal como Leonora, plena consciência da sua situação. Assim, no bilhete em que desafia Stanisforth para o prometido duelo, não deixa de invocar o perigo que corre (p. 268), apresentando-se inclusivamente vestido à portuguesa (p. 269); recusa a utilização de pistolas, pela sua sonoridade (pp. 269-270); e, após o duelo, acrescenta, dirigindo-se a Stanisforth, numa altura em que Wilmot está também presente:

[...] if the inhabitants of this savage district once discover that a Frenchman is among them, you and all your dragoons will not be able to save me from being torn to pieces like a wild beast, by beasts yet wilder (pp. 273-274).

Poderíamos citar mais exemplos do ódio dos Portugueses aos invasores - de que Champlemonde está plenamente consciente - mas talvez não mais representativos; e talvez seja oportuno lembrar que, pelo contrário, os Ingleses surgem como libertadores, sendo portanto recebidos com manifestações de júbilo

bilo e simpatia por parte das populações. Este contraste está, aliás, claramente expresso no seguinte passo:

[...] their own two wounded [soldados ingleses] would be taken care of by the Portuguese, which was as certain as that the French wounded would have been massacred had they been left in the place (p. 255).

No entanto, importa dizer que Champlemonde não é uma figura totalmente negativa; o próprio Stanisforth se sente de alguma forma atraído por ela (p. 279), mau grado o antagonismo que se regista entre ambos durante toda a obra.

Para lá da situação histórica conjuntural, *The Sisters of the Douro* procura igualmente retratar, numa perspectiva mais alargada, o ambiente que os viajantes em geral apresentavam como característico do povo português. Um dos aspectos que to dos focam é o fervor religioso (identificado mesmo com crendice), implícito no pedido de protecção dos Portuenses na noite que precedeu a tomada da cidade e até mesmo na ingenuidade com que os habitantes de Matosinhos reagem ao comportamento de Soult.

Neste ponto, há também que ter em atenção a atitude de suspeita da família Coelho perante os dois Ingleses e a sua evolução posterior no caso de Stanisforth. Na apresentação ao leitor, este último é referido como filho de um Par do Reino católico romano (p. 36). Não obstante, o esclarecimento do

credo professado por Stanisforth é deixado em suspenso até ao dia imediato ao da chegada ao vale de Teixeira e instalação em casa do Sr. Coelho.

O ponto de partida para a definição deste aspecto é dado pela conversa entre Stanisforth e o Sr. José Alves, que, não sabendo ainda o leitor que se trata realmente de Chample monde, funciona para todos os efeitos como uma personagem portuguesa. A perspectiva que José Alves sustenta, em nome da Igreja, é a de que os Ingleses, na sua qualidade de heréticos, não poderão de forma alguma aspirar a ir para o Céu, ao que Stanisforth objecta com duas interrogações (p. 86). Este episódio vai desencadear, por sua vez, uma outra conversa, casualmente escutada por Stanisforth, entre o Sr. Coelho e a sua mulher, lamentando ambos a condição de heréticos (e portanto desprovidos de almas) dos dois oficiais (p. 87). A reacção de Stanisforth ao que ouve leva-o imediatamente a pensar que este comentário se lhe não aplica. Com efeito, somos adiante informados pelo narrador de que ele tinha sido educado no culto católico do pai - o que somos imediatamente tentados a interpretar como pormenor autobiográfico¹⁹ -, limitando-se a quebrar ocasionalmente o preceito de abstinência (p. 88).

Quando Stanisforth assiste à missa no dia seguinte (um domingo), comportando-se como os demais presentes, provoca a surpresa e satisfação dos seus anfitriões e do próprio Abade:

[...] he demeaned himself with the most orthodox propriety, kneeling and rising and making the sign of the cross at the prescribed times, without looking about him at all, and being evidently perfectly informed of the ceremonies of the service (p. 88).

Premeditado ou não, o facto é que este gesto determina a primeira aparição conjunta de toda a família e a permissão, dada pelo Sr. Coelho às filhas, de acompanhar os dois Ingleses (pp. 92-93). Muito curioso é também o comportamento efusivo do Abade, que, após o regresso a casa do Sr. Coelho, abraça Stanisforth, exclamando: "Elle e mais católico que nos! [sic]" (p. 89).

É evidente que estas manifestações de surpresa decorrem de uma atitude estereotipada, expressa pelo Sr. Coelho, ao desconhecer a real implantação do Catolicismo em Inglaterra, limitando-o, em contrapartida, à Irlanda. Na resposta, Stanisforth esclarece que o número de católicos ingleses é já significativo, nele se incluindo personalidades de alta condição social (p. 90).

Para além do Abade, a narrativa apresenta outras personagens religiosas ou afins: o frade franciscano, primo das duas irmãs, cuja função se esgota praticamente na colaboração prestada a Francisca na deslocação a Fontelas (p. 237); o Padre Manoel, cura de Fontelas e igualmente primo de Francis-

ca²⁰; e um frade capuchinho e chefe de guerrilha, cuja característica dominante é o fortíssimo odor a alho. A estas personagens, de menor importância, acrescentemos a do eremita que, mais uma vez, é criada pelo extraordinário poder de metamorfose evidenciado por Champlemonde ao longo da obra.

O Abade é pela primeira vez mencionado a propósito da instalação dos Ingleses em Teixeira. Em princípio, a sua casa estaria destinada a Wilmot, mas este acaba por ficar com Stanisforth em casa da família Coelho, por troca com o Capitão Horton. Trata-se de um 'negócio' ao qual, como subordinado, Horton é forçado a ceder, ainda que com relutância, pelos curiosos motivos que apresenta:

I believe I shall have the worst of the bargain, for it is Friday, and there will be nothing but fish and trash in the house of a priest on a Friday, and I shall have to turn on the ration beef, which is always so tough that a man's teeth might as well try to meet through a bull's hide as the cow's flesh; [...] (p.51).

No entanto, Horton vai mudar radicalmente de opinião, após constatar quão infundados eram os seus receios. Na manhã seguinte, descreve a Stanisforth o excelente jantar que o Abade lhe ofereceu (com nova referência ao abuso do alho, tradicionalmente odiado pelos Ingleses) e que terá sido, segundo as suas próprias palavras, o melhor que provou em toda a sua

vida. Após a descrição circunstanciada da ementa, na qual há a registrar a inclusão de alguns termos portugueses, Horton manifesta o seu espanto pela quantidade de comida feita para a penas duas pessoas e, num curioso apontamento, adianta que nem a incompreensão linguística constitui problema:

He is such a pleasant Padre, too, though I own I could not understand above a word or two he said in two hundred. But then I laughed whenever he did, which was almost all the time; and I said 'sta bom' to every thing (p. 77).

Perante tamanho entusiasmo, é compreensível a recusa de Horton ao pedido de Wilmot relativamente à mudança da sua companhia para Fontelas, por troca com a de Stanisforth (p. 149). O fundamento apresentado para esta recusa é exactamente a excelente hospitalidade gastronômica que o Abade lhe dispensa.

Muito rapidamente, recordaremos que esta caracterização do religioso como amante dos prazeres da mesa é já convencional, achando-se, por exemplo, consignada na literatura inglesa através da figura de Frei Tuck, o companheiro de Robin Hood. Paralelamente, são também numerosas as referências feitas por viajantes ingleses à excelência dos pratos principais e dos vinhos que tiveram ocasião de provar, por exemplo, nos mosteiros de Alcobaça e da Batalha²¹. A cozinha (e particularmente a doçaria) dita conventual é ainda hoje para nós,

Portugueses, sinónimo de requinte pantagruélico, enriquecido inclusivamente pelo secretismo que, muitas vezes, está associado à sua confecção.

A introdução na narrativa da figura do eremita ocorre pouco após a partida de Stanisforth para Fontelas (p.176). Caracteriza-se essencialmente pelo objecto simbólico que transporta (uma imagem de Santo Ildefonso), em nome do qual pede esmola. Contudo, a veneração devida à imagem nem sempre é acompanhada pelo donativo, como salienta o narrador:

He was rarely headed by the man; but many of the women gave their five or ten *reas* [reis], and scarcely any of them, whether they gave or not, failed to stop and kiss the feet of the saint in the doll-house. One lot of nine women, all old, and black, and withered, came up together, and all successively and most reverentially went through this ceremony, but not a *rea* did they leave behind them (p. 177).

Salvaguardadas as devidas diferenças, este passo faz lembrar a adoração da imagem esculpida por S. Nicodemo, de que já se falou, a propósito de Soult; e também a mendicância civil, verdadeiro flagelo social, que mereceu a atenção de viajantes ingleses em tantos e tantos relatos de viagens a Portugal.

Esta personagem reaparece em casa do Padre Manoel, aí

saindo fortalecidas as suspeitas formadas por Stanisforth no primeiro encontro, pela reacção idêntica de Eulalia, ou seja, Francisca, que se havia disfarçado de lavadeira para poder acompanhar Stanisforth em Fontelas. Deixando de lado a descrição da vida de penitência levada pelo eremita, a sua presença só volta a fazer-se sentir por ocasião do rapto de Eulalia, sendo traída pela perda ou pelo abandono voluntário da imagem de Santo Ildefonso (p. 216).

Impõe-se por último uma breve referência aos conventos, muitos deles ocupados pelos Franceses após a fuga dos religiosos (p. 9), que, na presente narrativa, surgem sempre como um espaço de refúgio temporário. Assim, após ter sido socorrida por Champlemonde, o primeiro pedido que Leonora lhe dirige é o de ser conduzida ao convento mais próximo, pedido impossível de satisfazer, pelo adiantado da hora. O ingresso dá-se apenas no dia seguinte, tornando-se importante notar que a senhora que a acompanhava no momento do ataque de Duval e conseguira fugir também ali se encontrava, tendo tido, pois, o mesmo pensamento e buscado a mesma solução (p. 12). Por sugestão do General Francês, Francisca recolhe-se também a um convento franciscano (pp. 239-241). Só após estar confirmada a necessidade de abandono de Vila Real pelos Franceses, que vem determinar a libertação de Wilmot e Stanisforth, Francisca regressará a Teixeira, com uma paragem intercalar em Fontelas.

Pelo que temos vindo a dizer, depreende-se que as per

sonagens femininas assumem nesta obra um papel de primeiro plano. As referências não individualizadas são escassas : as mulheres do Porto rezando nas igrejas (p. 2) ; as jovens portuguesas sendo cortejadas pelos Ingleses (pp. 35-36) ; a vinda das raparigas até à fonte para encher as vasilhas de barro (pp. 162-163), aspecto que voltará a ser focado por Edward Quillinan em *The Belle*²² ; as senhoras a quem o eremita pede esmola (p. 177), etc.

Mas, passando às personagens individuais, encontramos em Leonora uma jovem de grande coragem, como o comprova a sua pronta intervenção em defesa de Champlemonde, apesar de não ter temperamento de heroína. É, sem dúvida, uma mulher apaixonada e generosa, porém, vítima dos próprios sentimentos: primeiro, pela necessidade premente e constante de esconder a real identidade de Champlemonde; segundo, pelo sigilo que, conquanto talvez não obrigatório relativamente a Francisca, opta por manter; terceiro, pelo abandono e desengano finais, apenas superados pela carta de Champlemonde e pelo apoio permanente do Major Wilmot, com quem acaba por casar.

Francisca é já algo diferente; nunca chega a conhecer o lado negativo da paixão, a não ser talvez (e ainda assim muito levemente) quando, tendo assumido a identidade de Eulalia, lhe são confidenciais as queixas e as dúvidas de Stanisforth, que, aliás, está na sua mão dissipar. Relativamente à irmã, Francisca aparece como uma figura mais determinada e temperamental, com tudo o que isto comporta de irreflexão; basta recordar os es

tratagemas concebidos e utilizados para se manter próximo de Stanisforth, após o destacamento deste para Fontelas. No entanto, talvez seja abusivo confrontar duas figuras efectivamente sujeitas a condicionalismos tão distintos. Francisca goza de uma maior liberdade de movimentos, o que obviamente favorece a prática de iniciativas mais arrojadas; Leonora desempenha um papel predominantemente passivo e expectante, sendo as provas de temeridade dadas por Champlemonde. E, no fundo, as diferenças principiam logo pelo objecto da paixão de cada uma das irmãs.

Um traço de união entre ambas é certamente a beleza, com especial destaque para os olhos. As referências são inúmeras, sucedendo-se com muita insistência, enaltecendo particularmente a cor e o brilho²³. Outra característica comum é, sem dúvida, a cultura amplamente evidenciada no capítulo V, e que se parece traduzir numa certa complementaridade: embora a apresentação da literatura portuguesa a Stanisforth seja quase integralmente feita por Francisca, Leonora acrescenta algumas achegas ou sugere nomes tidos por ilustrativos ou pertinentes. A própria canção com que brindam Stanisforth é cantada por Francisca e acompanhada à guitarra por Leonora, que, no dizer da irmã, é uma executante notável.

Teremos, pois, de concluir que Leonora e Francisca constanciam uma imagem amplamente positiva da mulher portuguesa: bela, apaixonada, culta e prendada²⁴. Sensível à importância da educação intelectual feminina, Stanisforth não

deixa de confessar a sua admiração - aliás partilhada num curto comentário do próprio narrador (p. 92) -, no seguinte diálogo que mantém com Francisca:

"[...] I admire your acquaintance with subjects so remote from the ordinary track of female enquiry. In England you would be set down as a Blue Stocking, and innocent young gentlemen and ladies would shudder at you as at something beautifully dreadful!"

"[...] But I thought the English ladies were so much better educated than we are. Can it be a reproach among you that women should cultivate their minds?"

"Why, the truth is, that Fashion, our blind despotic queen, commands our ladies to hide what they know, after infinite pains have been taken to instruct them; they therefore affect to be fools, though they are often far from being so ignorant as they pretend to be. The Scotch ladies are in this respect superior to the English, for they are not so much taught 'to hide their light under a bushel', so that they are often more agreeable in society than their neighbours" (pp. 105-106).

A contenção no comportamento, aqui abordada como princípio educacional instituído, surge, no caso de Leonora, como resultante de brio pessoal, no já citado passo em que, regressada a Teixeira, Leonora procura em vão esquecer Champlemon-

de (p. 32). Um outro exemplo é-nos dado pelo reparo de Wilmot a Stanisforth pelo facto de este último, com o espírito totalmente absorvido pela imagem de Francisca, que conhecera em Vila Real, manifestar o maior desinteresse pela beleza da paisagem circundante:

"What a pity is it that men who have hearts will pretend to have none, because they must be superfine gentlemen! Any thing like exhibition of feeling is a cardinal sin against the laws of supreme *ton*. Yet flashes do break out from you occasionally, in spite of your fine education"(p. 39).

Um aspecto social e educacional em que a estada dos dois Ingleses vem alterar a vivência quotidiana de Leonora e Francisca é o facto de, conhecidos os sentimentos religiosos de Stanisforth, o Sr. Coelho autorizar o convívio das filhas com os oficiais. A propósito do conhecimento entre Wilmot e Francisca, que se verificou em casa de uma tia desta, muito afeiçoada aos Ingleses, o narrador desenha sumariamente a situação tradicional, atribuindo-lhe uma origem árabe:

Strangers have usually but little opportunity of cultivating intimacy with Portuguese females of the upper class, even when, by chance, for a few days under the same roof. But the friendly disposition of the aunt,

and the necessity of doing the honours of her house, made her relax from the Moorish system of reclusion, to which the ladies of the Peninsula were accustomed (pp. 59-60).

Esta prática não impede, porém, de estabelecerem algum contacto com o exterior: em *The Sisters of the Douro*, as gelosias permitem-lhes a suprema vantagem de poderem ver, sendo apenas entrevistadas²³.

Recordemos, entretanto, a autorização dada pelo Sr. Coelho:

Captain Stanisforth, finding that his attendance at mass had so ingratiated him with this worthy family, thought it an auspicious juncture for a request to them that he and his friend [...] might not thenceforth be deprived of the society of the ladies, and that they would institute a reform in that respect, by being of the party at dinner that very day. Senhor Coêlho made several objections on the score of Portuguese customs; but they were feebly made, and still more feebly echoed, by his gracious parrot-spouse, while the laughing Abbade decidly urged compliance. Stanisforth was of their religion, and the son of a noble; weighty considerations with even the most single-minded of parents; the order of the day was chan

ged, and thenceforward the intercourse between the two officers and the ladies was almost as little restricted as even Stanisforth could have desired (pp. 92-93).

Um outro exemplo dos costumes portugueses aqui invocados é também fornecido pelo Padre Manoel, ao ver Eulalia acompanhada por Stanisforth (p. 187).

No que toca à esposa do Sr. Coelho, convém explicar que a sua qualificação como *parrot-spouse* se deve à subserviência com que repete, automática e mecanicamente, as opiniões e afirmações proferidas pelo marido. Esta despersonalização transparece à evidência no "diálogo" conjugal sobre a condição herética dos ingleses (p. 87), num comentário sobre a aparência nobre de Stanisforth (p. 90) e num outro sobre a antiguidade histórica da família Coelho (p. 91).

Retomando, porém, a questão do relacionamento entre os dois sexos tal qual este romance no-la reflecte, não será de estranhar a existência de rituais subreptícios que precedem ou acompanham o processo de namoro. Um deles é o chamado "pau de cabeleira", expressão cujo significado parece ter evoluído, a avaliar pela explicação fornecida pelo narrador: "[...] a barber's block, sometimes a convenient piece of furniture for lovers, drawing off the attention of the curious from the party who is really the favoured object, and is making love behind him or over his shoulder" (pp. 68-69). A expressão, re

produzida em português, virá a reaparecer em *The Belle* ²⁶.

Outro dos artifícios geralmente utilizados no jogo amoroso era o olhar furtivo. Sabedor do facto, Wilmot, o primeiro candidato à atenção de Francisca, expressa, em determinado momento, uma profunda desilusão pelo modo directo e aberto com que esta sempre o encarou, durante a convivência que ambos mantiveram em Vila Real. No fundo, estamos perante outro caso de transgressão das regras, inventadas pela necessidade e consagradas pelo uso, da dialéctica amorosa. Francisca subverte, por assim dizer, o código do olhar, e a perplexidade de Wilmot resulta precisamente de uma descodificação que apenas permite cobrir situações tradicionais:

"Je faisais les beaux yeux from morning till night; for that sensible old dame, with whom she [Francisca] was staying, did not forbid herself and her young friend to the profane gaze of a he-stranger, as is too often the case in Portuguese houses. Yet I sighed, and looked, and sighed in vain. For, though she was certainly pleased, [...] yet I could never feel assured that I had made anything like an impression. She always looked me full in the face, and never gave me any sly sidelong glances. Now, to be a week in the same house with a Portuguese beauty, and never once catch her taking a furtive glance at one, is, you [Stanisforth] will own, as discouraging as possible"(p. 45).

Um exemplo de uma relação de namoro em fase embrionária é a que se verifica entre Stanisforth e Eulalia. Podê-las considerarmos, em certa medida, como traiçoeira relativamente a Francisca, visto que Stanisforth não chega a identificar ambas como uma e a mesma pessoa, senão durante o primeiro encontro após o rapto e, mesmo aí, a sua reacção inicial é de descrença. Quanto a Eulalia, decerto que se apercebeu da potencial traição, ameaçando até contar a Francisca os expressivos elogios com que Stanisforth a cumulou. Trata-se de um acto de chantagem meramente provocatório mas deliciosamente feminino e cheio de travessura, que Stanisforth receia em absoluto, chegando a suplicar a Eulalia que o não faça (p. 204). Outra prova reveladora da sua má consciência, ainda que abonatória, são os remorsos, ao aperceber-se do efeito que o seu comportamento galanteador poderá involuntariamente provocar em Eulalia, fazendo-a albergar esperanças condenadas à irrealização (o casamento), pela desigualdade de condições sociais.

É certo que se torna inútil especular sobre a evolução das relações de Stanisforth com uma personagem (Eulalia) que é, afinal, um desdobramento romanesco de uma outra personagem (Francisca). No entanto, chamamos a atenção para o seguinte desabafo de Stanisforth, na medida em que nele se reúnem o reconhecimento romântico de um fascínio inerente às figuras ditas "populares" e, ao mesmo tempo, a atracção clássica por esse *modus vivendi* ideal a que se convencionou chamar de *au-rea mediocritas*:

"Eulalia", said Stanisforth, [...] "everything that I witness in this happy valley almost makes me regret that I too was not born to a lowly and peaceful destiny in a cottage of the Trás os Montes".

"What, senhor! a gallant cavalier, like you!"

"Yes, Eulalia; for where shall I find, in camp or court, such simple manners, such unpretending poetry, as I see here? and where, in all the glittering circles of refined society, shall I see a being so graceful and bewitching as yourself?" (p. 200).

Na qualidade de estrangeiros, muitos outros aspectos da realidade e da cultura portuguesas, para além dos já citados, suscitam a Wilmot e Stanisforth o louvor e a queixa, a admiração e a estranheza.

No capítulo alimentar, recordemos o reparo feito ao chá (p. 69) tal como os Portugueses o apreciam (isto é, sem leite), contrastando com os inevitáveis elogios ao vinho da região do Douro (p. 35 e p. 63). A qualidade do peixe é também enaltecida pelos Ingleses, a justificar a expedição de Horton e Stanisforth²⁷. Contudo, o método por eles utilizado (pesca à linha) revela-se bem menos eficaz do que o dos Portugueses (pesca à rede), circunstância que, para o leitor, confere um sabor irónico à pergunta feita pela vendedeira aos dois oficiais²⁸.

Divulgado o segredo, estes ficam surpreendidos com a eficácia dos Portugueses:

'[Fala de Horton] "Who would have thought of these Portuguese having wicked wit enough to take trout with a net?"

"Very strange, indeed," said Stanisforth,"that they should understand the best way of getting the best fish in their own rivers" (p. 82).

O que parece estar subjacente a esta perspectiva não é tanto a imagem dos Portugueses como um povo estúpido e primitivo mas a da sua inoperância e dependência face a terceiros. Esta leitura tem alguma razão de ser, se atendermos ao momento histórico em que a acção se enquadra e ao apoio militar então concedido a Portugal. Sobre a ignorância do povo português, apenas poderemos dizer algumas palavras se tomarmos como representativo o Sr. José Alves, figura (deliberadamente) ridícula, especialista em verborreia, e dotado de uma confrangedora estreiteza de vistas.

Todos estes predicados contrastam profundamente com a sua pomposa apresentação ao leitor (pp. 57-58) e com o objecto simbólico que traz invariavelmente consigo nas frequentes deslocações a Teixeira: o livro *Thresor de Chartes* (p.84)²⁹. O narrador diz ser a única obra que conhecia aparentemente (ã excepção de uma ou duas outras em português) e em cuja infalibilidade acreditava, apesar dos erros e das fantasias nela divulgados. A estreiteza do espírito do Sr. José Alves, é, aliás, logo a seguir sugerida pela infeliz tirada sobre a condição

herética dos Ingleses e consequente perdição³⁰.

O principal exemplo da vacuidade do seu discurso reside, porém, na relativamente longa dissertação sobre o proveito que o acto de viajar possibilita (pp. 206-207). Marcadamente retórica e bombástica, esta dissertação é interrompida por Stanisforth, que aponta a sua não originalidade. Na resposta, o orador não encontra melhor argumento do que o seguinte:

"[...] there is nothing like fortifying one's-self with good reasons for travelling when one has resolved to make a voyage" (p. 208).

Igualmente ridículo é o passo em que, tendo Wilnot enunciado um aforismo célebre, José Alves se esforça em vão por repeti-lo, conseguindo-o apenas parcialmente (pp. 208-209).

Uma outra característica dos Portugueses, várias vezes sublinhado no decurso da obra, é a hospitalidade. O narrador aborda este aspecto de forma algo inesperada, apresentando-o como rotineiro (e, nessa medida, desprovido de autenticidade) ou até mesmo incômodo por vezes³¹.

Muito embora não estejamos perante um relato de viagens, não podemos deixar de referir três outros aspectos do quotidiano português normalmente merecedores de queixas críticas generalizadas: as péssimas condições das estradas (p. 27, p. 35, p. 168 e p. 257), a criminalidade (p. 160) e a falta

de higiene (pp. 159-161). O tratamento ficcional concedido por Quillinan a este último tópicu constitui uma prova ind~~es~~mentível da sua capacidade de criar e transmitir ao leitor situações verdadeiramente cômicas, se bem que desagradáveis em si mesmas; neste caso, descreve-se o convívio de Stanisforth com as pulgas durante a primeira noite passada em Fontelas. Recordemos entretanto um saboroso excerto deste episódio:

The first night that he [Stanisforth] passed at Fontelas was a night of wakefulness and suffering, as the romantic reader might naturally expect. But one of the causes of this insomnolence was any thing but romantic. He was tormented with a legion of those brisk little evil spirits (vulgarly, fleas) that dance and revel away the hours of darkness on the prostrate limbs of way-worn strangers in the south, and who seem to have an especial commission to inflict martyrdom on the bodies of travelling fine gentlemen (p. 159).

Antes de nos ocuparmos do capítulo consagrado à apresentação da literatura portuguesa, esperamos ter deixado clara uma possível aproximação entre *The Sisters of the Douro* e muitos relatos de viagens. Afinal, a nossa própria selecção dos tópicos abordados nesta obra permite traçar os contornos

de uma imagem de Portugal que, em linhas gerais, coincide com a divulgada pelos viajantes.

Para além da frequente identidade de aspectos focados, esta aproximação poderia igualmente aplicar-se à atitude e ao discurso do narrador, pela atenção que devota ao por menor pitoresco, às figuras populares, à paisagem circundante. Esta última inspira até diversas descrições poéticas, de extensão variável, que certamente não destoariam, se integradas num relato de viagens. O melhor exemplo desta hipótese é-nos oferecido a propósito da retirada inicial dos Franceses (pp. 23-28), num passo que quase faz lembrar um guia ou roteiro modernos, pelo insistente tratamento de "The Traveller" com que o narrador se dirige implicitamente ao narratário (p. 25, p. 26 e p. 27).

O contacto entre ambos aparece geralmente quando o fluxo narrativo é interrompido por digressões ou comentários marginais. O narrador pode inclusivamente criar um diálogo fictício com o narratário, ao responder a um reparo hipotético da parte deste (p. 181). Regra geral, os contactos estabelecidos não apresentam marcas de género (o narratário é invocado como "the reader" ou simplesmente "reader"). No entanto, existem dois indícios que se aplicam especificamente a um narratário do sexo feminino: a propósito do beija-mão (p. 72) e um outro, bem mais importante, que constitui o suário do capítulo V:

In which the story does not advance one step, and which may therefore be "skipped" by young ladies with advantage (p. 94).

O narrador está, pois, plenamente consciente de que o público feminino deseja uma rápida progressão de intriga, de forma a conhecer, tão rapidamente quanto possível, a sorte final das personagens. Após a apresentação da mesma (o casamento), o narrador não se dispensa de tecer uma crítica velada às expectativas e atitudes originadas pelo desfecho:

Having brought my heroines to that point, matrimony, where all interest about them ceases with the generality of novel-readers, I shall not pursue their history further [...] (pp. 291-292).

Conhecido, pois, o desfecho, o narrador levanta ainda uma questão que julga pertinente, deixando-a, porém, em aberto: a de saber até que ponto o processo de adaptação das duas irmãs a uma cultura e a um país estrangeiros terá sido bem sucedido, uma vez que "In general, such unions are incongruent, and terminate in mutual disappointments and regrets" (p.292).

Procurando conciliar a existência de um público leitor inglês com a criação de um espaço e de personagens portuguesas, de cuja linguagem pitoresca é necessário dar conta, as palavras, expressões e frases transcritas no original são

normalmente seguidas da respectiva tradução para inglês, quer tenham sido proferidas pelas personagens (portuguesas, mas também inglesas)³² quer pelo próprio narrador.

Já que falámos de tradução, recordemos um ponto de vista expresso por Wilmot quando, na viagem inicial em direcção a Teixeira, pede a Stanisforth que traduza para inglês tudo o que estiver interessado em perceber, em troca da partilha de instalações em casa da família Coelho:

"[Fala de Stanisforth] That will I, verbally and literally".

"No, no, Stanisforth, that would be a clumsy and absurd method of doing one language into another. You must give the spirit, not the letter" (p. 53).

Não deixa de ser curioso constatar que estamos perante duas concepções tradicionalmente opostas do que é (ou deve ser) o acto de traduzir: um exercício que privilegie o "espírito" ou, pelo contrário, a "letra"?

Conscientes das vantagens e dos defeitos de todo o esquematismo, atrevemo-nos, contudo, a recordar que, destacando a condição do leitor, os neoclássicos preconizaram uma tradução tão "clara e distinta" quanto possível, reservando-se, por conseguinte o direito ou a liberdade de, se acaso entendessem necessário, acrescentar, suprimir, adaptar ou mesmo alterar elementos do texto original. Omnipotente e omni-

presente, o tradutor assume-se, pois, como o elo de ligação e o intermediário indispensável ao contacto do leitor com o autor.

Pelo contrário, a concepção romântica da tradução valoriza este, o que vale por dizer que o tradutor ideal se deverá situar num plano secundário, restituindo com a máxima fidelidade aos leitores de uma língua o texto que o autor escreveu noutra. Como ilustrativas desta bipolarização, passamos a palavra a dois tradutores ingleses de *Os Lusíadas*, o primeiro dos quais William Julius Mickle:

The translator's feelings alone must direct him, for the spirit of poetry is sure to evaporate in literal translation.

Literal translation of poetry is in reality a solecism. You may construe your author, indeed, but if with some translators you boast that you have left your author to speak for himself, that you have neither added nor diminished, you have in reality grossly abused him, and deceived yourself. Your literal translation can have no claim to the original felicities of expression, the energy, elegance, and fire of the original poetry. It may indeed bear a resemblance, but such a one as a corps in the sepulchre bears to the former man when he moved in the bloom and vigour of

33

life .

Confronte-se com o ponto de vista apresentado por Mitchell:

The translator conceives that in the present age the original poem possesses more interest when closely translated, than if it were, as has been said of other translations, 'rather a recomposition than a translation' [...]³⁴.

Aplicando estas reflexões à transcrição que as originou, resulta claro que Stanisforth parece professar um modelo ideal de estrita literalidade, enquanto que Wilmot coloca a tónica no sentido. Porém, a declaração/promessa do primeiro poderá estar imbuída de alguma ironia, da qual Wilmot não se terá eventualmente apercebido, expressando, por conseguinte, a sua opinião com inteira boa-fé. É naturalmente grande a tentação de interpretar as palavras neoclássicas de Wilmot como proferidas por Quillinan, um autor romântico, é certo, mas também um leitor extremamente receptivo à obra de Pope, ele próprio tradutor.

Como último apontamento a respeito da obra em geral, note-se a invocação pelo narrador de uma fonte não indicada, à qual teria tido acesso (p. 73 e p. 237). Este expediente, que tem por objectivo conferir autoridade e autenticidade à narrativa, não é de forma alguma inédito; já Horace Walpole o havia utilizado em *The Castle of Otranto*³⁵.

Até agora, o romance *The Sisters of the Douro* foi apresentada como uma obra que pretendeu transmitir uma imagem de Portugal, próxima, sem dúvida, da realidade quotidiana, tal como o autor a conhecia. A sua importância advém, contudo, do peso dado a um aspecto da nossa cultura que nos livros dos viajantes merecia apenas uma referência breve e extremamente superficial. Referimo-nos à história da literatura portuguesa, que, para os ingleses desta época, se restringia praticamente a Camões. Devemos, por conseguinte, realçar o significado de ser esta a primeira vez que a nossa literatura é apresentada de forma tanto quanto possível sistemática numa obra original inglesa.

O pretexto para esta digressão é a cantiga "Figuearedes embora", de Egas Moniz Coelho, que Francisca canta acompanhada pela irmã à viola. Ao explicar o contexto em que o poema surgiu (pp. 95-9) e aproveitando a atenção e a curiosidade manifestadas por Stanisforth, a jovem portuguesa dispõe-se a traçar uma breve panorâmica da nossa literatura, destacando os principais autores, a pedido, aliás do oficial inglês (pp. 106-107).

A divulgação do assunto que o capítulo V de *The Sisters of the Douro* nos oferece, levou-nos, antes de mais, a procurar determinar a fonte utilizada por Quillinan. Ao situarmos em 1841 o início das publicações lusófilas do autor, não podia deixar de causar alguma perplexidade o facto de esta obra, publicada no mesmo ano, demonstrar já um vasto e porme-

norizado conhecimento da nossa literatura. Como que por acaso, a consulta de *History of Spanish and Portuguese Literature* de Bouterwek³⁶ veio desfazer as nossas dúvidas: a coincidência de autores, obras e textos parecia sugerir a influência de Bouterwek em Edward Quillinan. A nossa hipótese saíu fortalecida pelas duas referências que Quillinan, no citado artigo sobre Gil Vicente, faz ao autor alemão³⁷.

Ao procedermos ao estudo da apresentação da literatura portuguesa feita por Francisca, coadjuvada por Leonora, a Stanisforth, há que ter presente a quase total ignorância do Inglês neste capítulo, aliás confessada abertamente e extensiva aos seus compatriotas, ao declarar que "We English are, with few exceptions, little acquainted with Portuguese literature [...]" (p. 106), exceção feita ao nome de Camões. De resto, a faceta lírica do poeta havia já sido afluada por Wilmot (p. 52) e, incidentalmente, pelo próprio Stanisforth (p. 96). No entanto, é ainda este último quem informa Francisca e Leonora da falta de veracidade geralmente apontada à obra de Fernão Mendes Pinto, crítica que as duas irmãs afirmam desconhecer (p. 140). Bouterwek, que apresenta a *Peregrinação* como provavelmente o primeiro livro de viagens da literatura portuguesa³⁸, nada diz, porém, sobre o assunto.

Inversamente, os conhecimentos que Francisca possui à cerca de algumas literaturas estrangeiras são também escassos e, no caso da inglesa, completamente nulos³⁹. Tal como Stanisforth, também Francisca admite a sua ignorância:

"I know nothing, or next to nothing, of any other [literature]. A little Italian, and more Spanish, I can read; but even the authors in those languages I know best by Portuguese translations. As to your northern literature, I am deplorably in the dark; I hope it is not too late for me to learn (p. 142).

Relativamente a este pedido implícito, cumpre dizer que o único momento em que se verifica uma breve inversão de papéis é aquele em que Stanisforth disserta sobre John Donne (pp. 99-101).

Ao fornecer a Stanisforth aquilo que Francisca considera modestamente ser um "ABC of our native literature" (p. 112), o destaque especial é conferido ao século XVI⁴⁰. No entanto, o período abrangido por esta panorâmica estende-se sensivelmente desde o século XII até finais do século XVIII⁴¹.

Os primeiros autores mencionados são Egas Moniz Coelho e Gonzalo Hermiguez. Do primeiro, é-nos referida a cantiga "Figuearedes embora", dedicada a D. Violante e da qual Francisca apresenta uma versão em prosa (pp. 97-98) e ainda outra, escrita já após o casamento da referida dama com um fidalgo castelhano (pp. 101-103). Francisca acrescenta que ambas as cantigas foram transcritas por seu pai a partir de um manuscrito do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, posteriormente

transferido (em 1834, segundo informação prestada em nota de rodapé à p. 103) para a Biblioteca Pública do Porto. Faria e Sousa publicou-as, com algumas variações, na *Europa Portuguesa*. Todas estas indicações se encontravam já em Bouterwek (muito embora este autor nada diga sobre a existência do manuscrito de Coimbra) que transcreve a segunda cantiga⁴², remetendo de novo para Faria e Sousa, o que corresponde à verdade, conforme tivemos ocasião de verificar⁴³.

Por sua vez, a cantiga de Gonzalo Hermiguez aparece reproduzida no presente romance (p. 104). Já Bouterwek a transcrevera, se bem que com ligeiríssimas alterações⁴⁴, voltando a citar Faria e Sousa⁴⁵.

A apresentação da literatura portuguesa por Francisca revela-se, no início, um tanto confusa, pelos grandes avanços e recuos que explicam inclusivamente o seguinte pedido de Stanisforth:

"[...] let us begin at the beginning, if you please"
(p. 109).

Estas palavras surgem também como reacção à correspondência que Francisca estabelece entre alguns escritores portugueses e da Antiguidade Clássica (pp. 107-108) - ideia, aliás, colhida de Bouterwek⁴⁶ - e à classificação de Jorge Ferreira de Vasconcelos como "o Shakespeare português", que escandaliza Stanisforth:

"Halt there," cried Stanisforth, smiling; "I cannot allow that. There has not been, is not, and never will be, a second Shakespeare in the world"
(p. 108).

Para cumprir o pedido de ordenação cronológica, Francisca retoma o que dissera sobre Gonzalo Hermiguez, confessando a sua ignorância relativamente ao século XIII e ao paradeiro dos manuscritos onde se encontram os poemas de D. Dinis (p. 110).

Do século XIV, destaca *Amadis de Gaula*, cuja autoria atribui a Vasco de Lobeira, um português, afirmação que Stanisforth parece implicitamente pôr em dúvida (p. 110), e mais uma vez em total sintonia com Bouterwek⁴⁷. Nomeia também os chamados "poetas reais": D. Afonso IV, D. Afonso Sanches, erradamente apresentado por Leonora como filho (e não irmão) do anterior, e D. Pedro I (p. 111). Ao acrescentar que as cantigas deste último surgem incluídas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, Francisca (isto é, Quillinan) expressa uma informação tida por indiscutível pelos estudiosos da época, entre os quais o próprio Bouterwek⁴⁸, mas que não corresponde à verdade, como demonstrou Carolina Michaëlis de Vasconcelos⁴⁹.

Segue-se precisamente a referência ao *Cancioneiro Geral* e à crônica dedicada ao Condestável D. Nuno Álvares Pereira (p. 111)⁵⁰. E, após a caracterização do século XV como "[...] the period during which the greatest number of the old na-

tional songs and romances were produced" (p. 111), eis-nos chegados ao século XVI.

Dada a extensão concedida por Francisca a este período e a profusão de autores e títulos citados, tornar-se-ia enfadonho pretender transpor para o nosso texto uma comparação exaustiva entre as informações divulgadas no romance e na obra do autor alemão. Não obstante, cotejá-las-emos se acaso tal comparação permitir exemplificar, de um modo particularmente nítido, a já referida influência de Bouterwek na formação literária lusófila de Quillinan.

Na apresentação de Bernardim Ribeiro, Francisca realça particularmente a eventual dedicatória de *Menina e Moça* à Infanta D. Beatriz (p. 113) e o episódio da morte do rouxinol (pp. 113-114), ambos igualmente focados por Bouterwek⁵¹. E, se acaso ainda subsistissem dúvidas relativamente à influência deste autor em *The Sisters of the Douro*, bastaria recordar, por exemplo, a alusão aos frequentes passeios nocturnos de Bernardim. Diz Francisca:

He would often pass his lonely nights in wandering
in the forest, venting his despair in song, with no
listeners but the wind and waters (p. 113).

Confronte-se com o texto de Bouterwek:

It is related that he frequently retired to the woods
 when he passed the night alone, singing to the murmur⁵²
 ing brooks his songs of passion and despair .

Após uma breve referência a Cristóvão Falcão, Francisca introduz Gil Vicente como o pai do teatro espanhol (p.116). Entre outras considerações, saliente-se a sua projecção europeia, verdadeiramente incompatível com o esquecimento editorial da sua obra. Como seria de prever, Francisca menciona o célebre exemplar de Göttingen (p. 117) e enaltece a patriótica iniciativa de Barreto Feio e Gomes Monteiro, ao publicarem, em 1834, as *Obras Completas* do dramaturgo português (pp.116-117, nota de rodapé) Bouterwek refere igualmente o exemplar de Göttingen⁵³, o que até nem surpreende, visto que o autor leccionou na Universidade local.

Temos depois Sá de Miranda, a cuja obra Francisca aponta como principal defeito a utilização da língua castelhana (p. 119), tal como sucede com Jorge de Montemor (ou Montemayor), português pela naturalidade mas espanhol pela obra, como acentua Bouterwek, ao escrever:

The history of the life and writings of this excellent poet belongs indeed rather to the literature of Spain than that of Portugal⁵⁴ .

Pelo contrário, Francisca entende dever louvar António

Ferreira pelo facto de, demarcando-se da tendência geral dos seus contemporâneos de escrever em latim ou espanhol, ter utilizado sempre a língua portuguesa como meio de expressão (pp. 124-125). A sua obra prima é, segundo Francisca, a tragédia inspirada na sorte de Inês de Castro, mau grado a inexistência de qualquer cena entre os dois amantes e a falta de acção que a peça evidencia (p. 127). Bouterwek salienta outros aspectos negativos, designadamente a ausência de um verdadeiro *pathos*, a frouxidão de interesse dramático, a extrema elaboração formal, segundo o modelo grego, e a falta de dignidade trágica, apenas verificável no capítulo da linguagem⁵⁵.

Francisca refere-se em seguida a Jerônimo Corte Real, Pedro de Andrade Caminha e Camões. No caso deste último, importa dizer que Francisca se limita a acentuar a indiferença, senão mesmo o esquecimento, a que foi votado pelos seus contemporâneos, omitindo assim quaisquer pormenores relativos à vida atribulada do poeta e apresentando a seguinte justificação:

"But why should I tell you his chivalrous and hapless history, which must be already so well known to you, and which it should cause the cheeks of every Portuguese to burn with shame to think of" (p. 132).

Francisca entende também dever chamar a atenção para o valor multiforme do talento e de toda a obra de Camões, in

· dependentemente do gênero cultivado. Há que ter presente que este ponto de vista, afinal sustentado por Quillinan, assenta num pressuposto real: a divulgação que a sua obra, em termos globais, havia alcançado em Inglaterra:

"You are acquainted with the *Lusiads*. But you must not confine your admiration to his epic work, nor even be content to extend it to his songs. Read his sonnets, his odes, his sextains, his octave stanzas, his *elegies*, his eclogues, and his three comedies" (p. 133).

É um pouco estranho este destaque das canções, porque a verdade é que os poemas líricos camonianos mais divulgados em Inglaterra foram os sonetos, como já vimos.

A Camões segue-se Diogo Bernardes (pp. 133-135), discutindo Francisca a questão do plágio (p. 135), também referida por Bouterwek⁵⁶; e a este, Francisco Rodrigues Lobo, cujo mérito principal reside na autenticidade dos cenários, das figuras e da linguagem por estas utilizada (p. 137). Tanto Quil^{linan} (p. 135) como Bouterwek⁵⁷ manifestam o cuidado de evitar qualquer equívoco com Fernão Rodrigues Lobo Soropita, por ambos apontado como editor de Camões.

Falando ainda do século XVI, refere alguns escritores de nomeada no campo da prosa literária, como João de Barros, Castanheda, Afonso de Albuquerque, filho e biógrafo do Vice-Rei da Índia, e Frei Bernardo de Brito. Francisca aponta a

fidelidade histórica de Castanheda, por oposição à atitude pa-
negírica adoptada por Barros.

Terminada a apresentação da literatura quinhentista, o
século XVII é definido como uma época estéril, em virtude da
dominação filipina (p. 138). Esta interpretação não implica,
contudo, a inexistência de quaisquer obras literárias dignas
de registo, quer no século XVII, quer no século XVIII, confor-
me Francisca faz questão de sublinhar (pp. 140-141).

Ao abordar os romances de cavalaria, Francisca volta
a nomear Lobeira, acrescentando uma referência a *Palmeirim de
Oliva* (p. 141) e repetindo o erro cometido por Bouterwek, que
o havia atribuído a Francisco de Moraes⁵⁸, quando o facto é que
se trata de um original espanhol anónimo de 1511. O ciclo foi
efectivamente iniciado por Moraes com *Palmeirim de Inglaterra*
(que teve a primeira edição em 1547, também em castelhano) e
continuado por autores portugueses até à 6.^a parte⁵⁹.

Também aqui se verifica que Francisca trata o assunto
com grande brevidade, ao contrário do que sucede na digressão
sobre Cervantes e a sua tentativa de ridicularização do gêne-
ro (pp. 142-143). Esta visão panorâmica da literatura portu-
guesa termina com nova referência a Jorge Ferreira de Vascon-
celos, suscitada pela curiosidade de Stanisforth (pp. 143-145).

Termina assim esta primeira apresentação da nossa li-
teratura numa obra escrita por um inglês. Dois aspectos devem
salientar-se relativamente ao modo como é feita: primeiro, a
tentativa de amenizar uma exposição que, frequentemente, não

ultrapassa a mera listagem de nomes, com intervenções dos participantes, que fazem comentários nem sempre relacionados com a literatura. É o que sucede, por exemplo, a propósito da *Castro*, quando Leonora recorda a ligação da família com um dos assassinos de Inês, Pero Coelho (p. 128).

O segundo aspecto prende-se com a originalidade do texto, que, como ficou provado, é relativa, visto que os conhecimentos transmitidos são essencialmente uma paráfrase de *excerpts* de Bouterwek. Quillinan aproveita, a nosso ver, a tradução inglesa publicada em 1823, à qual certamente terá tido acesso. Todavia, na impossibilidade de o considerarmos um erudito, cabe-lhe o mérito de ter procurado divulgar um pouco mais a história literária de um país que conhecia bem, por sentir que, de um modo geral, os trabalhos realizados neste campo, careciam de um contexto panorâmico e tão alargado quanto possível.

N O T A S

- ¹ Posteriormente publicado igualmente in *The Edinburgh Tales*, conducted by Mrs. Johnstone. Edinburgh, William Tait; London, Chapman and Hall, Dublin, John Cumming, MDCCCXLV, vol. I, pp. 223-252.
- ² Veja-se recensão crítica in *Tait's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Tait, vol. VIII (January), 1841, p. 22.
- ³ Existe uma recensão crítica sobre *The Conspirators*, cujo título é precisamente "Love and War", publicada in *The New Monthly Magazine and Humorist*. London, Henry Colburn, 1841, Part the First, p. 134.
- ⁴ *Ibidem*, p. 134.
- ⁵ Uma vez que Quillinan declara ter lido a *History of the Peninsular War* de Southey, dela recolhendo concretamente as informações relativas à Conspiração de Filadélfia, procurámos alargar a outros assuntos a pesquisa de testemunhos porventura coincidentes nos dois autores. No caso presente, e indicando apenas a paginação relativa à obra de Southey, são por ambos referidos o repicar inquieto dos sinos, a concentração nas igrejas, a notícia prematura do ataque francês, responsável por descargas inúteis, e o mau tempo que, nessa noite, se abateu sobre a cidade (vol. II, 1827, p. 185).
- ⁶ Quillinan refere o elogio inexplicável, por alguns feito, à misericórdia demonstrada por Scult nesta ocasião, aspecto a que Southey também alude (*op. cit.*, p. 188).

- ⁷ Southey menciona igualmente os desígnios de Soult e a existência de traidores (*ibidem*, p. 190) e ainda as proclamações onde o Marechal francês é anunciado como Rei(p.191). No entanto, as traições por parte de alguns portugueses não aparecem imputadas a qualquer estrato social específico.
- ⁸ Confirmado por Southey, que se lhe refere apontando as causas e os efeitos em termos muito próximos dos utilizados por Quillinan (*ibidem*, pp. 192-194). Muito embora não indique o dia, Southey situa-o em Abril de 1809.
- ⁹ Ver página 64.
- ¹⁰ *Op. cit.*, pp. 303-309.
- ¹¹ Esta segunda conclusão, se bem que expressa no texto por palavras de Southey, resulta da leitura que ele próprio terá feito de *Histoire des Sociétés Secrètes de l'Armée*, conforme nos indica (*Ibidem*, p. 305, nota de rodapé).
- ¹² A referência bibliográfica desta obra, já atribuída quera Jean Emmanuel Charles Nodier, quer a Vincent Lombard de Langres, é a seguinte: *Histoire des Sociétés Secrètes de l'Armée, et des conspirations militaires qui ont eu pour object la destruction du gouvernement de Bonaparte*. Paris, Gide Fils, 1815. O comentário que citámos encontra-se na p. 17. A atestar certamente o interesse desta obra está o facto de ter sido traduzida nesse mesmo ano para inglês, como *History of the secret societies of the army, and of the military conspiracies which had for their object the destruction of Bonaparte*. Translated from the French. London, Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1815.
- ¹³ Southey, *op. cit.*, p. 306.
- ¹⁴ *Ibidem*, p. 306.
- ¹⁵ *Ibidem*, p. 307.

- ¹⁶ *Ibidem*, pp. 307-308. Como se viu, Quillinan refere-se a esta denúncia, atribuindo-a ao General Le Febre (p.19); mas o que interessa reter é o facto de ser este o único momento em que o nome de D'Argenton aparece mencionado pelo nosso autor. Existe, pois, pelo menos nesta altura, a consciência explícita da existência de duas personagens distintas: uma real, histórica, cujo aproveitamento por Quillinan a torna também ficcional (D'Argenton), e de uma outra, a de Champlemonde, exclusivamente romanesca. Isto não invalida, a nosso ver, a interpretação, que vimos propondo, da figura de Champlemonde como resultante da fusão de duas personagens históricas, D'Argenton e Oudet.
- ¹⁷ *Ibidem*, p. 315.
- ¹⁸ É precisamente nesta carta que, entre outros argumentos, Champlemonde justifica o rapto de Francisca pela grande semelhança com Leonora e pela inexistência de qualquer obrigação recíproca entre ambos (pp. 285-289).
- ¹⁹ Ver página 38.
- ²⁰ A propósito do parentesco, refira-se a contradição expressa por Stanisforth, ao inquirir de Champlemonde o paradeiro da sobrinha do cura (p. 220).
- ²¹ Bastará citar o nome, já clássico, de Beckford (*Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha. By William Beckford with his original Journal of 1794. Fontwell, Centaur Press, 1972, p. 158. Trata-se de uma edição fac-similada da 1.^a*).
- ²² *Op. cit.*, p. 647.
- ²³ O destaque conferido por Quillinan aos olhos das Portuguesas encontra-se também presente em *The Belle* (p.640) e no poema "May Luttrell" (*Poems*, pp. 92-94).

- ²⁴ São numerosas as referências feitas pelos viajantes à educação e ao tipo de vida da mulher portuguesa. Entre os aspectos geralmente notados, citem-se, por exemplo, o fraco índice cultural, a ociosidade e o seu quase total confinamento ao lar. Por ser discordante e passível de aplicação às duas irmãs, recordemos que Kingston, pelo contrário, afirma que o gosto pela literatura é uma maneira de as mulheres ocuparem o tempo, pelo que só episodicamente se põem à janela (William Henry Giles Kingston, *Lusitanian Sketches of the pen and pencil*. London, John W. Parker, 1845, vol. I, p. 267).
- ²⁵ O termo "gelosia" aparece por vezes não traduzido. Citemos como exemplo a obra de Lady Catherine Charlotte Jackson, *Fair Lusitania*. London, Richard Bentley, 1874, p. 89. A referência bibliográfica da tradução portuguesa, feita por Camilo Castelo Branco, é: *A Formosa Lusitania*. Porto, Livraria Portuense, Editora, 1877, p. 107.
- Num outro relato (*A picture of Lisbon*, London; Henry Colburn, 1809, p. 50), o autor vai ao ponto de afirmar que as persianas (ou seja, as gelosias) foram inventadas pelos maridos ciumentos com o fito de esconderem as suas mulheres dos olhares indiscretos dos transeuntes. É a tradução inglesa, publicada anonimamente, de *Tableau de Lisbonne en 1796*, da autoria de Joseph Barthélemy François Carrère e que integra a obra *Voyage en Portugal, et particulièrement à Lisbonne*, Paris, Deterville, 1798, também atribuída a Carrère.
- ²⁶ *Op. cit.*, p. 641.
- ²⁷ Tendo em atenção os pormenores técnicos inseridos na narração deste episódio (pp. 78-79), parece-nos oportuno dizer que talvez a pesca tenha sido o *hobby* de Quillinan. Pelo menos, sabe-se que na origem da sua morte esteve uma constipação contraída durante uma ida à pesca (Richard Garnett, *op. cit.*, p. 547).

- ²⁸ Imediatamente após Horton ter feito um comentário sobre a inutilidade do rio sob o ponto de vista piscatório, a vendedeira pergunta aos Ingleses se querem comprar trutas, frase que aparece citada em português (p. 81).
- ²⁹ Esta obra foi escrita por um holandês, Barent (ou Bernardt) Langenes sob o título de *Caert Thresoor* e publicada em dois volumes no ano de 1598. A tradução francesa, a que Quillinan se refere, deve-se a Jean de la Haye e apareceu em 1602.
- ³⁰ "How much it is to be lamented that our English friends who came hither to fight in our good cause, and whom we love so well, are all sure to go to hell; and that those who are so kind as to die in battle for us, only arrive there so much the sooner than if they staid peaceably at home" (p. 86).
- ³¹ A habitual vacuidade da cortesia portuguesa é referida no oferecimento da casa e dos préstimos feito pelo Sr. Coelho aos dois Ingleses (p. 56) e pelo Padre Manoel a Stanisforth (p. 188). Por seu turno, o excesso de cortesia é também denunciado pelo narrador, a propósito das instalações de Stanisforth em Fontelas (p. 159). Indirectamente associada a esta faceta dos Portugueses, importa lembrar a exuberância quase teatral dos cumprimentos, como, por exemplo, na despedida de José Alves a Wilmot e Stanisforth (p. 212).
- ³² Veja-se, por exemplo, a descrição do jantar em casa do Abade feita por Horton a Stanisforth (pp. 76-77).
- ³³ *The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoëns, by William Julius Mickle. Oxford, Jackson and Lister, 1776, pp. cxlix-cl.*
- ³⁴ *The Lusiad of Luis de Camoens, closely translated by Lt. Col. Sir T. Livingston Mitchell. London, T. & W. Boone, 1854, p. v.*

- ³⁵ *The Castle of Otranto, a story*. Translated by William Marshall, Gent. From the Original Italian of Onuphrio Muralto, Canon of the Church of St. Nicholas at Otranto. London: Printed for Tho. Lownds, MDCCLXV.
- ³⁶ Desta obra, já anteriormente citada (ver cap. I, nota 5), interessa-nos apenas o volume II, dedicado à literatura portuguesa, e ao qual serão relativas todas as seguintes referências bibliográficas a Bouterwek.
- ³⁷ *Op. cit.*, p. 7 e p. 20 (nota de rodapé).
- ³⁸ *Op. cit.*, vol. II, p. 272.
- ³⁹ De facto, os únicos escritores estrangeiros a que Francisca alude são o poeta galego Macias (p. 112), os dramaturgos Garcia Bermudez (p. 128) e Torres Naharro (p. 116), e Cervantes (pp. 141-143) no caso espanhol e, no italiano, Trissino (p. 128) e Marino (p. 123). Da literatura inglesa, Francisca apenas refere de passagem Shakespeare (p. 108).
- ⁴⁰ Leonora e Francisca referem-se-lhe respectivamente como "the era of our literary glory" (p. 112) e "our golden age of poesy" (p. 137). Esta ideia coincide com a afirmação de Bouterwek de que "At the end of the sixteenth century the most brilliant period of Portuguese poetry had passed away" (*op. cit.*, p. 273).
- ⁴¹ Nos raros casos em que os viajantes falaram da literatura portuguesa, pareciam considerar que ela se resumia verdadeiramente ao século XVI. Depois dessa época, se referiam autores do século XVIII, por exemplo, pouco mais diziam do que os nomes, prática a que Francisca/Quillinan não foge (p. 108).
- ⁴² *Op. cit.*, p. 7 (nota de rodapé).
- ⁴³ *Europa Portuguesa*. Lisboa, vol. III, 1680, pp. 379-380.
- ⁴⁴ *Op. cit.*, p. 6.

⁴⁵ *Op. cit.*, p. 379.

⁴⁶ Lembremos os seguintes pares construídos a partir das informações explícitas ou implícitas que nos são divulgadas por Francisca (Quillinan) e Bouterwek: Sã de Miranda/Teócrita, Camões/Homero, Antônio Ferreira/Horácio e João de Barros/Lívio. É igualmente significativo o facto de em ambas as obras, Correia Garção aparecer definido como um segundo Horácio português (Quillinan, *op. cit.*, p.108 e Bouterwek, *op. cit.*, p. 367).

⁴⁷ *Op. cit.*, p. 12.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 11 (nota de rodapé).

⁴⁹ A origem da atribuição (errada) a D. Pedro deve-se a Faria e Sousa (*Epítome de las Historias Portuguesas, dividido en quatro partes*. Madrid, Por Francisco Martinez, 1628, t. II, parte 3, cap. IX, p. 428 e parte 4, cap. 18, p. 696, renovando esta atribuição in *Europa Portuguesa*. 2.^a edición correcta, ilustrada y añadida en tantos lugares, y con tales ventajas, que es labor nueva. Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello, 1679, t. II, parte 2, cap. 4, p. 188 e 1680, t. III, parte 4, cap. 6, p. 353).

Carolina Michaëlis demonstrou que o verdadeiro autor foi o Condestável D. Pedro, que usou o título de Rei de Aragão, in *Geschichte der Portugiesischen Litteratur*. Herausgegeben von Gustav Gröber. Strassburg, Karl J. Trübner, 1894, pp. 231-232 (É o vol. IV de *Grundriss der romanischen Philologie*, obra publicada conjuntamente por Carolina Michaëlis e Teófilo Braga). Este esclarecimento consta também de um bilhete postal enviado pela investigadora a Afonso Lopes Vieira em 19.7.1913 e reproduzido por Aníbal Pinto de Castro (*Coimbra no pensamento e na obra de Afonso Lopes Vieira*. Coimbra, Coimbra Editora, 1979, Apêndice II, p. 70). O problema voltaria a ser abordado por Carolina Michaëlis in *A Saudade Portuguesa*, 2.^a edição revista e

acrescentada, Porto, Renascença Portuguesa; Lisboa, Seara Nova; Rio de Janeiro, Anuario do Brasil, 1924, p. 14 e pp. 30-31 (1.^a ed., 1914).

- ⁵¹ Também citada por Bouterwek in *op. cit.*, p. 14 (nota de rodapé).
- ⁵² *Ibidem*, p. 25.
- ⁵³ *Ibidem*, p. 86 (nota de rodapé).
- ⁵⁴ *Ibidem*, p. 207.
- ⁵⁵ *Ibidem*, p. 133. Anteriormente, já outro alemão (Heinrich Friedrich Link) havia reconhecido o fracasso generalizado das tragédias dedicadas ao tema de Inês, tentando explicá-lo pelo facto de que este só se poderia adaptar ao género trágico com grandes alterações, visto que a acção histórica se limita ao momento da sua morte, na ausência do Príncipe (*Travels in Portugal, and through France and Spain*. London; Printed for T.N. Longman and O. Rees, 1801, p. 306).
- ⁵⁶ *Ibidem*, p. 218.
- ⁵⁷ *Ibidem*, p. 147.
- ⁵⁸ *Ibidem*, p. 254.
- ⁵⁹ Esta obra foi traduzida para inglês por Munday (1581) e, posteriormente, por Robert Southey (1807).

V

EM JEITO DE CONCLUSÃO

Whether these two natives of a southern clime, when removed to the cold north, though under the protection of good and gallant men, thrive in that new soil, might be a subject worthy of examination [...]. In general, such unions are incongruous, and terminate in mutual disappointments and regrets.

The Sisters of the Douro, p. 292.

É praticamente esta a última ideia que Quillinan expõe no romance que acabámos de estudar: o fracasso por que se saldam muitos casamentos entre dois seres de nacionalidades diferentes. O resultado da aplicação prática aos casais Wilmot/Leonora e Stanisforth/Francisca não é, porém, revelado pelo narrador, dotando assim o texto de um final aberto e problemático.

No caso de Quillinan, ocorre-nos dizer que nele se consubstancia também como que um 'casamento' entre Inglaterra e Portugal, quer a nível da naturalidade, quer de interesses, como julgamos ter demonstrado no presente trabalho. Com efeito, a década que decorre entre 1841 e 1851 constitui o melhor exemplo de um autor inglês apaixonado pela paisagem, pelos costumes e pela literatura portugueses, vindo assim comprovar a so

lidez de uma relação antiga e desmentir, de algum modo, o ceticismo subjacente à generalização formulada no trecho em epígrafe. Quillinan, que passou a maior parte da sua vida em Inglaterra, terá sentido sempre "an earnest spirit of love, an aptitude to learn, and a ductility of manners [...]" (p.292), tal como admite que pudesse acontecer com as duas irmãs, após a sua fixação num país estrangeiro. Por outro lado, não restam dúvidas de que o período final da vida de Quillinan recupera o cenário da infância que, conforme a obra demonstra, nunca esteve realmente ausente do seu pensamento.

Como se se tratasse de um espelho disposto em forma triangular, o mesmo Edward Quillinan que começámos por colocar no centro do palco, cedo se desdobrou em três personagens (o Homem/o Escritor/o Lusófilo), distintas entre si, é certo, mas sem dúvida complementares ou até mesmo sobreponíveis.

A articulação das duas primeiras deve-se principalmente ao facto de boa parte dos escritos de Quillinan, sobretudo os iniciais, incapazes de, por si só, alcançarem alguma notoriedade, não chegarem verdadeiramente a libertar-se do seu autor, de cuja vida particular e profissional são produto ou reflexo directo. Estão sempre presentes situações concretas, quer se trate do militar satírico e feroso, do jovem promissor que, apoiado por *Sir* Egerton, ensaia os primeiros passos no meio editorial e literário, do amigo da família Brydges, à qual, em determinado momento, chega mesmo a pertencer, do genro dedicado e solidário que não hesita em ri-

postar com energia à escrita biliosa de Landor, traçar um breve historial do título com que Wordsworth havia sido distinguido e escrever uma ode a pedido do mesmo Wordsworth, ou do viúvo triste mas resignado, crente mas inconsolável.

A abordagem da terceira figura - o Quillinan lusófilo - revelou-nos, pelo contrário, a existência de todo um conjunto bem mais homogêneo de textos, que não poderemos já reduzir ou associar estritamente a uma circunstância ou acaso de ordem biográfica, como, por exemplo, a questão da naturalidade. Este núcleo oferece-nos um Quillinan empenhado em manter e, inclusivamente, estreitar os laços que o unem a Portugal. No caso da nossa literatura e, mais concretamente, da visão que dela nos apresenta *The Sisters of the Douro*, é sem dúvida nítido, por parte de Quillinan, o desejo de estar informado e de actualizar e transmitir os seus conhecimentos de uma forma simultaneamente *dulce et utile*. Como dissemos, a novidade não reside no conteúdo, mas sim na forma de apresentação.

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades"; e assim, o inglês que hoje parte à descoberta da língua, cultura e literatura portuguesas pouco ou nada terá já em comum com o jovem para quem a *Grand Tour* representa o corolário de um processo educativo, com o curioso, filósofo ou não, que procura a memória de um sismo devastador, com o doente que busca o alívio dos seus males ou ainda com o comerciante que antevê boas oportunidades de investimento e de lucro. No entanto, abertos ao turismo e devolvidos à Europa, talvez seja possí-

vel esperar que o interesse inglês por Portugal se fortaleça em termos culturais (que não apenas turísticos), favorecendo, num futuro próximo, o aparecimento de novos relatos de viagens e até (quem sabe?) de lusófilos tão dedicados como o injustamente esquecido Edward Quillinan.

A P Ê N D I C E

NOTA : Manteve-se a grafia dos textos portugueses reproduzidos por Quillinan. Os restantes foram actualizados.

"À Sepultura del-Rei D. João III"

Quem jaz no grão sepulcro, que descreve
Tão ilustres sinais no forte escudo?

- Ninguém; que nisso, enfim, se torna tudo;
Mas foi quem tudo pôde e tudo teve.

- Foi Rei? - Fez tudo quanto a Rei se deve;
Pôs na guerra e na paz devido estudo.
Mas quão pesado foi ao Moiro rudo
Tanto lhe seja agora a Terra leve.

- Alexandre será? - Ninguém se engane;
Que sustentar, mais que adquirir se estima.
- Será Adriano, grão senhor do Mundo?

- Mais observante foi da Lei de cima.
- É Numa? - Numa não, mas é Joane
De Portugal, terceiro sem segundo.

Who sleeps in this grand sepulchre, o'er wrought
With blazoned symbols of illustrious state?
No one; for all are nothing soon or late;
Yet was he once the greatest of the great.
Was he a king? He lived as monarchs ought,
And studied war and peace in equal thought:
Light lie the earth above him for the weight
Where with so low the stubborn Moor he brought!
Is it then Alexander? vain surmise; -
Praise to the Victor that can sheathe the the[sic] sword
Then here the Lord of Empire, Adrian, lies?
No; one who better served the 'Almighty Lord.
Tis Numa? No, but Portugal's King John,
Third of the Name; his second there is none.

"Soneto de Camoens"

Que me quereis perpetuas saudades?
Com qu' esperanças inda me enganais?
O tempo, que se vai não torna mais
E se torna, não tornam as idades.
Razão he já, o annos que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que passais,
Nem todos para um gosto sois iguias[sic].
Nem sempre são conformes as vontades.
Aquillo a que já quiz he tão mudado
Que quasi he outra cousa, porque os dias
Teem o primeiro gosto já damnado.
Esperanças de novas alegrias,
Não m'as deixa a Fortuna, e o tempo irado
Que do contentamento são espias.

"Translation of the foregoing Sonnet"

Why haunt you me, fond wishes ever yearning?
With what new hopes of visionary good?
Time, onward gliding, turns not: -if it could,
The light of youth is never more returning.
Speed then, O years! for reason - now discerning,
How seldom ye content, how oft delude,
How swiftly fly by happiness pursued -
Your flight deplores not, from experience learning.
So changed is all I loved to look upon
Each object seems some other to my eyes,
Because the freshness of my soul is gone;
For angry times and fortune, evil spies
Wherever pleasures for a moment shone,
Have left me not a hope of future joys.

Soneto LXXII

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquela alma me aparece
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lã numa soidade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro para ela; e ela então parece
Que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: - Não me fujais, sombra benina! -
Ela, os olhos em mim cum brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser,

Torna a fugir-me. E eu gritando: *Dina* ...
Antes que diga: *mene*, acordo, e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

CAMÕES

"Sonnet seventy-two of Camoens. Dinamene"

When, wearied out with sorrows still my theme,
To sleep I yield my fancy prisoner,
In dreams I then behold the shade of Her
Who while in life to me was but a dream.
There, in a solitude whose verge extreme
Fades from the scope of vision into air,
I chase her: forced to shun me even there,
Her steps for my pursuit the fleeter seem.
"Spirit benign," I call, "oh do not fly!".
She turns on me a sweet and troubled glance,
Like One who says, "Alas, it cannot be!".
And hastens onward. "*Dina*..." then I cry,
But ere I can add *mene*, from my trance
I wake - for even illusion flies from me.

"A um Rouxinol preso cantando"

Ave gentil cativa, que os acentos
Inda dobras com tanta suavidade,
Como quando gozavas liberdade,
Sendo do campo Amfião, Orfeu dos ventos:

Da vida livre os doces pensamentos
Perdeste junto à clara suavidade
De um Ribeirinho, que com falsidade
Grilhões guardava a teus contentamentos:

Eu também desse modo fui cativo,
Que amor me tinha os laços emboscados
Na luz de uns claros olhos excelentes:

Mas tu vives alegre, eu triste vivo,
Com que somos conformes nos estados,
E somos na ventura diferentes.

ANTÔNIO BARBOSA BACELAR

"To a caged nightingale. From the portuguese
of Antonio Barbosa Bacellar".

Imprison'd bird, thy song is unconfined,
And trills in rich redoubling sweetness now,
As when a warbler free of wing wert thou,
The grove's Amphion, Orpheus of the wind!
By thee the charms of freedom were resign'd,
Where guile in yonder copse had limed the bough,
Hard by the rill whose pleasant waters flow
Bright as thy life, ere thou wert thus purloin'd.
So too was I with art insidious taken,
Where love his fraud had ambush'd in the gleam,
Of eyes whose dazzling beauty hid the snare.
Yet thou art happy: I am joy-forsaken;
As one thy fate and mine, sweet bird, should seem,
But oh, how different a heart we bear!.

Marília de Dirceu "Lira V"

"Discontent"--"From the brazilian poet
Gonzalo[sic] and in the original metre"

I

¿Acaso são estes
os sítios formosos,
aonde passava
os anos gostosos?
¿São estes os prados,
aonde brincava,
emquanto pastava
o manso rebanho,
que Alceu me deixou?
São estes os sítios?
São estes; mas eu
o mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Can there be the bowers
Delightfully seated,
Where years were as hours,
So gaily they fled?
Can those be the pastures
Where lately were straying,
Now browsing, now playing,
The flock by Alceus
Bequeath'd to my care?
Are these the same places?
They are as they were.
Am I the same? no -
You call me, Marilia?
Wait, wait, for I go!

II

Daquele penhasco
um rio caía;
ao som do sussurro
que vezes dormia!
Agora não cobrem
espumas nevadas
as pedras quebradas:
parece que o rio
o curso voltou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
o mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

From the cliff that is yonder
The water came falling;
How oft has it lull'd me
To sleep with its brawling!
No more it comes withening
The rocks in its play,
With bubbles of spray;
It seems that the river
Has found a new way.
Are these the same places?
Not alter'd are they.
'Tis I who am so!
You call me, Marilia?
Wait, wait, for I go!

Meus versos, alegre,
 aqui repetia;
 o eco as palavras
 três vezes dizia.
 Se chamo por ele,
 já não me responde;
 parece se esconde,
 cansado de dar-me
 os ais, que lhe dou.
 São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 o mesmo não sou.
 Marília, tu chamas?
 Espera, que eu vou.

Aqui um regato
 corria sereno
 por margens cobertas
 de flores e feno;
 à esquerda se erguia
 um bosque fechado,
 e o tempo apressado,
 que nada respeita,
 já tudo mudou.
 São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 o mesmo não sou.
 Marília, tu chamas?
 Espera, que eu vou.

III

'Twas here that I carolléd
 The strains that were heard,
 And thrice would the echo
 Repeat the last word;
 But now if I call
 From her hiding-place shy,
 Not an answer have I.
 So even the echo
 Is weary of me.
 Are these the same places?
 No other I see.
 Am I the same? no -
 You call me, Marilia?
 Wait, wait, for I go!

IV

Here, border'd by flowers,
 A streamlet serenely
 Was gliding, refreshing
 The grasses so greenly.
 On the left was a bower,
 None closer and coyer,
 Which Time the destroyer,
 Insulter of all things,
 Already has changed.
 Are these the same objects?
 Yes, nought is estranged.
 Am I the same? no -
 You call me, Marilia?
 Wait, wait, for I go!

V

Mas como discorro?
 ;Acaso podia
 já tudo mudar-se
 no espaço de um dia?
 Existem as fontes
 e os freixos copados;
 dão flores os prados,
 e corre a cascata,
 que nunca secou.
 São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 o mesmo não sou.
 Marília, tu chamas?
 Espera, que eu vou.

But how do I suffer
 My reason to stray;
 Could all be so changed
 In the space of a day?
 Flowers bloom in the meadows,
 The ash trees are growing,
 The fountains are flowing,
 The source of the water-fall
 Never was dry.
 Are these the same groves then?
 They are - but 'tis I
 That am alter'd, I know.
 Did you call me, Marília?
 Wait, wait, for I go!

VI

Minha alma, que tinha
 liberta a vontade,
 agora já sente
 amor e saudade.
 Os sítios formosos,
 que já me agradaram,
 ah! não se mudaram;
 mudaram-se os olhos,
 de triste que estou.
 São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 o mesmo não sou.
 Marília, tu chamas?
 Espera, que eu vou.

My spirit, that never
 Knew care for the morrow,
 Already is drooping
 With love and its sorrow.
 Yes, yes, these fair bowers
 That lately delighted,
 Are fresh and unblighted,
 'Tis grief that disfigures
 The landscape to me,
 Are these the same bowers?
 No change do I see.
 I am alter'd, I know.
 You call me, Marília?
 Wait, wait, for I go!

Marília de Dirceu "Lira I"

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado;
de tosco trato, de expressões grosseiro,
dos frios gelos e dos sôis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite,
e mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela
graças à minha estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os pastores, que habitam este monte,
respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
que inveja até me tem o próprio Alceste:
ao som dela concerto a voz celeste
nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

"Content" - "from the same"

Marilia, I am no untutor'd swain,
The hireling guardian of another's fold,
Of coarse demeanour and uncivil strain,
Burnt by the heat and blasted by the cold.
The fertile land I farm is all my own;
It yields me fruit, and herbs, and oil, and wine;
The small white ewes whose milk I drink are mine,
And clothe me too from fleeces finely grown.
Marilia, maid transcendent,
I thank my star resplendent.

I've seen my face reflected in a fountain,
It does not wear an old or wither'd look;
The neighbouring swains, the natives of the mountain,
Respect the vigorous hand that holds my crook:
From out the pastoral pipe such tones I bring
Alceste himself is jealous of my skill,
To this I add a voice superior still,
And all my own is every verse I sing,
Marilia, maid transcendent,
I thank my star resplendent.

Mas tendo tantos dotes de ventura,
sô apreço lhes dou, gentil pastora,
depois que o teu affecto me segura
que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
de um rebanho, que cubra monte e prado;
porém, gentil pastora, o teu agrado
vale mais que um rebanho e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina
te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálamos vapora.
Ah! não, não fez o Céu, gentil pastora,
para glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Yet all of fortune's gifts that I possess
I value only for the sake of *Thee*,
Whose smile assures me, gentle shepherdess,
That thou the mistress of them all wilt be.
A flock and herd that cover hill and down
Are good to look at in their master's eyes,
But thou, Marilia, art a richer prize
Than herds and flocks, or ev'n a kingly crown.
Marilia, maid transcendent,
I thank my star resplendent.

The poppy, or the dainty rose, yet finer,
Mantles in blushes on thy cheeks of snow;
O gentle shepherdess! a light diviner
Those eyes emit than even the sun can throw.
Of golden thread thy shining hair is wove,
Thy beauty is all sweetness without measure,
Never did Heaven send down so rare a treasure
To be the glory of triumphant love,
Marilia, maid transcendent,
I thank my star resplendent.

Leve-me a sementeira muito embora
o rio, sobre os campos levantado;
acabe, acabe a peste matadora,
sem deixar uma rês, o nêdio gado.
Já destes bens, Marília, não preciso
nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
para viver feliz, Marília, basta
que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
sustentada, Marília, no meu braço;
aqui descansarei a quente sesta,
dormindo um leve sono em teu regaço;
emquanto a luta jogam os pastores,
e emparelhados correm nas campinas,
toucarei teus cabelos de boninas,
nos troncos gravarei os teus louvores,
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Let, let the river rise and bear away
The hopes of harvest from my flooded fields;
Let all my stock with pestilence decay,
Till not a sheep or steer my pasture yields;
Marilia, all these riches I despise;
I am not one with sordid passions blind;
'Tis bliss enough for me that thou art kind,
'Tis bliss enough to watch thy smiling eyes.
Marilia, maid transcendent,
I thank my star resplendent.

Thou to the woods shalt go to gather flowers,
Thine arm with pressure soft in mine entwining;
And I will there beguile the sultry hours,
In slumber light upon thy lap reclining.
Or while with lutes thine ear the shepherds please,
Or while at distance through the fields they fare,
I'll twine a wreath of blossoms in thy hair,
Or carve thy praises on the barks of trees.
Marilia, maid transcendent,
I thank my star resplendent.

Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra.
Na campã, rodeada de ciprestes,
lerão estas palavras os pastores:
"Quem quiser ser feliz nos seus amores,
siga os exemplos, que nos deram estes.)
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

"A Flor Saudade"

Vem cá, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flor,
Se tens de saudade o nome
Da saudade eu tenho a dor.

Recebe este frio beijo,
Beijo de melancholia,
Tem d'amor toda doçura,
Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marília?
Dize, onde um beijo te deu?
Mostra o lugar, nelle quero
Dar-te eu outro beijo meu.

Se Marília quer que exprimas
O qu'ella sente por mim,
Porque murchas? não me lembres
Que amor também passa assim.

Marília em tudo te iguala
Linda e delicada flor,
Mas infeliz se em seu peito
Quanto duras, dura amor!

"Translation of Borges de Barros'
verses 'A Flor Saudade' "

Come hither, my companion,
Thou graceful flower of woe!
If sorrow's name thou bearest,
Sorrow's pains I know.

Receive this frigid greeting,
This melancholy kiss;
It has all affection's sweetness,
But not the fire of bliss;

Where did Marília touch thee,
Where did she kiss thee? Tell!
Show me the place, - that I too
May kiss thee there as well.

Art thou Marília's token
Of what she feels for me?
Why fade then? To remind me
That love as soon may flee?

Marília's graces match thee,
In all things, fairest flower,
But woe, if in her bosom
Love bloometh but an hour.

Tu venturosa cuidavas,
Quando meu bem te colheu,
Que morreras em seu seio,
Qual morri outr' ora eu.

Longe d'haste, em que Favonio
Ia contigo brincar,
Em vez d'orvalho, te sentes
Sõ de lagrimas banhar.

Flor infeliz! ... Porém eu
Quanto mais infeliz sou!
Nada te disse Marília
Quando ella a mim te enviou?

Ah! se tu saber podêras
Quanto amor, quanta ternura,
Se souberas das delicias,
Julgaras da desventura.

Mas que digo! não me creias,
Não me vãs atraçoar,
Saudade, he crime d'amor
Seus mysterios divulgar.

'Twas thy glad hope, when gather'd
By her for whom I sigh,
On that delightful bosom -
Where I have breathed - to die

Far from the stem where with thee
Favonius play'd of late,
Instead of dew thou feelest
Of human tears the weight.

Poor flower! yet my misfortune
Is more severe than thine;
Say, did she tell thee nothing
Before she made thee mine?

Alas, if all the fondness
Of love could be express'd;
If thou couldst know our raptures,
Our sorrows might be guess'd.

What have I said! believe not!
Betray no heedless word;
Shame on the Love, oh Flower,
Whose mysteries are heard!

"O Duque de Alba. Ballada velha"

E deitado hum voato
Na Cidade de Sevilla,
Que casa Duque d'Alba
Com Dama de grande linha.

Todas as Damas o sabem,
Sõ Donna Anna não sabia;
Sua Mana que ouvia
Logo assim lho dizia:

"Saberás, O Donna Anna,
Saberás o Mana minha,
Que casa Duque d'Alba
Com Dama de grande linha?"

Donna Anna por desprazer
Assim lhe respondia:
"Que case, que não case,
A mim que se me daria?"

Foi Donna Anna para casa
Mui triste da maravilha:
Mandou fechar suas portas,
Cousa que nunca fazia!

Os suspiros erão tantos
Que toda a casa tremia,
As lágrimas erão tantas
Que pela mesa corrião.

"The Duke of Alba. Old ballad"

A Rumour in the City
Of Seville is gone forth,
That weds the Duke of Alba
With one of lofty birth.

'Twas known to all the ladies
But Lady Anne alone:
Her sister heard, and quickly
Thus made the tidings known.

"Oh know you, Donna Anna,
Oh know you, sister mine,
That weds the Duke of Alba
A dame of noble line?"

And Lady Anne thus answer'd,
Offended answer'd she:
"Or if he wed or wed not,
What matters that to me?"

Within the house secluded
With wonder troubled sore,
She bade her doors be fasten'd,
Thing never done before.

The very walls were conscious
And trembled with her fears;
The table that she lean'd on
Was flooded by her tears.

Foi-se pôr a huma janella
Que para a praça sahia;
Vio estar Duque d'Alba
Com outros em companhia.

Assinalava-lho cum hum cravo
Logo ele allî viria.
"Que querêis, ô Donna Anna,
"Que querêis, ô vida minha?"

"Quero que me digais
Huma tam falsa mentira; -
Dizem que sôis casado
Com Dama de grande linha."

"Não é mentira, Donna Anna,
Não é mentira, vida minha;
Que amanhã são minhas vodas
Eu convidar vos queria."

Ao dizer estas palavras
Aos pés morta lhe cahio!
Mandou-lhe abrir o peito,
Para ver do mal que morria.

Achou-lhe tres pingas de sanque
Que a mais xequita dizia
"Pois deveras, amor, casas,
E a mim me deixas perdida!"

Mandou encastoar em ouro,
Ao seu peito o trazia, -
Passado sette anos,
Sua Sogra lhe dizia: -

Then looking from a window
That open'd on the Square,
She saw, with friends surrounded,
The Duke of Alba there.

She waved a pink-flower towards him:
"Come hither," said the sign -
"What would you, Donna Anna?
What would you, life of mine?"

"I would that you would tell me
About a falsehood rife;
They say a noble lady
Is your affianced wife!"

"'Tis true, my Donna Anna,
'Tis true, my life's delight,
To-morrow is my wedding,
Your presence I invite."

Down, when the words were spoken,
Dead at his feet she fell!
He bade lay bare her bosom,
That it the cause might tell.

He found three drops of blood there,
The least of which exclaim'd:
"And so, my love, you marry,
And leave me lost and shamed."

He bade in gold encase it,
And wore it for the dead;
When seven years were over,
His mother-in-law said:

"Deixai agora o dô,
Deixais por vossa vida!" -
"Como hei-de deixar o dô,
Por quem tanto me queria?" -

"É verdade, Duque d'Alba,
Lhe queres mais que a minha filha."
"Ora eu mais não lhe quero;
Mas, sim, *tanto* lhe queria!"

"Leave now your bitter sorrow,
For life's sake, cease your woe!"
"How can I leave my sorrow
For her who loved me so?"

"Yes, still you love her, Alba,
Your wife, my child, above."
"No, 'tis too late to love her;
But oh, I *did* so love!"

B I B L I O G R A F I A

1. Obras de Edward Quillinan:

- *Ball room votaries; or, Canterbury and its Vicinity.* London: Printed for Henry Colburn, 1810.
- "The Belle: Adventures at a Portuguese watering place" in *Tait's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Tait; London, Simpkin, Marshall, & Co.; Dublin, John Cumming, 1846, vol. XIII, n^o October, pp. 638-650 e n^o November, pp. 689-697.
- *Carmina Brugesiana. Domestic poems.* Geneva, Printed by W. Fick, MDCCCXXII.
- *Consolation: a Poem addressed to Lady Brydges.* Kent: Printed at the private Press of Lee Priory; by Johnson & Warwick, 1815.
- *The Conspirators, Or the Romance of Military Life.* London, Henry Colburn, 1841, 3 vols. Uma das narrativas aqui incluídas ("The Rangers of Connaught") foi também publicada in *The Edinburgh Tales* conducted by Mrs Johnstone. Edinburgh, William Tait; London, Chapman and Hall; Dublin, John Cumming, MDCCCXLV, vol. I, pp. 223-252.
- *Dunluce Castle; a Poem.* In four parts. By _____, Esq. of the Third Dragoon Guards. Printed at the private Press of Lee Priory; by Johnson and Warwick, 1814.
- *Elegiac Verses, addressed to a Lady.* Kent: Printed at the private Press of Lee Priory; by John Warwick, 1817.
- "Imaginary conversation, between Mr. Walter Savage Landor and the editor of Blackwood's Magazine" in *Blackwood's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Blackwood & Sons, vol. LIII (January-June 1843), n^o cccxxx (April), pp. 518-536.

- *The King: the lay of "a Papist"*. London, 1830.
- "Laurels and Laureates" in *Blackwood's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Blackwood & Sons, vol. LXIV (July/December 1848), nº cccxciv (August), pp.220-232.
- *The Lusiad of Luis de Camoens*. Books I to V. Translated by _____. With notes by John Adamson. London ; Edward Moxon, 1853.
- *The Lusitanian*. Porto, Typographia de Revista, 1845, nº 4, pp. 105-106 e nº 6, pp. 338-339.
- *Monthermer: A Poem*. By _____, Esq. of the 3rd Dragoon Guards. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1815.
- *Ode on the Installation of His Royal Highness Prince Albert as chancellor of the University of Cambridge*, by W.W., Poet Laureate [or rather, by E.Q.]. London, George Bell, 1847.
 Outra edição: *Ode, performed in the Senate House, Cambridge, on the sixth of July, MDCCCXLVII, at the commencement after the installation of His Royal Highness the Prince Albert, Chancellor of the University* [By E. Quillinan. Written at the request of W.W., and with his help]. Cambridge: Cambridge University Press, 1847.
- *Poems*. With a memoir by William Johnston. London; Edward Moxon, 1853.
- *The Retort Courteous*. Edinburgh, Printed for and sold by John Robertson, 1821.
- *The Sacrifice of Isabel: A Poem*. London : Printed by Bensley and Son; for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1816.
- *Stanzas, by the Author of Dunluce Castle*. Kent; Printed at the private press of Lee Priory; by Johnson and Warwick, 1814.

- "The Theatre of Gil Vicente" in *The Quarterly Review*, London, John Murray, vol. LXXIX (December 1846-March 1847), pp. 168-202.
- *Verses, addressed to Lady Brydges, in memory of her son Edward William George Brydges*. Lee Priory Press, 1816.
- *The Whim, a Periodical paper, by a society of Gentlemen*. Canterbury, Printed by Rouse, Kirkby, and Lawrence, 1810-1811, 12 nrs.
- *Woodcuts and Verses*. Kent: Printed at the private Press of Lee Priory; by John Warwick, 1820.

2. Obras com referências a Quillinan e à sua actividade literária:

a) Livros:

- ARNOLD, Mathew - "Stanzas in memory of Edward Quillinan" in *Poems narrative elegiac & lyric*. London, J.M. Dent & Co., col. "The Temple Classics", MDCCCC, p. 151.
- BROUGHTON, Leslie Nathan (ed.lit.) - *Some letters of the Wordsworth family now first published with a few unpublished letters of Coleridge and Southey and others*. New York, Cornell University Press, 1942.
- BRYDGES, Sir Samuel Egerton - *Occasional Poems written in the year MDCCCXI*. Kent; Printed at the private press of Lee Priory; By Johnson and Warwick, 1814.
- BURTON, Sir Richard Francis - *Camoens: his life and his Lusiads*. London, Bernard Quaritch, 1881, vol. I, pp. 158-162.

- CLAYDEN, P.W.-*Roger and his Contemporaries*. London, Smith, Elder, & Co., 1889, vol. II, p.9 e pp. 206-208.
- DOWDEN, Edward (ed. lit.) - *The Correspondence of Robert Southey with Caroline Bowles. To which are added: Correspondence with Shelley, and Southey's dreams*. Dublin, Hodges, Fildgis, & Co.; London, Longman, Green & Co., 1811, pp.125-126.
- FERRÃO, Eva Maria Costa Neves - *Edward Quillinan: Lusófilo e Camonista*. Lisboa, Faculdade de Letras, 1958 (Dissertação de licenciatura em Filologia Germânica).
- GILLIES, Robert Pearse - *Memoirs of a Literary Veteran; including Sketches and Anecdotes of the Most Distinguished Literary Characters from 1734 to 1849*. London: Richard Bentley, 1851, vol. II, chap. I, pp. 1-2; chap. V, pp. 85-116; e chap. XI, pp. 267-268.
- KNIGHT, William (ed. lit.) - *Letters of the Wordsworth family from 1787 to 1855*. Boston & London, Ginn and Co., Publishers, 1907, 3 vols.
- KNIGHT, William Angus - *The Life of William Wordsworth*. Edinburgh, William Patterson, MDCCCLXXXIX, vol. III, pp. 380-386.
- MOORMAN, Mary - *William Wordsworth*. Oxford, 1957, vol. I; 1965, vol. II.
- MORLEY, Edith J. (ed. lit.) - *The Correspondence of Henry Crabb Robinson with the Wordsworth Circle-1808-1866. The greater part now for the first time published from the originals in Dr. William's Library*. Oxford, at the Clarendon Press, 1927, 2 vols.

- REIMAN, Donald H. (ed. lit.) - *Romantic Context: Poetry. Significant Minor Poetry - 1789-1830*. New York & London, Garland Publishing, Inc., 1978:
- Edward Quillinan.
 - Samuel Egerton Brydges and Edward Quillinan.
- SADLER, Thomas (ed. lit.) - *Henry Crabb Robinson. Diary, Reminiscences, and correspondence*. London, Mac Millan and Co., 1869, vol. III.
- SOUTHEY, Rev. Charles Cuthbert (ed. lit.) - *The life and correspondence of the late Robert Southey*. London; Longman, Brown, Green & Longmans, 1850, vol. VI, p. 278, p. 298 e p. 301.
- TAYLOR, Sir Henry - *Autobiography*. London, Harrison and Sons, 1874, vol. I, pp. 215-216.
- WORDSWORTH, Christopher - *Memoirs of William Wordsworth*. London, Edward Moxon, 1851, 2 vols.

b) Artigos em revistas:

- *The Athenaeum, Journal of Litterature, Science, And the Fine Arts for the year 1853*. London, Printed for James Holmes, MDCCCLIII, nº 1329 (16.4.1853), pp. 473-474 e nº 1330 (23.4.1853), pp. 498-499.
- *The Critical Review; or, Annals of Literature*. Series the fifth. London, Published by W. Simpkin and R. Marshall, vol. IV, nº IV (October 1816), pp. 390-395.
- *The Irish Monthly. A Magazine of General Literature*. Dublin, M.H. Gill & Son; London, Burns & Oates; Simpkin, Marshall & Co., 1887, fifteenth yearly volume, pp. 285-288.

- *The Man of Kent, or Canterbury Political and Literary Weekly Miscellany*. By a society of Gentlemen. S. 1., s. ed., s.d., vol. I, n^o 13, cols. 198-200 e n^o 14, col. 213.
 - *The Monthly Review; or Literary Journal, Enlarged*. London, s.ed., vol. LXXIX (January-April 1816), n^o January, pp. 99-100 e vol. LXXXII (January - April 1817), n^o April, pp. 433-434.
 - *The New Monthly Magazine and Universal Register*. S. 1., s.ed., vol. IV (July-December 1815), n^o 20 (September), p. 154.
 - *The Poetical Register, and repository of fugitive poetry for 1810-1811*. London: Printed for F. C. and J. Rivington, 1814, p. 583.
 - *Revista Litteraria. Periodico de Litteratura, Philosophia, Viagens, Sciencias, e Bellas-Artes*. Porto, Typographia da Revista, 1841, vol. VII, n^o 40, pp. 380-383.
 - *Tait's Edinburgh Magazine for 1841*. Edinburgh: William Tait, MDCCCXLI, vol. VIII, n^o January, pp. 22-26.
 - *The Tradesman; or Commercial Magazine: including subjects relating to Commerce, Foreign and Domestic*. London, Published by Sherwood, Neely & Jones, vol. XV (July-December 1815)/New Series, vol. VI, n^o 3 (September), pp. 231-236.
- HAMILTON, Thomas - "Poems by a Heavy Dragoon" in *Blackwood's Edinburgh Magazine*. Edinburgh, William Blackwood; London: T. Cadell and W. Davies, vol. IV, N^o XXIII (February 1819), pp. 574-579.
- HOOK, Theodore (ed. lit.) - "Love and War" in *The New Monthly Magazine and Humorist*. London: Henry Colburn, 1841, Part the first, p. 134.

- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - "Eduardo Quillinan, e sua traducção ingleza dos Lusíadas de Camões" in *O Panorama, Jornal litterario e instructivo*. Lisboa, Typographia de A.J.F.Lopes, 1853, vol. X, Segundo da Terceira Serie (Publicado de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1853), pp. 177-179.
- ROBINSON, Henry Crabb - "Obituary" in *The Christian Reformer; or, Unitarian Magazine and Review*. London: Edward T. Whitfield, 1851, New Series, vol. VII (January-December 1851), n^o August, p. 512.
- URBAN, Sylvanus (ed. lit.) - *London Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*. London; Printed by Nichols, Son, and Bentley, 1815, vol. LXXXV (July-December 1815), being the Eighth of the New Series, Part the Second, n^o August, pp. 149-152 e n^o November, pp. 430-434.
- *London Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*. London; Printed by Nichols, Son, and Bentley, 1816, vol. LXXXVI (January-June 1816), being the Ninth of the New Series, Part the First, n^o June, pp. 527-531.
- "Obituary - EDWARD QUILLINAN Esq." in *The Gentleman's Magazine*. London; John Bowyer Nichols and Son, MDCCCLI, vol. XXXVI (July-December, 1851), New Series, n^o October, p. 438.

3. Obras sobre a literatura portuguesa e Camões:

- *The Annual Register, or a View of the History, Politics, and the Literature for the year 1789.* London, Printed for J. Dodsley, 1792, pp. 166-167.

ADAMSON, John - *Bibliotheca Lusitana; or, Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Literature and Poetry of Portugal; forming part of the library of ———.* Newcastle-on-Tyne, privately printed, 1836.

- *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature & c., of Portugal. Literary Department. Part I. Selection of Sonnets with biographical sketches of the authors.* Newcastle-upon-Tyne: Printed by T. and J. Hodgson, MDCCCXLII; *Part II. Minstrelsy.* Newcastle-upon-Tyne: Printed by M.A. Richardson, MDCCCXLVI.

- *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens.* London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, MDCCCXX, 2 vols.

- *Sonnets, from the Portuguese of Luis de Camoens.* Newcastle, 1810.

- *Sonnets.* Newcastle-upon-Tyne: Imprinted by M.A. Richardson, MDCCCXLV. Alguns dos textos aqui incluídos foram novamente publicados in *Seis Sonetos Camonianos. Reimpressão preceída de uma notícia e retrato do autor.* Em Lisboa, Manoel Gomes, 1886.

ATKINSON, William C. - *British contributions to Portuguese and Brazilian studies.* London, The British Council, 1945.

- BALBI, Adrien - *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les Portugais des deux Hémisphères*. Paris, chez Grey et Ravier, 1822, 2 vols.
- BELLERMANN, Christian Friedrich - *Die alten Liederbücher der Portugiesen, oder Beiträge zur Geschichte der Portugiesischen Poesie, vom dreizehnten bis zum Anfang des sechszehnten Jahrhunderts*. Berlin, F. Dümmler, 1840.
- BLAIR, Hugh - *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres*. Dublin, Whitestones, Colles, 1783, 3 vols.
- BOUTERWEK, Friedrich - *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts*. In *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*. Göttingen, 1805, vol. IV.
Edição inglesa: *History of Spanish and Portuguese Literature*. Translated from the original German by Thomasina Ross. London: Boosey and Sons, 1823, vol. II.
- BRAGA, Teófilo - "As Traducções Inglezas dos Lusiadas" in *Questões de Litteratura e Arte Portuguesa*. Lisboa, Editor, A.J.P. Lopes, s.d., pp. 259-265.
- CANTO, José do - *Colecção Camoniana. Tentativa de um catalogo methodico e remissivo*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895.
- CARDIM, Luiz - *Projecção de Camões nas letras inglêsas*. Lisboa, Editorial "Inquérito", 1940.
- CASTRO, P.^e João Baptista de - *Mappa de Portugal antigo e moderno*. Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luis Ameno; MDCCLXIII, t.II (1.^a ed., 1749).

CHARDIN, A. - *Histoire des établissemens européens aux Indes orientales, suivie [...] d'une notice sur le Camoens* par Mme de Staël. Paris, 1832.

CHATEAUBRIAND, René Auguste - *Le Génie du Christianisme, ou Beautés de la religion chrétienne*. Paris, Migneret, 1802, 5 vols.

DENIS, Ferdinand - *Atlas de la littérature portugaise in Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des arts [...]* par A. Jarry de Mancy. Paris, J. Renouard, 1831-1835.

- *Camoens et ses contemporains*, 1841. Este estudo foi também publicado in *Les Lusíades de L. de Camoens*, traduction: nouvelle, par Mme Ortaire Fournier et Desaulles, revue annotée et suivie de la traduction d'un choix des poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens. Paris, Charles Gosselin, 1841.

- *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris, Lecoq et Durey, 1826.

- "Vie de Camoëns" in *Camoens dans l'"Almanach des Muses"*, recueil des poésies contenues dans les "Almanachs des Muses" sur Camoëns et son oeuvre [...], Paris, S. Pitrat, 1891, pp. 11-40.

EHRHARDT, Marion - "As primeiras notícias alemãs acerca da cultura portuguesa" in M. Ehrhardt et al., *Portugal-Alemanha*. Coimbra, Livraria Almedina, 1980.

ESTORNINHO, Carlos (organ.) - *Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britânico*. Lisboa, s. ed., Maio/Junho de 1972 (Catálogo comemorativo do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas").

- "O culto de Camões em Inglaterra" in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1961, Ano VI, n.ºs. 23-24, pp. 152-169.

- J.J. Aubertin - *O melhor e o mais fiel tradutor inglês de Camões* (Subsídios para uma "História da Infiltração da Literatura Portuguesa em Inglaterra"). Coimbra, Faculdade de Letras, 1938.

GARRETT, Almeida - "Bosquejo da Historia da Poesia e Língua Portuguesa" in *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos* [...]. Paris, em casa de J.P. Aillaud, 1826, vol. I, pp. i-xvii.

A edição que utilizámos foi a incluída in *O Retrato de Venus e Estudos de Historia Literaria*. 3.^a ed., Porto, Ernesto Chardron, 1884, pp. 167-233.

GAUTIER, Mme H. - *Les Amours de Camoens et de Catherine d'Athaide*. Paris, Trouvé/Ponthieu et Cie., 1827, 2 vols.

Edição portuguesa: *Os Amores de Camões e de Catharina d'Athaide*; traduzidos do francez, por D. Maria Emilia de Macedo. Lisboa: Typ. de L. C. da Cunha, 1844, 2 vols.

HAYLEY, William - *An Essay on Epic Poetry; in five epistles to the Rev'd Mr. Mason, with notes*. London, J. Dodsley, 1782, pp. 276-277.

- JUROMENHA, Visconde de - *Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida augmentadas com algumas composições ineditas do poeta*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, vol. I, pp. 282-284.
- MOSER, Fernando de Mello - *Luís de Camões em Inglaterra*. Separata do vol. III d'*Os Lusíadas: Estudos sobre a projecção de Camões em culturas e literaturas estrangeiras*. Lisboa, Academia das Ciências, 1984.
- QUINET, Edgar - *Du Génie des Religions*. Paris, Charpentier, 1842. Publicado como *Le Génie des Religions* in *Oeuvres Complètes [...]*. Paris, Pagnerre, 1857, vol. I.
- SCHLEGEL, Karl Wilhelm Friedrich von - *Geschichte der alten und neuen Litteratur*. Vorlesungen, gehalten zu Wien im Jahre 1812 [...]. Wien, K. Schaumburg, 1815, 2 vols.
Edição francesa: *Histoire de la littérature ancienne et moderne*. Paris, Th. Ballimore, 1829, 2 vols.
- SENA, Jorge de - *Os Sonetos de Camões e o Soneto quinhentista peninsular*. 2.^a ed., Lisboa, Edições 70, 1980 (1.^a ed., Portugália Editora, 1968).
- SISMONDI, Jean Charles Leonard Simonde de - *De la littérature du Midi de l'Europe*. Paris, Treuttel et Würtz, 1813, 4 vols.
Edição inglesa: *Historical View of the Literature of the South of Europe [...]*. Translated from the original, with notes and a life of the author, by Thomas Roscoe. London, 1823, 4 vols.

SOUTHEY, Robert - "On Portuguese Literature" in *The Quarterly Review*, vol. I, nº 2 (May 1809), pp. 268-292.

Edição portuguesa: *Memoria sobre a litteratura portugueza*. Traduzida do inglêz. Com notas illustradoras do texto por J.G.C.M.] João Guilherme Christiano Muller]. S.l., s. ed., s.d.

- "Poems from the Portuguese of Luis de Camoens" in *Annual Review*, 1803, vol. II, pp. 569-577.

STRANGFORD, Lord Viscount [Percy Clinton Sydney Smythe]

- *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings*. London: Printed for J. Carpenter, 1803.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de - *Estudos Camonianos - II - O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

VOLTAIRE [François Marie Arouet] - *An Essay upon the Civil Wars of France, extracted from curious manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European nations from Homer down to Milton*. London, Samuel Jallason, 1727.

Edição francesa: *Essai sur la poésie épique*, 1743.

WEST, Sidney George - *Camoens in the periodical literature of the British Isles - 1771-1970*. Separata das "Actas da I Reunião Internacional de Camonistas". Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da publicação de "Os Lusíadas", 1973, p. 8.

- *A Projecção de "Os Lusíadas" através das traduções inglesas*. Separata da revista "Bracara Augusta", vol. XXV-XXVI, fascs. 59-62 (71-74), 1971-1972, p. 18.

4. Obras de carácter enciclopédico:

ALLIBONE, S. Austin - *A Critical Dictionary of English Literature and British and American Authors living and deceased from the earliest accounts to the latter half of the nineteenth century.* Philadelphia, J.B. Liffincott & Co., s.d., vol. II, p. 1717.

BOASE, Frederic (ed. lit.) - *Modern English Biography, containing many thousand concise memoirs of persons who have died between the years 1851-1900 with an index of the most interesting matter.* London, Frank Cass & Co. Ltd., vol. II, cols. 1689-1690.

BRYDGES, Sir Samuel Egerton - *A Catalogue of all the Works printed at the private press at Lee Priory in Kent: from its commencement in July 1813, till its termination in Jan. 1823* [with a Ms letter from Geneva by Sir E. Brydges, dated March 29, 1824, respecting the difficulty of transmitting books to England]. Geneva, 1824.

CHAUFEPIÉ, Jacques George de - *Nouveau dictionnaire historique pour servir de supplément au Dictionnaire historique et critique de M. Pierre Bayle [...].* Amsterdam, Z. Chatelain, 1750, vol. II, pp. 18-24.

CUSHING, William - *Anonyms: A dictionary of revealed authorship.* Cambridge, Published by —, 1889, p. 55, p. 430 e p. 643.

- DIDEROT, Denis - *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par une société de gens de lettres [...]*. A. Neufchâtel, chez Samuel Faulche & Compagnie, Libraires & Imprimeurs, MDCCLXV, vol. IX, pp. 572-573.
- HALKETT, Samuel and LAING, Rev. John - *A Dictionary of the Anonymous and Pseudonymous Literature of Great Britain. Including the work of foreigners written in, or Translated into the English language*. Edinburgh, 1883, vol. II, cols. 1631-1632.
- HOEFER, Dr (dir.) - *Nouvelle Biographie Générale, depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours [...]* publiée par Mm. Firmin Didot Frères, sous la direction de M. de ———. Paris, Firmin Didot Frères, Éditeurs, MDCCCLV, t. XIII, cols. 638-641.
- LEE, Sidney (ed.) - *Dictionary of National Biography*. London, Smith, Elder, & Co., vol. III, pp. 144-146; vol. XVI, pp. 546-547; e vol. XVII, pp. 15-17.
- LOWNDES, William Thomas - *The Bibliographer's Manual of English Literature, containing an account of rare, curious, and useful books, published in or relating to Great Britain and Ireland, from the invention of Printing; with bibliographical and critical notices, collations of the rarer articles, and the prices at which they have been sold*. London, Henry G. Bohn, 1864, vol. IV, p. 2025 e vol. VI (Appendix), pp. 218-225.
- MORERI, Louis - *Le Grand Dictionnaire Historique, ou le mélange curieux de l'histoire sacrée et profane [...]*. 8^e édition, Amsterdam, chez George Gallet, MDCXCVIII, vol. II, p. 31 (1^a ed., 1674).

O'DONOGHUE, David J. - *The Poets of Ireland. A Biographical Dictionary (With bibliographical particulars)*. In three parts. Printed for the Author by the Paternoster Stream Press, 1892-93, Part 3, p. 210.

WARD, William (compil.) - *Literary Reviews in British Periodicals - 1798-1820. A Bibliography with a supplementary list of General (Non-Review) Articles on Literary Subjects*. Compiled by —. New York & London, Garland Publishing, Inc., 1972, vol. II, p. 457.

5. Varia:

- *A picture of Lisbon*. London: Henry Colburn, 1809, p. 50.

CABRAL, Adolfo - *Southey e Portugal - 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, Papelaria Fernandes, 1959.

CARRÈRE, Joseph Barthélemy François - *Tableau de Lisbonne en 1796; suivi de lettres écrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce Royaume*. Paris, H.J. Jansen, An. VI [1798].

- *Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne ou Tableau Moral, Civil, Politique, Physique et Religieux de cette capitale [...]*. Paris, Detterville, 1798.

CAZENAVE, Jean - "Le roman hispano-mauresque en France" in *Revue de Littérature Comparée*, cinquième année, n° 4 (Oct-Dec), 1925, pp. 594-640.

- CHAVES, Castelo Branco - *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, col. "Biblioteca Breve", 1977.
- HALLIDAY, Andrew - *Observations on the Present State of the Portuguese Army, as organised by lieutenant general W. Carr Beresford*. London, John Murray, 1811.
2.^a edição: *The present state of Portugal, and of the Portuguese Army. With an epitome on the ancient history of that Kingdom, a sketch of the campaigns of the marquis of Wellington for the last four years; and observations on the manners and customs of the People, agriculture, commerce, arts, science and literature*. Edinburgh, G.R. Clarke, 1812.
- HIBBERT, Christopher - *The Grand Tour*. London, Hamlyn, 1974 (1.^a ed., 1969).
- HOPKINS, Kenneth - *The Poets Laureate*. London, The Bodley Head, 1954.
- JACKSON, Lady Catherine Charlotte - *Fair Lusitania*. London, Richard Bentley, 1874, p. 89.
Edição portuguesa: *A Formosa Lusitania*, por Catharina Carlota, Lady Jackson. Versão do inglês, prefaciada e anotada por Camillo Castello Branco. Porto, Livraria Portuense, Editora, 1877, p. 107.
- KINGSTON, William Henry Giles - *Lusitanian Sketches of the pen and pencil*. London, John W. Parker, 1845, vol. I, p. 267.
- KINSEY, Rev. William Morgan - *Portugal illustrated: in a series of letters*. 2.nd ed., London, Treuttel and Würtz, Treuttel Jun. and Richter, 1829 (1.^a ed., 1828).

LANGENES, Barent (ou Bernardt) - *Caert-thresoor, inhouden de de Tafelen des gantsche werelts landen met beschryvingen verlicht tot lust vanden leser nu alles van nieuss met groote costen en arbeyt toegereet* Tot Middelburch by Barent Langenes ende men vintse Te coop by Cornelis Claesz, 1598, 2 vols.

Edição francesa: *Thrésor de Chartes contenant les tableaux de Tous les pays du monde, enrichi des belles descriptions, & nouvellement mis en lumière*. Amesterdam, A. la Haye, de l'imprimerie d'Albert Henry, pour Corneille Nicolas, 1602.

LINK, Heinrich Friedrich - *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*. Kiel, 1801-1804, 3 vols.

Edição inglesa: *Travels in Portugal and through France and Spain. With a dissertation on the Literature of Portugal and the Spanish and Portuguese languages*. Translated from the German by John Hinckley, Esq., with notes by the Translator. London, 1801.

NODIER, Jean Emmanuel Charles - *Histoire des Sociétés Secrètes de l'Armée, et des conspirations militaires qui ont eu pour object la destruction du gouvernement de Bonaparte*. Paris, Gide Fils, 1815.

Edição inglesa: *History of the secret societies of the army, and of the military conspiracies which had for their object the destruction of Bonaparte*. Translated from the French. London, Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1815.

QUILLINAN, Dora - *Journal of a few months' residence in Portugal and glimpses of the South of Spain.* London, Edward Moxon, 1847.

RODD, Thomas (Trad.) - *Las guerras civiles; or the civil wars of Granada; and the history of the factions of the Zegries and Abencerrages to the final conquest by Ferdinand and Isabella.* Translated from the Arabic of Abenhamin by Gines Perez de Hita, and from the Spanish by ———. London, J. Bonsor, 1803.

SOUTHEY, Robert - *History of the Peninsular War.* London; John Murray, 1823, vol. I; 1827, vol. II; 1832, vol. III.

WALTER, Felix - *La littérature portugaise en Angleterre à l'époque romantique.* Paris, Librairie Honoré Champion, 1927, pp. 117-118.

6. Outras obras citadas neste trabalho:

- *Extractos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente accentuadas, para facilitar o Estudo d'aquella Lingoa.* London, Wingrave, 1808.

- *Florilegio Camoniano.* Porto, Livraria Camões de Fernandes Possas, 1887, nº 1.

AUBERTIN, J.J. (trad.) - *The Lusiads of Camoens.* Translated into English Verse by ———. London, C. Kegan Paul, 1878, 2 vols.

(trad.) - *Seventy Sonnets of Camoens.* Portuguese text and translation with original poems by ———. London, C. Kegan Paul, 1881.

AYRES, Philip (trad.) - *Lyríc Poems made in imitation of the Italians. Of which, many are translations from other languages.* London, J.M. for J.Knight & F. Saunders, 1687, p. 67.

BACELAR - "A Hum Rouxinol prezo cantando. Soneto" in *A Fenis Renascida: ou Obras Poeticas Dos melho-res engenhos Portuguefes [...]*. Publica-o Mathias Pereyra da Sylva. Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Lopes Ferreyra [...]. Anno MDCCXVII, vol. II, p. 86.

BOWLES, William Lisle - *Fourteen sonnets, elegiac and descriptive. Written during a tour [...]*. Bath, Printed by R. Crutwell, 1789.

2.^a edição: *Sonnets, written chiefly on picturesque spots, during a tour [...]*. The second edition, corrected with additions. Bath : R. Crutwell, 1789.

BURTON, Sir Richard Francis (trad.) - *Camoens. The Lyrics (Sonnets, Canzons, Odes and Sextines).* Englished by ———. London, Bernard Quaritch, 1884, 2 vols.

- *Os Lusíadas (The Lusíads).* Englished by ——— (Edited by his wife, Isabel Burton). London, Bernard Quaritch, 1880, 2 vols.

BYRON, Lord [George Gordon] - *The Poetical Works of ———.* London, Oxford University Press, 1950.

CAMÕES, Luís de - *Rimas [...]*. Acrescentadas nesta segunda impressão. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1598.

- *Rimas várias de Luís de Camões [...]* comentadas por Manuel de Faria e Sousa [...]. Lisboa, Teotonio Damaso de Melo, 1685, vol. I.

- CASTRO, Aníbal Pinto de - *Coimbra no pensamento e na obra de Afonso Lopes Vieira*. Coimbra, Coimbra Editora, 1979, Apêndice II, p. 70.
- CRISTÓVÃO, Fernando - *Marília de Dirceu de Tomãs Antônio Gonzaga ou a Poesia como imitação e pintura*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- DENIS, Ferdinand (trad.) - *Chefs-d'oeuvres des théâtres étrangers [...]*. Traduits en Français, Paris, chez Ladvocat, MDCCCXXIII, t. XIV.
- *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du Tisserand de Ségovie, drame du XVII^e siècle* [de J. Ruiz de Alarcon]. Paris, Ledoyen, 1839, vol. I; Paris/Leipzig, Destorges et Cie., 1840, vol. II.
- (trad.) - "Inez de Castro" e "Le Jaloux" in *Théâtre Européen*. Paris, Guérin et Cie., 1835, t. XVI.
- *Luiz de Sousa*. Paris, C. Gosselin, 1835, 2 vols.
- DUFF, Robert French (trad.) - *The Lusiad of Camoens*. Translated into English Spenserian Verse by ———. Lisbon, National Printing Office, 1880.
- FEIO, J.V. Barreto e MONTEIRO, José Gomes (eds. *lits.*) - *Obras de Gil Vicente, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de ———*. Hamburgo, na officina Typographica de Langhoff, 1834, 3 vols.
- GARNETT, Richard (trad.) - *Dante, Petrarch, Camoens*. CXXIV Sonnets Translated by ———. London, John Lane, 1896.
- GARRETT, Almeida - *Romanceiro*. Lisboa, Typographia da Sociedade de Propaganda de Conhecimentos Uteis, 1843, vol. I; 1851, vols. II e III.

GONZAGA, Tomás Antônio - *Marília de Dirceu. Liras. Precedidas de uma notícia biográfica e do juízo crítico dos autores estrangeiros e nacionais*. Rio de Janeiro, Livraria de B.L. Garnier, 1862, t. I, pp. 19-21.

Edição original: *Marília de Dirceu*. Por T.A.G. Lisboa, Na Typographia Nunesiana. Anno MDCCXCII, pp. 5-8 e pp. 19-23.

HEMANS, Felicia - *The Sceptic. A Tale of the Secret Tribunal. The siege of Valencia. And other Poems*. Edinburgh, William Blackwood & Sons; London, Thomas Cadell, MDCCCXL.

(trad.)- *Translations from Camoens, and other Poets, with original poetry, by the author of 'Modern Greece', and the 'Restoration of the Works of Art to Italy'*. Oxford: Printed by S. and J. Collingwood; for J. Murray, London; and J. Parker, Oxford, 1818.

JUNK, Johann Andreas von - *Portugiesische Grammatik. Nebst einigen Nachrichten von der Portugiesischen Litteratur, und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind*. Frankfurt an der Oder, bei Carl Gottlieb Strauss, 1778.

LANDOR, Walter Savage - *A Satire on Satirists and Admonition to Detractors*. London, Saunders & Otley, 1836.

LOCKHART, John Gibson - *Ancient Spanish Ballads, historical and romantic*. Edinburgh; William Blackwood and T. Cadell, 1823.

- *Peter's letters to his kinsfolk*. 2nd ed., Edinburgh, William Blackwood, 1819, 3 vols.

- MICKLE, William Julius (trad.) - *The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem.* Translated from the original Portuguese of Luis de Camoëns, by ——. Oxford, Jackson and Lister, 1776.
- MITCHELL, Sir Thomas Livingston (trad.) - *The Lusiad of Luis de Camoens*, closely translated by Lt.Col. ——. London, T. & W. Boone, 1854.
- MUSGRAVE, Thomas Moore (trad.) - *The Lusiad, an epic poem, by Luis de Camoens.* Translated from the Portuguese by ——. London, John Murray, 1826.
- O'HAYDEN, John (ed. lit.) - *William Wordsworth-The Poems.* Harmondsworth, Penguin Books, 1977, vol. II, pp. 509-510, pp. 790-794 e pp. 903-906.
- OLIVEIRA, Carlos de - *Terra de Harmonia.* Lisboa, Centro Bibliográfico, 1950.
- *Trabalho Poético.* Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982, pp. 62-63.
- PINKERTON, John - *Ancient Scottish Poems; never before in print [...].* Prefixed are an essay on the origin of Scottish Poetry [...]. London; C. Dilly, 1786, 2 vols.
(ed. lit.) - *Scottish Tragic Ballads*, edited by ——. London, J. Nichols, 1781.
- RODD, Thomas - *Ancient Ballads from the Civil Wars of Granada, and the Twelve peers of France, dedicated [...]* to the Right Honourable Lady Georgiana Cavendish, by ——. London, For the author, 1801.
- RUSSELL, Thomas - *Sonnets and Miscellaneous Poems.* Oxford, 1789.

- SCHLEGEL, August Wilhelm von - *Blumenstrasse Italidnischer, Spanischer, und Portugiesischer Poesie*. Berlin, in der Realschulbuchhandlung, 1804.
- SCOTT, Sir Walter - *The Vision of Don Roderick; a poem*. Edinburgh, 1811.
- SOUSA, Manuel de Faria e - *Epitome de las Historias Portuguesas dividido en quatro partes*. En Madrid, Por Francisco Martinez, 1628, 2 vols.
- *Europa Portuguesa*. 2.^a edicion correcta, ilustrada y añadida en tantos lugares, y con tales ventajas, que es labor nueva. Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello, 1678, vol. I; 1679, vol. II; e 1680, vol. III.
- SOUTHEY, Robert - *Roderick, the Last of the Goths*. London, 1814.
- SURREY, Earl of et.al. - *Songes and Sonetes written by the right honourable Lord Henry Haward late ——— and other*. London, Apud Richardum Tottel, 1557.
- THOMÁS, Pedro Fernandes - *Cantares do Povo (Poesia e Musica)* (Prefaciado por Antonio Arroyo). Coimbra, F. França Amado, Editor, 1919, pp. 3-5.
- VASCONCELOS, António Ribeiro de - *Inês de Castro - Estudo para uma série de lições no curso de História de Portugal*. Porto, Edições Marques Abreu, 1928, pp. 152-167.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de e BRAGA, Teófilo - *Geschichte der Portugiesischen Litteratur*. Herausgegeben von Gustav Gröber. Strassburg, Karl J. Trübner, 1894, in *Grundriss der romanischen Philologie*, vol. IV.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de - *A Saudade Portuguesa*. 2.^a edição revista e acrescentada. Porto, Renascença Portuguesa; Lisboa, Seara Nova; Rio de Janeiro, Annuario do Brasil, 1924 (1.^a ed., 1914).

WALPOLE, Horace - *The Castle of Otranto, a story*. Translated by William Marshall, Gent. From the Original Italian of Onuphrio Muralto, Canon of the Church of St. Nicholas at Otranto. London: Printed for Tho. Lownds, MDCCLXV.

WARTON, Thomas - *Poems*. A new edition, with additions. London, Printed for T. Becket, 1777.



Í N D I C E

	Pág.
- AGRADECIMENTO	2
- SUMÁRIO	4
I - A LITERATURA PORTUGUESA NO ESTRANGEIRO	5
Notas	22
II - O HOMEM E O ESCRITOR	33
Notas	79
III - LEMBRANÇAS DE PORTUGAL	93
Notas	151
IV - UMA VISÃO DE ROMANCE	161
Notas	214
V - EM JEITO DE CONCLUSÃO	222
- APÊNDICE	227
- BIBLIOGRAFIA	244